

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 35 • 2025



Editor científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2025

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)
- Professor Doutor Mário Barroca (Universidade do Porto)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 35 • 2025 ISSN: 0872-6086

DOI: 10.5281/zenodo.15005592

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2730-085 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

OS DOIS EPISÓDIOS DE UTILIZAÇÃO DA ANTA DO ALTO DA FETEIRA (POMBAL, LEIRIA) E O MEGALITISMO NO LITORAL-CENTRO DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS, ENTRE O NEOLÍTICO MÉDIO E O NEOLÍTICO FINAL *

THE TWO EPISODES OF USE OF THE ALTO DA FETEIRA DOLMEN (POMBAL, LEIRIA) AND THE MEGALITHISM ON THE COASTAL CENTRE OF THE PORTUGUESE TERRITORY, BETWEEN THE MIDDLE NEOLITHIC AND THE LATE NEOLITHIC

João Luís Cardoso¹ & Marco António Andrade²

Abstract

The dolmen of Alto da Feteira (municipality of Pombal, district of Leiria) corresponds to a megalithic tomb built using local limestone slabs, identified and excavated in the 1960s by Luís de Albuquerque e Castro and Octávio da Veiga Ferreira, having provided a votive set indicating two probable use phases: a first one, relating to the Middle Neolithic, characterized by the presence of geometric armatures, small unretouched flint blades and bladelets, bracelets on *Glycymeris* valve and probably polished stone tools in sillimanite; a second one, already related to the Late Neolithic (which may extend to the Early Chalcolithic), characterized by the presence of arrowheads, halberds, large retouched flint blades, pottery (including carinated bowls), sandstone and greywacke plaques and adornment elements (including bone pins with channelled head and «green stone» and lignite beads). For this last phase, radiocarbon dating is available, centred on the last third of the 4th millennium BC (median probability: 3210 cal BCE 2 σ ; mean: 3243 cal BCE 2 σ).

This paper intends to present the integrated study of this monument, describing two use moments immediately succeeding in Time, framing it in the context of Megalithism in the coastal centre of the Portuguese territory (between the northern edges of the Estremadura Limestone Massif and the lower course of the Mondego River), and in the evolutionary levels of the megalithic phenomenon in Western Iberia, between the Middle Neolithic and the Late Neolithic.

Keywords: Alto da Feteira; Megalithism; Middle Neolithic; Late Neolithic.

1 – INTRODUÇÃO

O Megalitismo do litoral-centro do território português é conhecido desde os trabalhos pioneiros de António dos Santos Rocha, desenvolvidos durante as últimas décadas do século XIX nos monumentos da área

* Desenhos dos espólios de Filipe Martins. Fotos dos espólios de João Luís Cardoso. Fotos modernas de terreno de Cláudia Neves, do Grupo Protecção Sico (GPS), ONGA com sede em Pombal.

¹ Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras; ICArEHB (Universidade do Algarve); Universidade Aberta (Lisboa); cardoso18@netvisao.pt

² Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; marcoandrade@edu.ulisboa.pt

da Figueira da Foz, tendo identificado e escavado um importante conjunto de mais de duas dezenas de sepulcros dispostos ao longo das serras da Boa Viagem, Brenha e Alhadas, sobranceiras ao paleo-estuário do Rio Mondego, assim como uma significativa série de espaços habitacionais cujas cronologias se estendem do Neolítico Antigo em diante (ROCHA, 1888; 1891; 1895; 1900; 1949).

A relevância deste grupo de monumentos, evidenciada logo após a sua escavação e pronta publicação foi, mais tarde, salientada por António Vitor Guerra e Octávio da Veiga Ferreira, destacando-se desde logo a sua relação cultural directa com o megalitismo da região de Lisboa e, indirectamente, com o Sudeste peninsular (GUERRA & FERREIRA, 1968/1970).

Com efeito, tanto a nível das características arquitectónicas dos monumentos como da composição dos seus mobiliários votivos (BOAVENTURA, 2009; ANDRADE et al., 2024), a conexão com os sepulcros da península de Lisboa é evidente, reforçada pela presença de taças campaniformes *tipo Palmela* na anta do Cabeço dos Moinhos, na gruta de Eira Pedrinha ou na gruta da Buraca Grande (LEISNER, 1998, Taf. 86; CORRÊA & TEIXEIRA, 1949; MOURA & AUBRY, 1995).

É entre estes dois ambientes geográficos que se encontra o «território de charneira» que é constituído pelos maciços calcários de Condeixa, Sicó e Alvaiázere, de acordo com os critérios estabelecidos (CUNHA, 1990), o qual inclui várias evidências megalíticas (cf. análise recente em SIMÕES, 2023). Esta «unidade geomorfológica», englobando os concelhos de Condeixa-a-Nova, Pombal, Soure, Penela, Ansião e Alvaiázere, constituiu-se como amplo corredor de circulação estabelecido no sentido longitudinal do território, enquadrado pelos relevos das Serras do Rabaçal e de Sicó, a Oeste, e das Serras de Penela e Alvaiázere, a Este, constituindo charneira entre as bacias dos rios Tejo e Mondego.

Com efeito, encontrando-se na transição entre a Estremadura e a Beira Litoral, na aba setentrional do Maciço Calcário Estremenho, e o baixo curso do Rio Mondego, a integração cultural dos monumentos aqui documentados permitiu definir eixos de ligação entre aquelas duas regiões (e, a partir daqui, com a região do médio-alto curso do Rio Mondego, como já fora referido por António Santos Rocha).

É neste contexto que se integra a anta do Alto da Feteira, primeiramente identificada, e depois escavada, estudada e publicada por Luís de Albuquerque e Castro e Octávio da Veiga Ferreira no final da década de 1960, no âmbito dos trabalhos de cartografia geológica então por ambos desenvolvidos na região (CASTRO E FERREIRA, 1969/1970).

Trata-se de sepulcro megalítico de dimensões médias, cujos espólios indicam dois momentos distintos de uso, subsequentes mas culturalmente distintos: o mais antigo, do Neolítico Médio; o mais recente, do Neolítico Final, podendo este último prolongar-se pelo Calcolítico Inicial.

Com base na análise das características tecno-tipológicas dos espólios recuperados, assim como do resultado de datação absoluta realizada sobre amostra de alfinete de osso, ensaia-se no presente trabalho a caracterização crono-cultural dos dois episódios de uso da anta do Alto da Feteira, procurando integrá-la no desenvolvimento do fenómeno megalítico a nível regional, assim como nas redes de interacção cultural e dinâmicas sociais que lhe estão associadas.

2 – LOCALIZAÇÃO E ARQUITECTURA

A anta do Alto da Feteira (CNS 3024) localiza-se administrativamente no distrito de Leiria, concelho e freguesia de Pombal, a cerca de 330 m a Noroeste da povoação da Arroiteia e a cerca de 650 m a Norte da povoação de Pousios (Figs. 1 e 2). Situar-se-ia aproximadamente, de acordo com a localização apresentada por

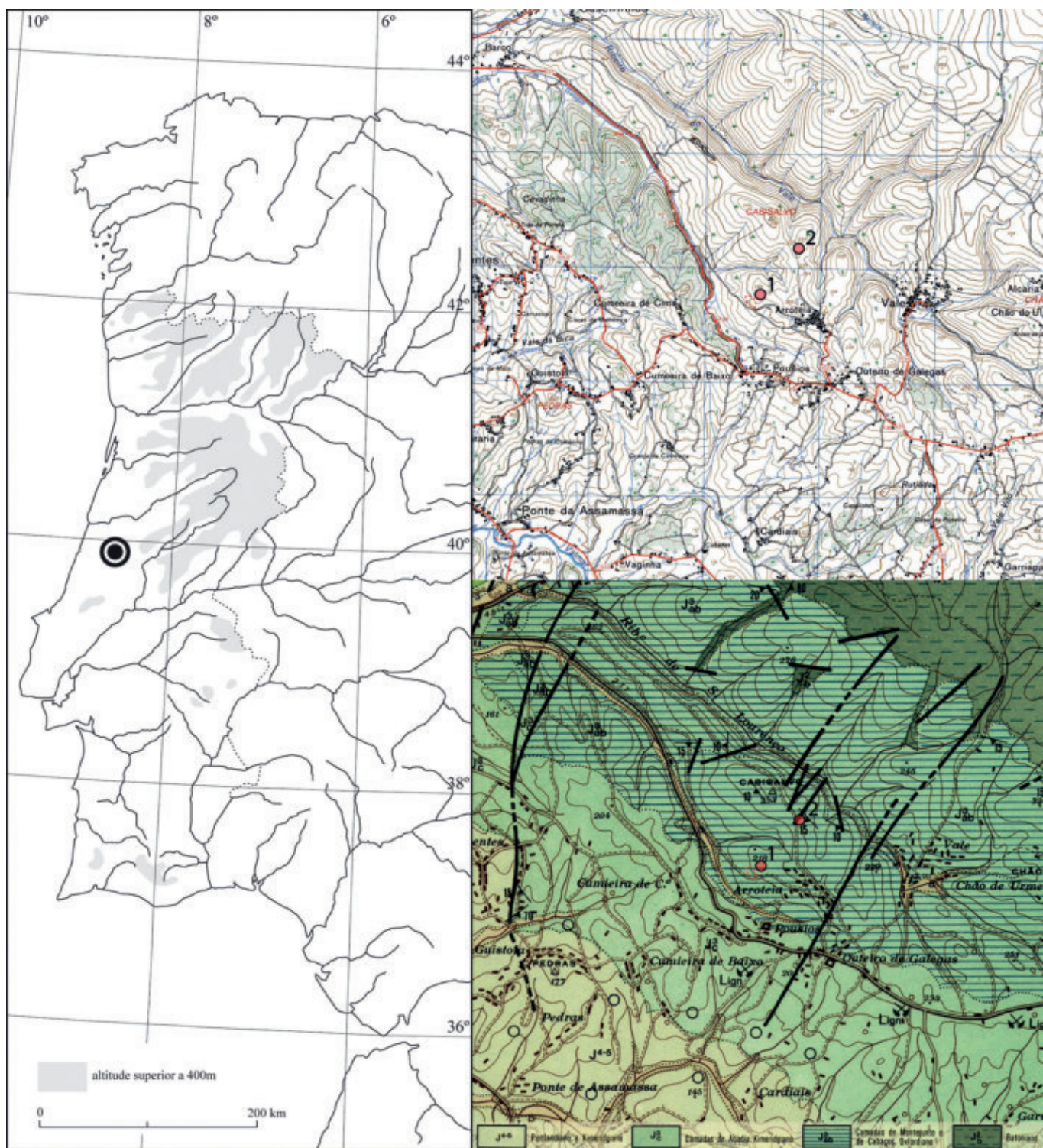


Fig. 1 – À esquerda, localização da anta do Alto da Feteira no Ocidente peninsular. À direita, situação da anta do Alto da Feteira (1) na folha n.º 274 da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25000) (em cima) e na folha n.º 23A da Carta Geológica de Portugal (esc. 1:50000) (em baixo), indicando-se igualmente a situação da anta do Alto da Carrasqueira (2); posição da anta do Alto da Feteira de acordo com a informação cartográfica apresentada em CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 50, Fig. 1; a elipse tracejada indica a área de acumulação de lajes de calcário a Sudoeste da área de implantação provável do monumento.

Luís de Albuquerque e Castro e Octávio da Veiga Ferreira (1969/1970, p. 50, Fig. 1), na folha n.º 274 da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25000), nas seguintes coordenadas UTM (*datum* ED1950):

M: 535484,99

P: 4416772,49

Ou, em coordenadas geográficas (*datum* WGS84):

Latitude: 39°53'54,11"N

Longitude: 08°35'10,76"W

A anta, aquando da sua identificação e exploração arqueológica (CASTRO & CASTRO, 1966; CASTRO & FERREIRA, 1969/1970) encontrava-se já muito afectada, com os esteios fracturados praticamente ao nível do solo, conservando apenas cerca de 1/3 do seu volume original. Esta severa afectação terá sido motivada pela exploração local de pedra. Actualmente, não subsistem quaisquer vestígios deste monumento: o que restaria da sua estrutura terá sido desmantelado durante as últimas décadas do século passado por acções de limpeza do terreno com vista ao plantio de vinha, encontrando-se a área onde se implantaria o sepulcro ocupada

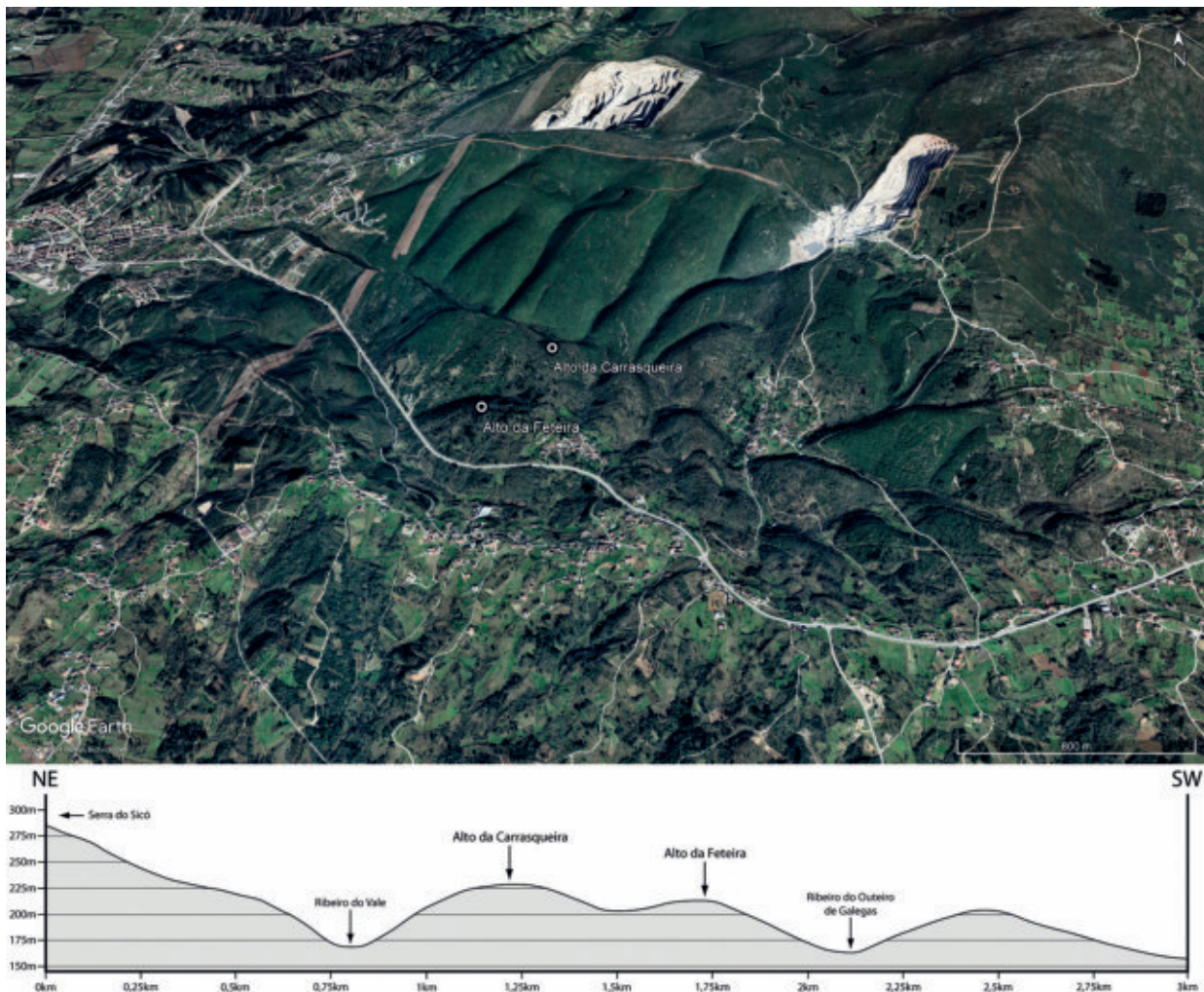


Fig. 2 – Em cima, vista aérea oblíqua (desde Sul) do enquadramento paisagístico das antas do Alto da Feteira e Alto da Carrasqueira, nos contrafortes Sudoeste da Serra do Sicó (base: Google Earth Pro, 2024). Em baixo, perfil topográfico NE-SW da área das antas do Alto da Feteira e Alto da Carrasqueira, entre os vales do Ribeiro dos Vales e do Ribeiro do Outeiro de Galegos, a Sudoeste da Serra do Sicó.

presentemente por pinhal. Segundo informações cedidas pelo Grupo Protecção Sicó (GPS), ONGA com sede em Pombal, a cerca de 120 m a Sudoeste da localização provável do monumento encontra-se um conjunto de lajes de calcário com aparência de esteios acumuladas no limite da propriedade durante acções de limpeza, sendo possível que algumas destas lajes correspondam aos esteios do megálito (Fig. 4).

Existiria um segundo monumento próximo deste, assinalado por Vera Leisner, referindo apenas a informação recolhida na curta nota publicada em 1966 de Luís de Albuquerque e Castro e Helena Maria de Albuquerque e Castro (cf. LEISNER, 1998, p. 143). Trata-se do dólmen do Alto da Carrasqueira (CNS 3026), já assinalado por Luís de Albuquerque e Castro e Octávio da Veiga Ferreira, localizando-se a cerca de 520 m a Nordeste da anta do Alto da Feteira (cf. CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 41 e p. 50, Fig. 1), estando-lhe assim espacialmente associado. Este monumento, felizmente, conservou-se em muito bom estado, tendo sido, recentemente, objecto de um cuidadoso estudo de recuperação e consolidação por parte do Grupo Protecção Sicó (GPS).

De acordo com a folha n.º 23A da Carta Geológica de Portugal (esc. 1:50000), ambos os monumentos se encontram implantados em mancha de calcários oxfordianos («Camadas de Montejunto e de Cabaços», Jurássico Superior) orlando os níveis de calcários batonianos/bajocianos (Jurássico Médio) que constituem o núcleo do Maciço de Sicó a Nordeste, contornados pelos estratos de calcários portlandianos e kimmeridgianos (Jurássico Superior) a Sudoeste (MANUPPELLA, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1978).

Encontram-se instalados nos relevos que constituem os contrafortes Sudoeste da Serra do Sicó, no interflúvio do ribeiro do Vale (ou de São Lourenço) – ribeiro do Outeiro de Galegas, com o Alto da Feteira na encosta voltada a Sudoeste para o segundo curso de água e o Alto da Carrasqueira sobre a linha de cumeada), sendo os ditos cursos de água afluentes da Ribeira de Valmor, subsidiária do Rio Arunca, que por sua vez é tributária do rio Mondego.

A anta do Alto da Feteira corresponde a sepulcro que incorpora lajes de calcário local, conservando à época da sua escavação e segundo a planta então elaborada, uma câmara poligonal de seis esteios organizados a partir do grande esteio de cabeceira (colocado no lado noroeste), com dois esteios no lado nordeste e três esteios no lado sudoeste, posicionados de modo imbricado, encontrando-se inclinados em cerca de 45° para o interior; os intervalos entre os esteios encontravam-se colmatados com blocos pétreos, principalmente evidentes nas laterais do esteio de cabeceira.

A câmara apresentava cerca de 3,30 m de diâmetro longitudinal e cerca de 3,10 m de diâmetro transversal, com cerca de 0,80/0,90 m de altura conservada. Encontrava-se aberta a sudeste, não conservando vestígios de corredor, sendo que a recolha de espólio na área de acesso à câmara, e no seu exterior imediato, faria supor que este teria eventualmente existido. Dele restaria apenas um pilarete paralelepípedo colocado à entrada da câmara e do seu lado direito, como que assinalando a transição desta para o suposto corredor (Figs. 3 e 4). É referida ainda a possível existência de um «nicho» constituído por blocos pétreos formando murete, encontrando-se os blocos que o compunham deslocados e misturados com o espólio arqueológico (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 41-42).

Segundo os referidos autores, os depósitos de enchimento da câmara megalítica encontravam-se já remediados (principalmente no âmbito das afectações acima referidas); contudo, foi possível registar concentrações e associações específicas de materiais votivos e elementos osteológicos humanos, com conotação crono-cultural, indicando possíveis utilizações diferenciadas do espaço útil do monumento ao longo das suas utilizações funerárias (como veremos abaixo).

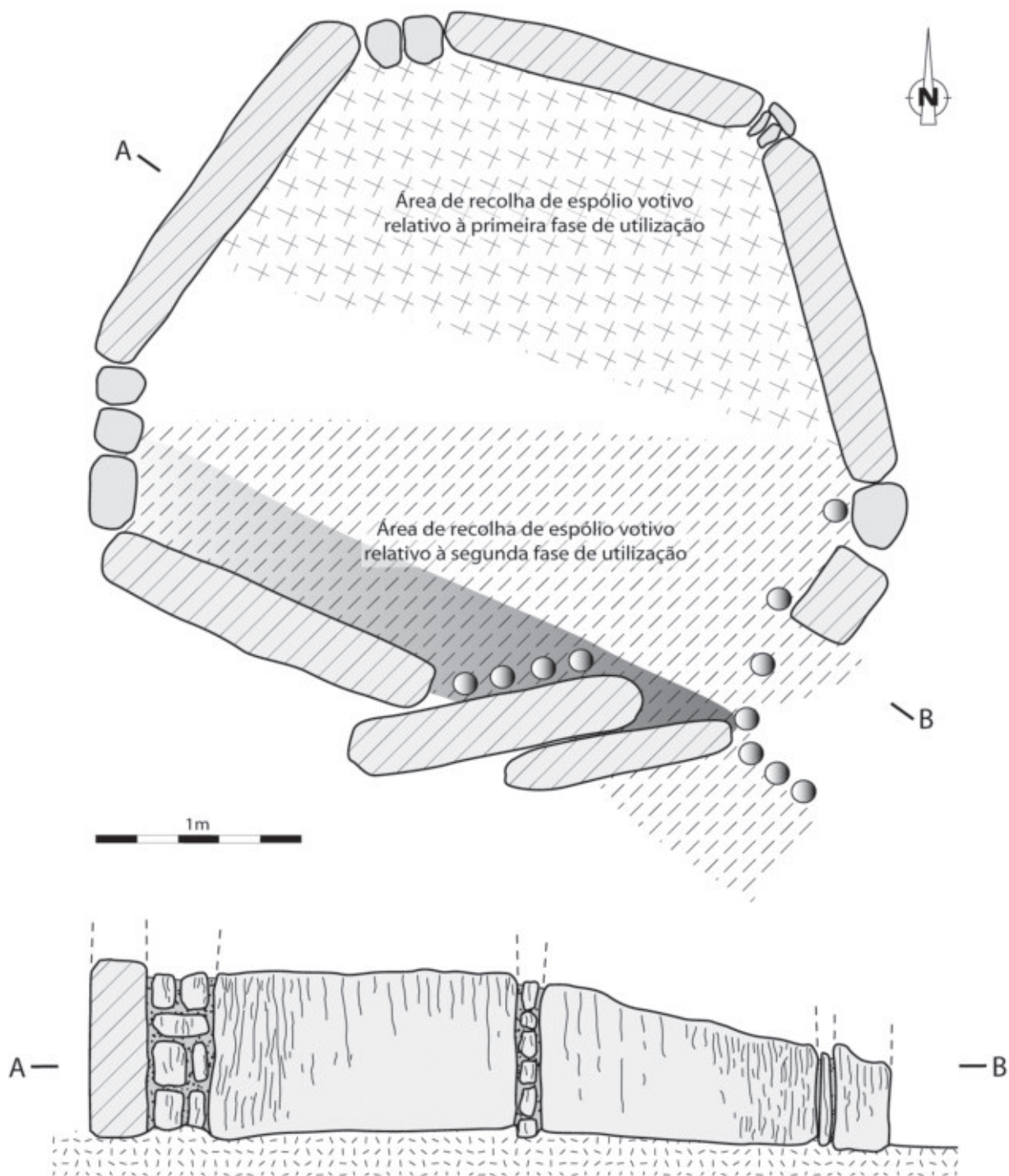


Fig. 3 – Planta e alçado Norte da anta do Alto da Feteira (redesenhado a partir de CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 51, Fig. 2). A trama no lado norte da câmara indica a área de recolha de espólio «arcaico» (nomeadamente, armaduras geométricas); a trama no lado sul da câmara indica a área de recolha de espólio «evoluído»; a banda cinzenta indica a área de concentração de restos osteológicos humanos; os círculos indicam a posição de crânios.

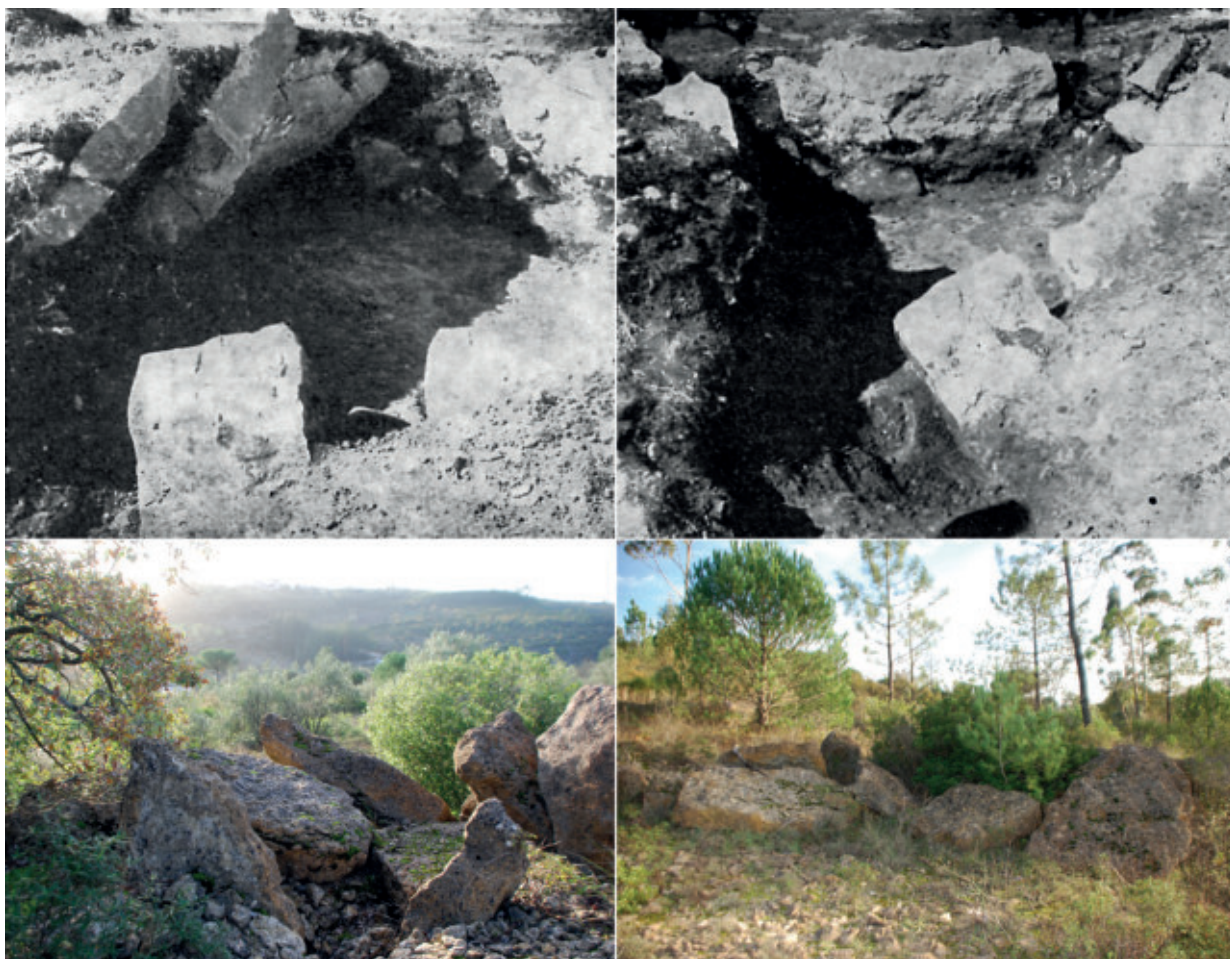


Fig. 4 – Em cima, aspectos da anta do Alto da Feteira à época da sua escavação (adaptado de CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, Est. I), vista de Nordeste (à esquerda), notando-se a colocação dos esteios imbricados do lado Sudoeste da câmara e a colmatação dos espaços vazios entre eles com blocos pétreos. À direita, vista de Sudeste, desde a entrada, notando-se o esteio de cabeceira ao fundo. Em baixo, aspectos das lajes de calcário, algumas com aparência de esteios, acumuladas no limite da propriedade onde se localizaria a anta do Alto da Feteira, a cerca de 120 m da área de implantação provável do monumento (fotos de Cláudia Neves, Grupo Proteção Sico (GPS, Dezembro de 2018).

3 – MOBILIÁRIO

Os conjuntos artefactuais recuperados na anta do Alto da Feteira, todos eles pertencentes ao acervo do Museu Geológico (LNEG), onde foram estudados, incluem elementos integrados nas seguintes categorias: *artefactos de pedra lascada*, *artefactos de pedra polida*, *artefactos de pedra afeiçãoada*, *recipientes cerâmicos*, *elementos de adorno* e *outros artefactos de osso ou concha*, para além de elementos de fauna mamalógica e malaológica, e restos osteológicos humanos.

3.1 – Artefactos de pedra lascada (Figs. 6, 7, 8, 12 e 13)

Esta categoria inclui armaduras geométricas, pontas de seta, produtos alongados (lâminas e lamelas), grandes pontas foliáceas (alabardas), núcleos e lascas/restos de talhe.

Foram recolhidas seis armaduras geométricas: quatro trapézios e dois crescentes (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 43). Contudo, apenas três trapézios foram localizados presentemente no Museu Geológico sendo que, dos crescentes, um deles corresponde a uma pequena lasca ou flanco de núcleo de sílex de contorno sensivelmente semi-circular.

Os trapézios enquadram-se, de acordo com critérios definidos anteriormente (MATALOTO, ANDRADE & PEREIRA, 2016/2017, p. 113-114, Fig. 54), nos grupos de trapézios assimétricos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas (Tipo 1B) (Fig. 6, n.º 21; Fig. 13, n.º 17) e de trapézios rectângulos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas (Tipo 1C) (Fig. 6, n.º 19-20; Fig. 12, n.º 18 e 20). Um destes elementos (Fig. 6, n.º 19; Fig. 13, n.º 18) poderia corresponder alternativamente, dada a concavidade da truncatura basal, a um elemento do Tipo 1D (trapézios rectângulos com truncatura basal côncava a muito côncava); contudo afasta-se das características morfológicas estritas dos elementos deste tipo, assumidos como mais tardios. De secção trapezoidal e triangular, obtidos sobre segmentos de pequenas lâminas, apresentam entre 2,65 cm e 3,15 cm de comprimento para entre 1,25 cm e 1,53 cm de largura e entre 0,23 cm e 0,34 cm de espessura (Fig. 5). O trapézio ausente da colecção, corresponde aparentemente a um exemplar de Tipo 1A (trapézios simétricos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas), apresentando, segundo a descrição fornecida (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 45 e Est V, n.º 53), cerca de 3,5 cm de comprimento, 0,9 cm de largura e 0,3 cm de espessura.

O crescente integra-se no tipo dos crescentes simples (Tipo 2A) (Fig. 6, n.º 18; Fig. 13, n.º 19), podendo classificar-se também no Tipo 1A (trapézios simétricos), apresentando truncaturas ligeiramente convexas, quase se fundindo no bordo esquerdo (fazendo assim assemelhar-se a um crescente). Possui 2,88 cm de comprimento, 1,22 cm de largura e 0,31 cm de espessura, sendo de secção trapezoidal e produzido sobre segmento de pequena lâmina.

Este conjunto enquadra-se assim nas produções características de uma etapa crono-cultural relativa ao pleno Neolítico Médio (ou a uma fase inicial do Neolítico Final), tendo sido recolhidos exclusivamente na área norte da Câmara, junto ao solo da base do sepulcro (cf. Fig. 3 acima). São de sílex, de tonalidades cinzento-esverdeada, castanho-acinzentada e bege-amarelada, aparentemente de assentadas cenomanianas (Cretácico).

O conjunto de pontas de seta ascende a 20 exemplares (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 42-43), sendo que destes apenas 16 se encontram no Museu Geológico, não constando os restantes do seu inventário.

Correspondem maioritariamente a exemplares de base triangular ou convexa, com retoque bifacial rasante, de invasor a cobridor (Fig. 6, n.º 3, 5-8, 10-12 e 15; Fig. 13, n.º 8-10 e 13), com alguns exemplares aproximando-se do tipo de base pedunculada (Fig. 6, n.º 13; Fig. 13, n.º 7) ou pertencendo ao tipo de base triangular com barbelas laterais (Fig. 6, n.º 17; Fig. 13, n.º 14); um exemplar, com ampla base triangular (com comprimento semelhante ao do corpo), possui contorno próximo ao losangular simétrico (Fig. 6, n.º 13; Fig. 13, Fig. 7). Apresentam entre 2,51 cm e 4,91 cm de comprimento, entre 1,22 cm e 1,96 cm de largura e entre 0,24 cm e 0,46 cm de espessura (Fig. 5).

Os restantes exemplares observados possuem base côncava e recta, com retoque bifacial rasante, de cobridor a invasor (Fig. 6, n.º 1, 4 e 9; Fig. 13, n.º 11-12), apresentando entre 4,27 cm e 4,83 cm de comprimento, entre 1,57 cm e 2,24 cm de largura e entre 0,40 cm e 0,51 cm de espessura; um exemplar de base bi-côncava apresenta 2,92 cm de comprimento, 2,25 cm de largura e 0,50 cm de espessura, mas o comprimento relativamente reduzido em relação à largura poderá ser resultado de reavivamento de um exemplar fracturado na extremidade distal, o que é sugerido pelos seus bordos côncavos ligeiramente assimétricos.

Os exemplares ausentes da colecção possuem base bi-côncava (dois deles configurando pequeno pedúnculo ou espigão central), apresentando o de maiores dimensões (segundo a descrição fornecida em CASTRO

& FERREIRA, 1969/1970, p. 44 e Est II, n.º 7) cerca de 5,6 cm de comprimento para cerca de 1,5 cm de largura e cerca de 0,4 cm de espessura. Os restantes (segundo medidas tomadas a partir de CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, Est. II, n.º 1, 4 e 14) possuem entre cerca de 4,4 cm e 4,8 cm de comprimento e entre cerca de 1,5 cm e 1,7 cm de largura.

Segundo a classificação de Stašo Forenbaher, os exemplares de base convexa a triangular enquadram-se no pleno Neolítico Final, podendo os exemplares de base recta a côncava ou bicôncava, com maior índice de alongamento (correspondendo aos *outliers* identificados na Fig. 5 com comprimentos superiores a 4,4 cm), representar morfo-tipos já do Calcolítico (cf. FORENBAHER, 1999). Tendo todas as pontas de seta sido recolhidas na área Sul da Câmara (cf. Fig. 3 acima), documentam uma etapa mais recente que a respeitante aos geométricos, sendo a sua ocorrência na câmara do monumento mutuamente exclusiva, o que reforça a diacronia observada. São exclusivamente produzidas em sílex, de tonalidades variadas (cinzento-esverdeada, castanho-acinzentada, castanho-avermelhada, acastanhada, acinzentada e bege-amarelada), compatíveis maioritariamente com variantes siliciosas cenomanianas (Cretácico), embora algumas possam provir de afloramentos oxfordianos (Jurássico Superior) (Fig. 13, n.º 9) e batonianos/bajocianos (Jurássico Médio) (Fig. 13, n.º 7 e 13), assim como um exemplar de tonalidade castanha-amarelada, de tendência jaspoide (Fig. 13, n.º 15). O recurso a segmentos de lâminas na sua manufactura é evidente pelas arestas dorsais rectilíneas que alguns elementos conservam, não totalmente eliminadas pelo retoque cobridor (cf. Fig. 6, n.º 6 e 8; Fig. 13, n.º 8 e 13).

Os produtos alongados contam-se por 24 elementos, distribuídos entre lâminas brutas ou retocadas (20 elementos) e lamelas ou pequenas lâminas brutas (quatro elementos).

As lâminas brutas, algumas apresentando pequenos esquirolamentos nos bordos que poderão ser resultantes tanto do seu uso, como de acções pós-deposicionais, estão representadas por sete exemplares (Fig. 6, n.º 28-29; Fig. 7, n.º 4 e 7; Fig. 8, n.º 1, 3-4; Fig. 13, n.º 26). Apresentam secções maioritariamente trapezoidais (com um único elemento de secção triangular), extraídas por percussão indirecta, possuindo larguras entre 1,26 cm e 2,32 cm (média de $1,83 \pm 0,43$ cm) e espessuras entre 0,30 cm e 0,49 cm (média de $0,40 \pm 0,08$ cm) (Fig. 5). Os três exemplares inteiros (Fig. 7, n.º 7; Fig. 8, n.º 3-4) apresentam comprimentos entre 9,83 cm e 15,67 cm (média de $11,76 \pm 3,39$ cm).

As lâminas retocadas estão representadas por 13 exemplares (Fig. 6, n.º 24, 26-27 e 31; Fig. 7, n.º 2-3, 5-6, 8-10; Fig. 8, n.º 2 e 5; Fig. 12, n.º 3-6; Fig. 13, n.º 21-24), apresentando retoque directo paralelo, contínuo, entre abrupto e semi-abrupto, de extensão curta a longa, em ambos bordos ou limitado apenas a um, com elementos associados a processos técnicos específicos, como os exemplares apontados (à maneira de furador) (Fig. 7, n.º 8-9; Fig. 12, n.º 3-4) ou os exemplares retocados na extremidade distal (em «frente de raspadeira») (Fig. 7, n.º 3 e 10; Fig. 12, n.º 6; Fig. 13, n.º 24). Oferecem secções maioritariamente trapezoidais (com um único elemento de secção triangular), extraídas por percussão indirecta e pressão, com larguras estabelecidas entre 1,27 cm e 2,51 cm (média de $1,90 \pm 0,34$ cm) e espessuras estabelecidas entre 0,31 cm e 0,68 cm (média de $0,49 \pm 0,12$ cm) (Fig. 5). Os cinco exemplares inteiros (Fig. 7, n.º 3, 6, 8-10; Fig. 12, n.º 3-6; Fig. 13 n.º 25-26) apresentam comprimentos entre 9,80 cm e 14,38 cm (média de $11,81 \pm 2,20$ cm).

Tanto os elementos brutos como os elementos retocados são exclusivamente produzidos em sílex, de tonalidades acinzentadas, cinzento-esverdeadas e bege-amareladas a esbranquiçadas, provindo maioritariamente de contextos geológicos cenomanianos (Cretácico), registando-se alguns elementos que poderão provir de contextos jurássicos (Fig. 12, n.º 5; Fig. 13, n.º 21).

As lamelas (ou pequenas lâminas), todas incompletas, resumem-se a quatro, não se encontrando retocadas (Fig. 6, n.º 23, 25 e 30; Fig. 7, n.º 1). Apresentam secções maioritariamente trapezoidais (com um único elemento de secção triangular), extraídas por percussão indirecta, com larguras entre 0,74 cm e

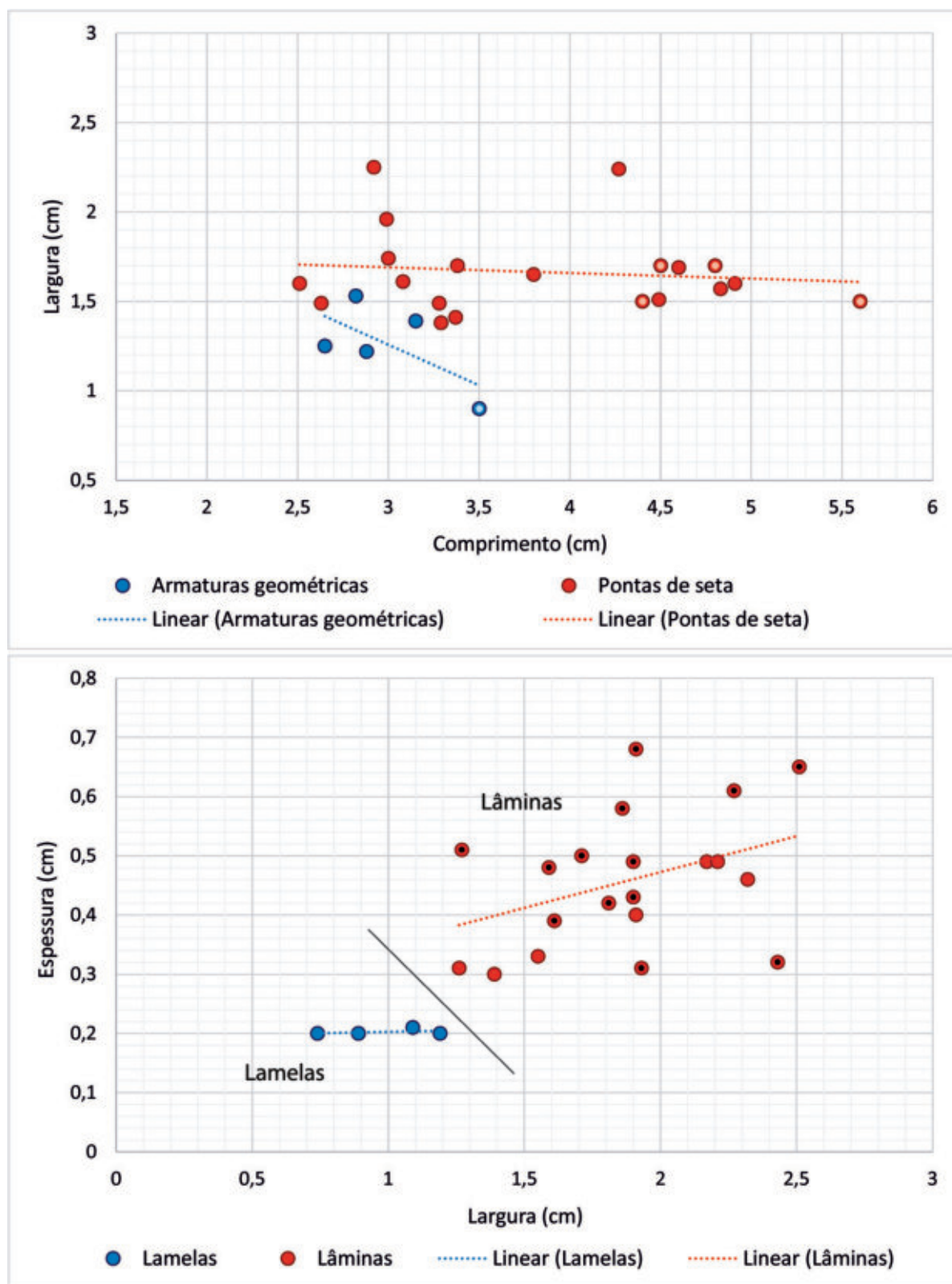


Fig. 5 – Em cima, relação *comprimento/largura* das armaduras geométricas e pontas de seta recolhidas na anta do Alto da Feteira; a linha tracejada indica a tendência linear métrica de ambos os tipos; os elementos actualmente ausentes da colecção encontram-se indicados pelos símbolos vazios, com medidas tomadas a partir de CASTRO & FERREIRA, 1969/1970. Em baixo, relação *largura/espessura* dos produtos alongados recolhidos na anta do Alto da Feteira, distinguindo-se as lâminas das lamelas (elementos retocados indicados pelos pontos internos); a linha tracejada indica a tendência linear métrica de ambos os tipos.

1,19 cm (média de $0,98 \pm 0,20$ cm) e espessuras entre 0,20 cm e 0,21 cm (média de $0,20 \pm 0,01$ cm) (Fig. 5). Dois elementos encontram-se produzidos em sílex (Fig. 6, n.º 25; Fig. 7, n.º 1), sendo os restantes produzidos em quartzo hialino (Fig. 6, n.º 23 e 30).

Estas lâminas e lamelas integram-se nos dois grupos dimensionais esboçados por António Faustino Carvalho de acordo com os extremos genéricos de variação dos produtos alongados presentes em contextos funerários neolíticos e calcolíticos (CARVALHO, 2013, p. 73; CARVALHO & GIBAJA, 2014, p. 173). Os exemplares do Grupo 1 possuem comprimentos entre 2,5 cm e 10 cm e larguras entre 0,8 cm e 2 cm (classificáveis como lamelas ou pequenas lâminas) e os exemplares do Grupo 2 comprimentos entre 12 cm e 18 cm e larguras entre 1,8 cm e 2,8 cm (classificáveis como lâminas robustas).

Processos técnicos específicos parecem indicar que estes elementos seriam preferencialmente debitados por percussão indirecta, integrando-se os exemplares do Grupo 1 nas produções laminares características de uma fase plena do Neolítico Médio (ou de inícios do Neolítico Final), onde também, minoritariamente, se poderiam incluir exemplares enquadráveis no Grupo 2. Este último grupo contempla a introdução de componentes técnicas particulares, como a debitação por pressão ou a aplicação profusa de retoque, indicando já produções laminares do pleno Neolítico Final e do Calcolítico (CARVALHO, 2009, p. 80; 2013, p. 73).

No conjunto em estudo, encontra-se um exemplar não retocado de grandes dimensões (com comprimento superior a 15 cm) integrável no Grupo 2 (Fig. 8, n.º 3; cf. Fig. 20 abaixo); contudo, sendo tecnologicamente idêntico aos típicos exemplares do Grupo 1, de menores dimensões, corresponderá a elemento relativo ao Neolítico Médio – como se patenteia em outros contextos exclusivos desta crono-cultura onde tal tendência também se verifica, como as grutas de Alcobertas ou Algar do Bom Santo (cf. CARDOSO, 2020; CARVALHO, 2014).

Da mesma maneira, existem exemplares que tecnologicamente se poderiam incluir no Grupo 2 atribuível ao Neolítico Final/Calcolítico, mas cujas dimensões os integram no Grupo 1 (cf. Fig. 20 abaixo); tal se deverá ao facto de se referirem a exemplares retocados, sejam os elementos apontados (Fig. 7, n.º 8-9; Fig. 12, n.º 34) ou retocados na extremidade distal (Fig. 7, n.º 10; Fig. 12, n.º 6; Fig. 13, n.º 24), podendo parte da sua extensão original ter sido assim obliterada.

O grupo das grandes pontas foliáceas inclui duas alabardas, sendo que uma delas não se encontra actualmente na colecção do Museu Geológico nem faz parte do respectivo inventário, que só assinala um exemplar (Fig. 8, n.º 7; Fig. 12, n.º 7), de contorno triangular, de bordos sensivelmente rectos, com base recta (aproximando-se de ligeiramente convexa) e perfil rectilíneo. Possui retoque bifacial invasor rasante em todo o perímetro (cobridor na extremidade distal), distribuindo-se entre escamoso a escalariforme; apresenta polimento intenso na área ventral, no anverso e no reverso, com 16,83 cm de comprimento 8,48 cm de largura na base e 1,61 cm de espessura. Trata-se, segundo o Índice de Alongamento (*comprimento / largura máxima*), de uma peça média (mas aproximando-se de alongada) (índice de 1,98).

O elemento ausente da colecção possui características morfológicas idênticas ao anteriormente descrito, com menor largura na base. Apresenta (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 45 e Est. II, n.º 21) cerca de 17,5 cm de comprimento, cerca de 6,8 cm de largura na base e cerca de 1,6 cm de espessura média. Trata-se, segundo o Índice de Alongamento (*comprimento / largura máxima*), de uma peça alongada (índice de 2,57).

Estas duas alabardas são de sílex, aparentemente (pelo menos o exemplar directamente observado) proveniente de afloramentos cenomanianos (Cretácico).

Tendo ambas sido recolhidas na área Sul da Câmara (cf. Fig. 3 acima), local onde se distribuem os espólios de cronologia do Neolítico Final/Calcolítico, a sua tipologia corrobora totalmente esta conclusão.

Os dois núcleos, ambos de quartzo hialino, possuem formato prismático, para obtenção de lamelas. O primeiro (Fig. 6, n.º 22), próximo de esgotado, com plano preparado, e plataforma de debitação unidire-

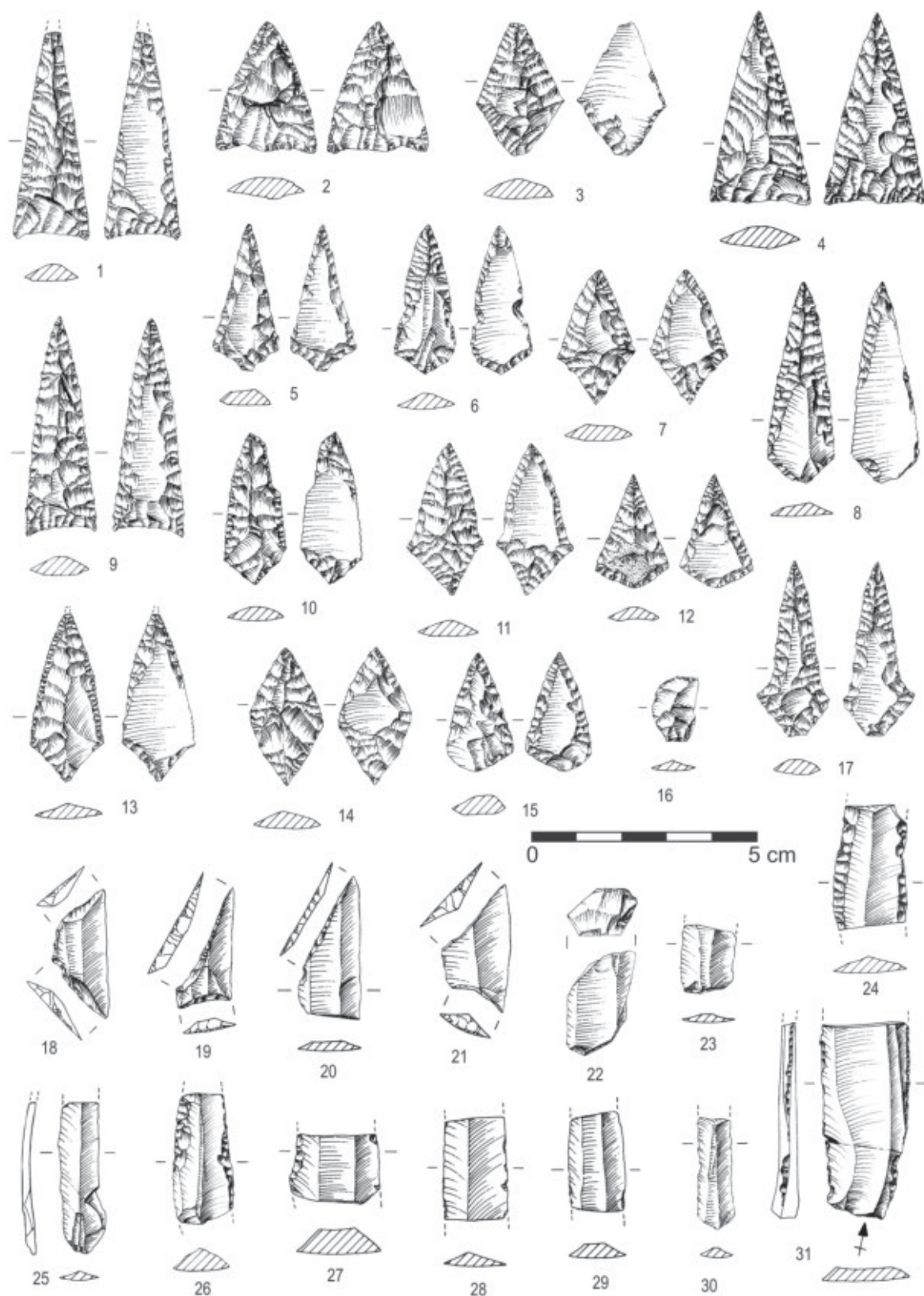


Fig. 6 – Artefactos de pedra lascada recolhidos na anta do Alto da Feteira: pontas de seta de sílex (1-15, 17); pequena lasca/flanco de núcleo de sílex (16); armaduras geométricas de sílex (18-21); núcleo de quartzo hialino (22); lamelas de quartzo hialino (23, 30), lamela de sílex (25); lâminas de sílex brutas (28-29) e retocadas (24, 26-27, 31).

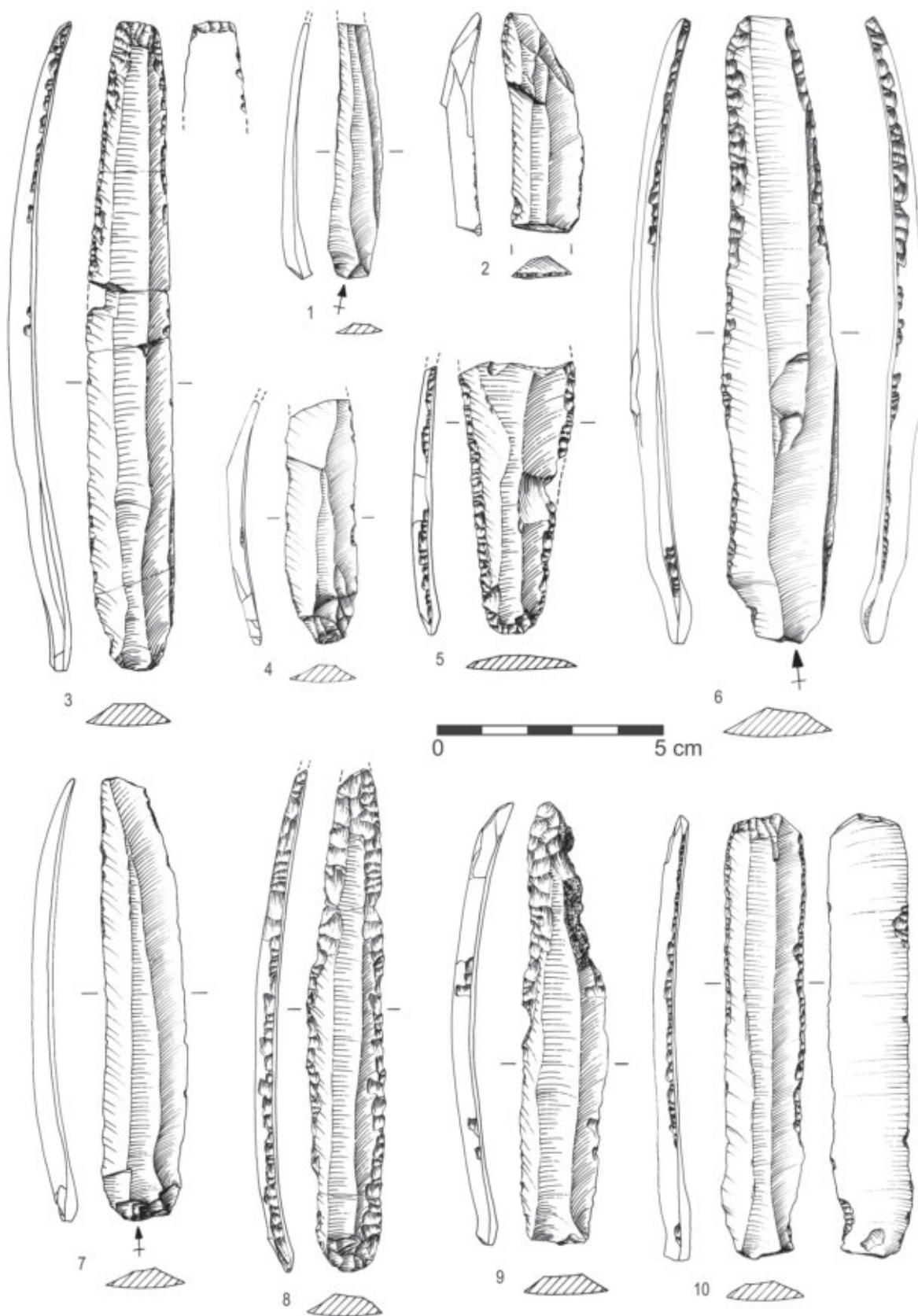


Fig. 7 – Artefactos de pedra lascada recolhidos na anta do Alto da Feteira: lâminas de sílex brutas (1, 4, 7), retocadas (2-3, 5-6, 10) e apontadas (8-9).

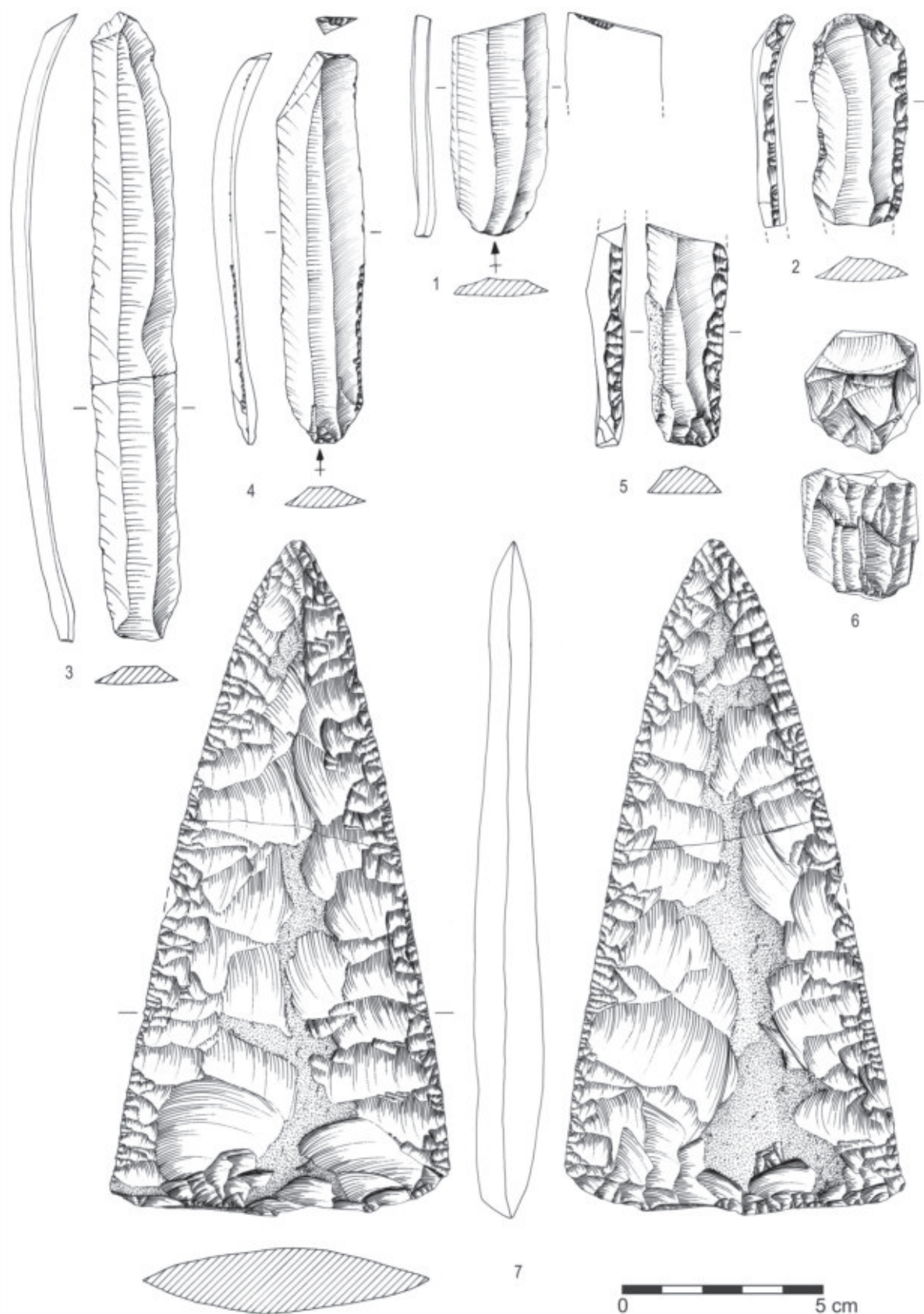


Fig. 8 – Artefactos de pedra lascada recolhidos na anta do Alto da Feteira: lâminas de sílex brutas (1, 3) e retocadas (2, 4-5); núcleo de quartzo hialino (6); alabarda de sílex (7).

cional, tem 2,31 cm de comprimento e 1,4 cm de largura. O segundo (Fig. 8, n.º 6; Fig. 13, n.º 16) correspondente à fase plena de exploração, com plano preparado, e duas plataformas de debitage opostas, tem 3,25 cm de comprimento e 2,92 cm de largura; conserva pequena porção das faces idiomórficas do cristal original.

O último elemento integrável nesta categoria respeita a pequena lasca ou flanco de núcleo de sílex acima referida (Fig. 6, n.º 16), incluída por Luís Albuquerque e Castro e Octávio da Veiga Ferreira no grupo das armaduras geométricas. Com 1,46 cm e 0,97 cm de largura, de contorno semi-circular, mostra no anverso os negativos de lascamento a partir do núcleo original; apresenta esquirolamentos na extremidade distal e em parte do bordo esquerdo arqueado (o que possivelmente terá levado aqueles autores a considerá-lo como um crescente), não sendo contudo claro se se trata de retoque intencional.

3.2 – Artefactos de pedra polida (Figs. 9 e 12)

Esta categoria integra cinco registos: três fragmentos de machados de anfibolito e dois artefactos de silimanite.

O exemplar mais notável (Fig. 9, n.º 1; Fig. 12, n.º 1), é um machado com «sulco de encabamento» de silimanite de tonalidade acinzentada, de morfologia trapezoidal/triangular (tendendo para romboidal), perfil bi-convexo, bordos convexos e secção sub-elíptica, encontrando-se integralmente polido. Apresenta gume convexo, em duplo bisel, sem sinais de uso. Possui 12,67 cm de comprimento, 5,72 cm de largura e 3,29 cm de espessura. Trata-se, segundo o Índice de Espessamento (*comprimento / espessura*), de um exemplar espesso (índice de 3,85); segundo o Índice de Alongamento (*comprimento / largura máxima*), corresponde a uma peça alongada (índice de 2,21); atendendo ainda ao Índice de Robustez (*comprimento x largura / espessura*), é um artefacto robusto (índice de 22,03).

Na Fig. 9, n.º 2 e na Fig. 12, n.º 2, reproduz-se pequena enxó de silimanite de tonalidade bege-esbranquiçada, de morfologia sub-rectangular, perfil plano-convexo, bordos convexos e secção sub-elíptica, encontrando-se, tal como o exemplar anterior, também integralmente polida. Apresenta gume rectilíneo, em bisel simples, sem sinais de uso. Possui 6,40 cm de comprimento, 2,16 cm de largura e 1,15 cm de espessura. Trata-se, segundo o Índice de Espessamento (*comprimento / espessura*), de um exemplar médio índice de 5,56; segundo o Índice de Alongamento (*comprimento / largura máxima*), é uma peça alongada (índice de 2,96); enfim, o valor obtido para o Índice de Robustez (*comprimento x largura / espessura*), indica tratar-se de artefacto robusto (índice de 12,02).

Poder-se-iam atribuir estes elementos ao Neolítico Médio, senão mesmo ao Neolítico Antigo; contudo, a sua presença encontra-se igualmente documentada em contextos do Neolítico Final e do Calcolítico, incluindo em particular exemplares com «sulco de encabamento» (como abaixo veremos).

3.3 – Artefactos de pedra afeiçãoada (Fig. 9)

Recolheram-se duas placas de grés, uma delas inteira. A que se apresenta fracturada (Fig. 9, n.º 3), de contorno trapezoidal e perfil recto, com 11,01 cm de comprimento, 8,89 cm de largura máxima e 2,06 cm de espessura. A placa inteira (Fig. 9, n.º 4) possui contorno sub-rectangular e perfil recto, com 12,82 cm de comprimento, 4,75 cm de largura e 1,21 cm de espessura, possuindo concavidade pouco acentuada numa das faces maiores resultante do desgaste por polimento, o que dá credibilidade à sua atribuição como utensílio de natureza funcional. As placas de grés são enquadráveis numa fase plena do Neolítico Final, concordante com o momento

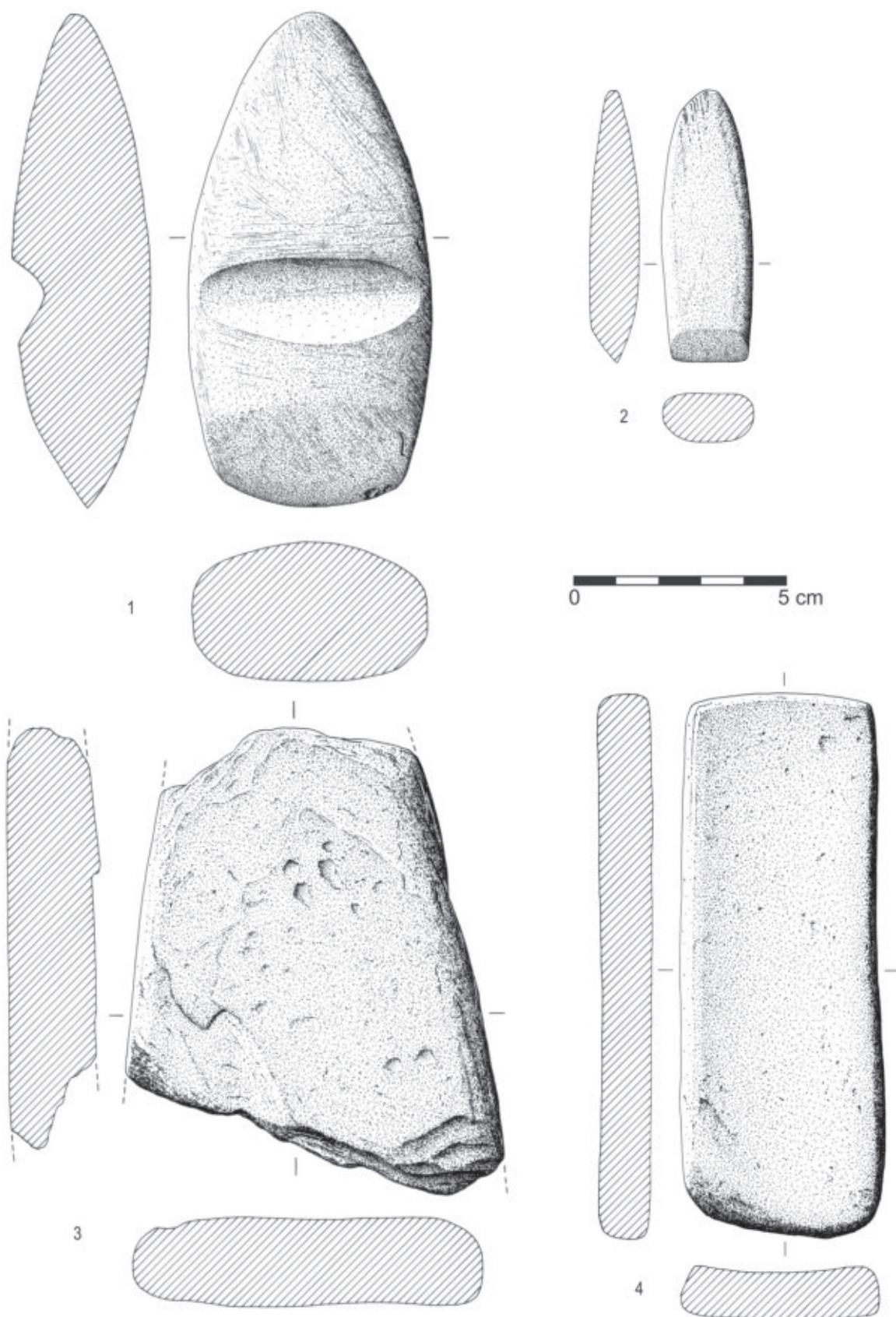


Fig. 9 – Artefactos de pedra polida e de pedra afeixoadá recolhidos na anta do Alto da Feteira: machado de silimanite com «sulco de encabamento» (1); pequena enxó de silimanite (2); placas de grés (3, 4).

de apogeu do fenómeno megalítico, significativamente representadas em contextos alto-alentejanos e estremenhos, ocorrendo também de forma significativa em grutas naturais utilizadas como necrópoles colectivas, como é o caso da Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992). São globalmente atribuíveis a artefactos de cunho funcional, correspondentes a polidores, como indica a superfície côncava e desgastada, que muitos deles exibem.

3.4 – Recipientes cerâmicos (Fig. 10)

Foram recolhidos no decurso das escavações 27 fragmentos cerâmicos, sendo que mais de metade deles corresponde a fragmentos incaracterísticos de bojos (CASTRO & FERREIRA 1969/1970, p. 46).

Dos exemplares com elementos caracterizadores, foi possível estabelecer, após colagem, um número mínimo de sete recipientes. A par das taças em calote simples, representadas por dois exemplares com diâmetros de abertura entre 12,2 cm e 19,4 cm (Fig. 10, n.º 6-7), são de referir formas específicas, como a base de um pequeno vaso com pé (Fig. 10, n.º 1), duas taças carenadas com cerca de 22 cm de diâmetro interno na carena (Fig. 10, n.º 2 e 4), um fragmento de vaso com mamilo sobre o bojo (Fig. 10, n.º 3) e um pequeno recipiente esferoidal com cordão plástico também sobre o bojo (Fig. 10, n.º 5).

Apresentam pastas grosseiras, pouco depuradas, com cozeduras redutoras e oxidantes (incluindo elementos com cozedura redutora e arrefecimento oxidante), sendo os elementos não plásticos constituídos por grãos de quartzo, calcário e calcite; regista-se ainda a aplicação de engobe vermelho na superfície externa do recipiente mamilado e do recipiente com cordão plástico.

Se estes recipientes almagrados poderiam sugerir, mesmo que a nível teórico, a sua adscrição ao Neolítico Médio, a presença de taças carenadas remete pelo menos parte deste conjunto para o pleno Neolítico Final. A presença do vaso com pé será também de considerar: contudo, pelas características da sua pasta, não parece corresponder aos modelos dos vasos campaniformes deste tipo documentados no âmbito ibérico (cf. CARDOSO, ANDRADE & GIL, no prelo).

3.5 – Elementos de adorno (Figs. 11 e 13)

Esta categoria inclui artefactos de tipologias e matérias-primas diversas, distribuindo-se entre braceletes, alfinetes e componentes de colar (contas e pendentos).

São duas as braceletes sobre valva de *Glycymeris* (Fig. 11, n.º 8 e 12; Fig. 13, n.º 1-2). Encontram-se ambos fragmentadas, sendo que a de maior dimensão (Fig. 11, n.º 12; Fig. 13, n.º 2), conservando perto de metade do seu perímetro, oferece 6,81 cm de diâmetro. As espessuras de ambos elementos variam entre 0,25 cm e 0,31 cm, respectivamente.

Os alfinetes de osso enquadram-se nas variantes de cabeça amovível e de cabeça espatulada. Dos primeiros, conservam-se porções de haste (um deles correspondendo à extremidade proximal apontada) (Fig. 11, n.º 16-17 e 39-40) e uma cabeça decorada com caneluras horizontais (Fig. 11, n.º 34), com 2,40 cm de altura para 1,26 cm de diâmetro. Os exemplares de cabeça espatulada são também dois (Fig. 11, n.º 14-15), conservando as extremidades distais, de feição sensivelmente «antropomórfica» (principalmente o exemplar representado na Fig. 11, n.º 14); apresentam respectivamente 3,74 cm e 4,18 cm de comprimento.

As contas de colar estão representadas por tipos diversificados. O mais numeroso, com 125 elementos, é o das pequenas contas discoides de xisto, «pedra verde», calcário e concha (Fig. 11, n.º 19-24 e 43; Fig. 13, n.º 5), com diâmetros entre 0,60 cm e 0,86 cm e espessuras entre 0,12 cm e 0,19 cm. Existe ainda um elemento

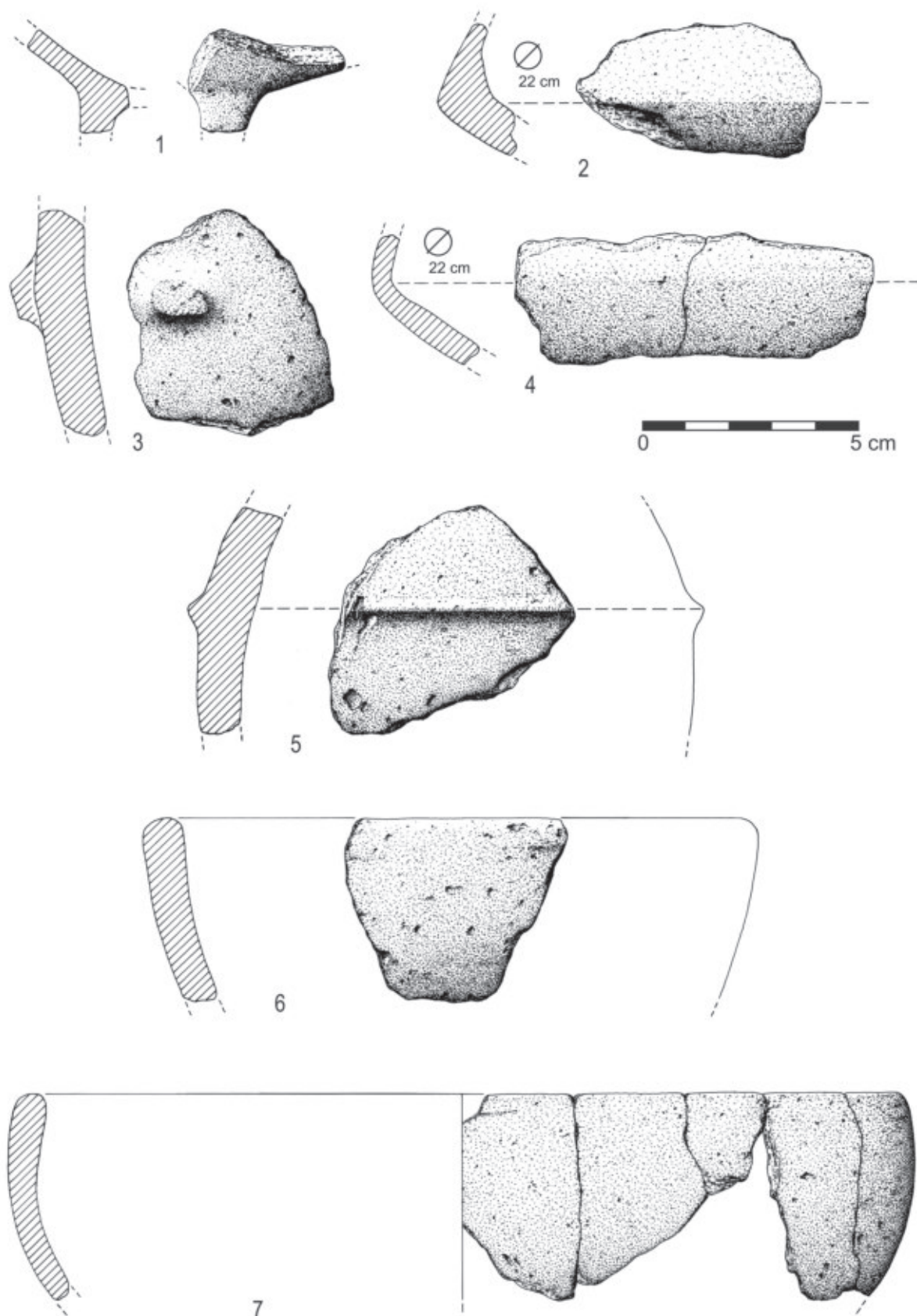


Fig. 10 – Recipientes cerâmicos recolhidos na anta do Alto da Feteira: vaso com pé (1); taças carenadas (2, 4); recipiente com mamilo sobre o bojo (3); esferoide com cordão plástico sobre o bojo (5); taças em calote simples (6-7).

que é descrito como «4 contas discoides de calcário ainda por separar» (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 43), mas que poderá eventualmente corresponder a uma conta de tendência tubular canelada (Fig. 11, n.º 43; Fig. 13, n.º 5, no topo à esquerda). O grupo das contas toneliformes e bitroncocónicas de «pedra verde» ascende a 11 elementos (Fig. 11, n.º 25-29, 31-33 e 35-38; Fig. 13, n.º 4-5), apresentando comprimentos entre 0,61 cm e 1,79 cm e diâmetros entre 0,55 cm e 1,35 cm. Um destes exemplares, já analisado em estudos anteriores, mostrou que se trataria de mineral do grupo das micas, possivelmente moscovite (cf. CANELHAS, 1973, p. 134), não sendo contudo de afastar a presença de elementos de variscite neste conjunto.

Registam-se igualmente, dentro da mesma classe tipológica, um exemplar bitroncocónico de azeviche (Fig. 11, n.º 41 e 43; Fig. 13, n.º 5, no topo ao centro), com 1,20 cm de altura e 1,60 cm de diâmetro, assim como um exemplar toneliforme decorado com caneluras horizontais (Fig. 11, n.º 18; Fig. 13, n.º 3), produzido em matéria translúcida (correspondendo a silicato foliado, possivelmente do grupo dos talcos; GARRIDO-CORDERO et al., 2020, p. 279), com 1,31 cm de comprimento e 1,29 cm de diâmetro.

Será de referir, por último, um pendente de «pedra verde» (Fig. 11, n.º 30), de contorno trapezoidal, com 1,39 cm de comprimento, 1,26 cm de largura máxima e 0,28 cm de espessura; a curta diferença entre o comprimento e a largura poderá fazer supor que se tratar de um elemento reaproveitado por reconformação do contorno, podendo ter correspondido originalmente a um típico pendente triangular.

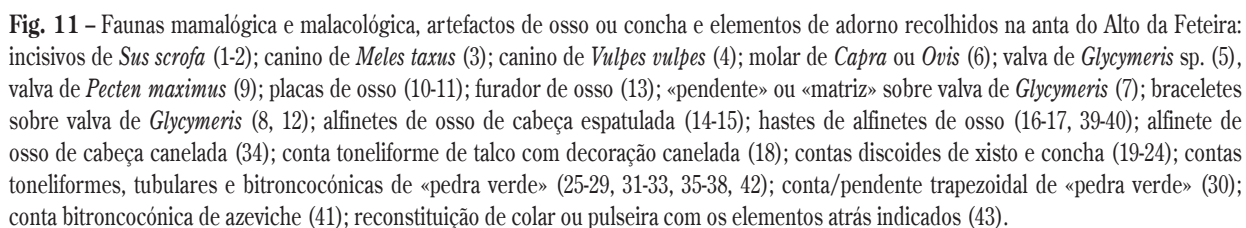
O conjunto destes elementos indicam nitidamente dois momentos crono-culturais distintos: um primeiro, atribuível ao pleno Neolítico Médio, representado pelas braceletes sobre valva de *Glycymeris*, bem conhecidos em contextos funerários estrementos relativos àquele período, designadamente em ambiente cársico; um segundo, referente ao pleno Neolítico Final (ou até mesmo ao Calcolítico Inicial), representado pelos alfinetes de osso e as grandes contas de «pedra verde» e azeviche, abundantes em contexto já relativos a uma fase de apogeu do fenómeno megalítico.

3.6 – Outros artefactos de osso ou de concha (Fig. 11)

Aqui se incluem três artefactos de osso polido e um artefacto de concha. Dos primeiros, um deles corresponde à extremidade distal apontada de um furador de osso (Fig. 11, n.º 13), com 4,49 cm de comprimento conservado para 1,01 cm de largura. Os dois outros elementos referem-se a placas de osso de tendência espatulada (Fig. 11, n.º 10 e 11), de contorno sub-rectangular, possuindo uma delas (Fig. 11, n.º 10) perfuração de suspensão numa das extremidades e uma série de pequenos entalhes contínuos em ambos bordos; possuem respectivamente 6,70 cm de comprimento e 5,57 cm de comprimento.

A função destes dois últimos elementos é discutível: se um deles (Fig. 11, n.º 11) poderá referir-se a um artefacto utilitário (espátula), o outro (pela perfuração e pela sua «decoração») poderia ser incluído na categoria dos elementos de adorno (como possível pendente, mesmo considerada a sua dimensão). De qualquer maneira, são elementos reconhecidos em contexto funerários estrementos atribuíveis tanto ao Neolítico Médio como ao Neolítico Final.

O elemento sobre concha refere-se a um segmento de valva de *Glycymeris* polido nos bordos (Fig. 11, n.º 7), de feição arqueada, apresentando 4,23 cm de comprimento conservado para 1,28 cm de largura e 0,29 cm de espessura, anteriormente descrito como sendo «lúnula ou crescente», integrando-o assim na categoria dos artefactos ideotécnicos (CASTRO & FERREIRA 1969/1970, p. 45). Outras hipóteses serão de considerar, nomeadamente que se possa tratar de um elemento de adorno (como «pendente», embora não seja possível, por não se conservar toda a sua extensão, atestar se possuiria perfuração ou entalhes de fixação), podendo corresponder ainda a «matriz» para decoração de recipientes cerâmicos.



3.7 – Fauna mamalógica (Fig. 11)

Identificaram-se dois incisivos de *Sus scrofa* (Fig. 11, n.º 1 e 2), um canino de *Meles taxus* (Fig. 11, n.º 3), um canino de *Vulpes vulpes* (Fig. 11, n.º 4) e um molar de *Capra* ou *Ovis* (Fig. 11, n.º 6).

Não é claro o seu papel no conjunto votivo, podendo constituir elementos de adorno – principalmente os incisivos de *Sus scrofa* e os caninos de *Meles taxus* ou *Vulpes vulpes*, visto corresponderem a elementos bem representados em contextos funerários da área estremenha, em especial os caninos perfurados, a menos que sejam simplesmente – em particular os restos de texugo e de raposa – os restos de animais que utilizaram o abrigo oferecido pela estrutura funerária, já que não evidenciam quaisquer alterações intencionais.

3.8 – Fauna malacológica (Fig. 11)

Identificou-se-se uma valva direita de *Glycymeris*, sp., com cerca de 4 cm de diâmetro, com perfuração no umbro (que poderá contudo não ser intencional, parecendo corresponder a um orifício natural) (Fig. 11, n.º 5), e uma valva inferior de *Pecten maximus*, com cerca de 10,7 cm de diâmetro do disco (Fig. 11, n.º 9). Refere-se ainda a recolha de valva de *Testacella maugei* (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 44).

Tal como os elementos de fauna mamalógica, não é claro o seu papel neste contexto votivo; será de referir contudo a presença habitual de valvas de pectínideo em ambientes funerários do Neolítico Médio (não deixando porém de se documentar igualmente em contextos mais tardios), podendo constituir oferendas funerárias *per si* ou corresponderem, como admitido anteriormente, a «recipiente para corantes ou tintas» (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 46), a par da valva de *Glycymeris*.

3.9 – Espólio antropológico

O espólio osteológico humano (principalmente crânios e ossos longos) encontrava-se bastante remexido, mas não na sua posição original, ostentando elevada fragmentação (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 47). Tais remobilizações teriam ocorrido em várias épocas, sendo a mais recente verificada aquando da quebra dos esteios para seu possível aproveitamento na construção. As mais antigas correspondem à deslocação de alguns elementos osteológicos para o lado sul da câmara onde jaziam, perto da base do monumento, embalados por sedimento compactado (contrastando assim com os sedimentos mais soltos documentados na área central da câmara). Importa destacar, ainda, a especial incidência de crânios, aos quais faltava a mandíbula, no quadrante sudeste da câmara, de ambos os lados da entrada, prolongando-se pela área onde se encontraria o corredor; aqui, de acordo com os elementos graficamente representados, ter-se-ia depositado um número mínimo de 11 crânios (cf. Fig. 3 acima). Esta observação é de grande interesse, por documentar o rearranjo do espaço funerário, por forma a ser possível continuar a receber mais tumulações, conservando, das anteriores, o segmento mais importante, representado pelos crânios.

É referido ainda que, apesar das dificuldades de recolha (especialmente em termos da manutenção da sua integridade), todo o espólio osteológico humano foi enviado a Xavier da Cunha (Universidade de Coimbra) para estudo.

3.10 – Outros elementos

São mencionados três «fragmentos de corantes» (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 44), que deverão corresponder a nódulos de «ocre vermelho».



Fig. 12 – Artefactos de pedra polida e artefactos de pedra lascada recolhidos na anta do Alto da Feteira: machado de silimanite com «sulco de encabamento» (1); pequena enxó de silimanite (2); lâminas de sílex apontadas (3-4) ou retocadas (5-6); alabarda de sílex (7).



Fig. 13 – Elementos de adorno e artefactos de pedra lascada recolhidos na anta do Alto da Feteira: braceletes sobre valva de *Glycymeris* (1-2); conta toneliforme de talco com decoração canelada (3); conta toneliforme de «pedra verde» (4); reconstituição de colar ou pulseira com contas de xisto, concha, «pedra verde» e azeviche de diversas tipologias (5); pontas de seta de sílex (6-15); núcleo de quartzo hialino (16); armaduras geométricas de sílex (17-20); lâminas de sílex retocadas (21-25) e em bruto (26).

4 – CRONOLOGIA ABSOLUTA

No âmbito do presente estudo, foi realizada datação por radiocarbono sobre amostra de alfinete de osso, submetida ao laboratório Waikato Radiocarbon Dating Laboratory (University of Waikato), sediado em Hamilton, Nova Zelândia – correspondendo à datação Wk-43565: 4544±20 BP. Recalibrada em 2024 (utilizando a curva de calibração IntCal20.14c), forneceu o resultado de 3367-3105 cal BCE a 2σ (Tabela 1 e Fig. 14).

Tabela 1 – Datação de radiocarbono obtida sobre alfinete de osso recolhido na anta do Alto da Feteira, recalibrada em 2024 com recurso ao programa OxCal v4.4.4 (© Ch. Bronk Ramsey, 2021) utilizando a curva de calibração IntCal20.14c (REIMER et al., 2020, *Radiocarbon* 62); intervalo a 1σ com 68,3% de probabilidade, intervalo a 2σ com 95,4% de probabilidade, intervalo a3σ com 99,7% de probabilidade.

Ref. Lab.	Amostra	Data BP	Cal BCE 1σ (68,3%)	Cal BCE 2σ (95,4%)	Cal BCE 3σ (99,7%)	Média (cal BCE)	Sigma	Mediana (cal BCE)
Wk-43565	Alfinete de osso	4544±20	3362-3332 (32,3%) 3216-3188 (24,6%) 3151-3132 (11,4%)	3367-3321 (37,5%) 3236-3176 (33,9%) 3161-3105 (24,0%)	3371-3264 (40,1%) 3246-3101 (59,6%)	3243	88	3210

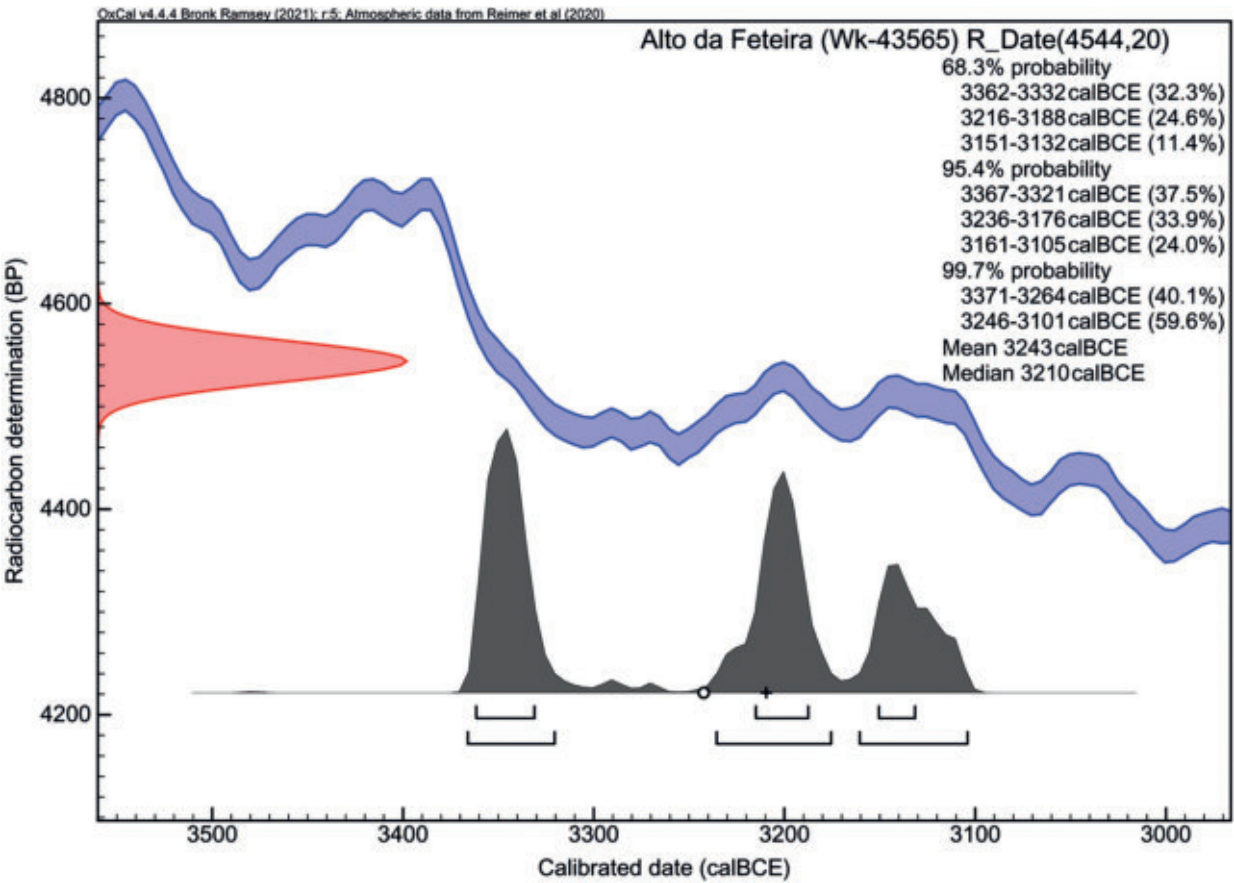


Fig. 14 – Representação gráfica, com indicação da curva de calibração, da datação obtida sobre alfinete de osso recolhido na anta do Alto da Feteira, recalibrada em 2024 com recurso ao programa OxCal v4.4.4 (© Ch. Bronk Ramsey, 2021) utilizando a curva de calibração IntCal20.14c (REIMER et al., 2020, *Radiocarbon* 62).

O resultado obtido coloca assim um dos momentos do uso funerário da anta do Alto da Feteira entre o terceiro e o quarto quartel do 4.º milénio a.C. (mediana de probabilidade: 3210 cal BCE 2σ; média: 3243 cal BCE 2σ), que corresponderá ao segundo episódio de utilização deste sepulcro, no decurso do Neolítico Final (onde se integram os alfinetes de osso, precisamente a amostra que se utilizou para a realizar a datação).

Tal resultado enquadra-se no conjunto das datações realizadas sobre o mesmo tipo de artefactos de outros contextos funerários estremenhos, como as grutas naturais da Casa da Moura, Lapa do Bugio, Furninha e Poço Velho, ou o monumento da Praia das Maças («Câmara Ocidental») e a gruta artificial de Casal do Pardo 3 – situáveis entre o último terço do 4.º milénio a.C. e o primeiro terço do milénio seguinte (cf. CARDOSO & SOARES, 1995; GONÇALVES, 2009) (Tabela 2).

A cronologia referida é igualmente compatível com as de outros contextos com espólios semelhantes, integrados nas crono-culturas do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial da área do baixo Mondego. É o caso do dólmen do Cabeço dos Moinhos e das grutas naturais da Eira Pedrinha e dos Alqueves (BETTENCOURT et al., 2021; GAMA, 2003; VILAÇA & RIBEIRO, 1987), com equivalentes, na área estremenha (entre sepulcros ortostáticos, grutas naturais, grutas artificiais e *tholoi*), nos contextos do Cabeço da Arruda 1 e 2, Cova da Moura, Paimogo, Trigache 2 e 4, Casáinhos, Carcavelos, Correio Mor, Samarra, Pedras da Granja, Monte Abraão, Alapraia 4 e São Pedro do Estoril 1 (cf. BOAVENTURA, 2009; GONÇALVES, 2009; SILVA, 2002).

Tais resultados são igualmente compatíveis com os obtidos para contextos habitacionais do Neolítico Final na área estremenha, com intervalos dispostos entre o último quartel do 4.º milénio a.C. e os primeiros séculos do milénio seguinte (cf. discussão recente em SOUSA, 2016/2017; 2021; ROCHA et al., 2023).

Tabela 2 – Datações de radiocarbono obtidas sobre alfinetes de osso recolhidos em contextos funerários da área estremenha, recalibradas em 2024 com recurso ao programa OxCal v4.4.4 (© Ch. Bronk Ramsey, 2021) utilizando a curva de calibração IntCal20.14c (REIMER et al., 2020, *Radiocarbon* 62); intervalo a 2σ com 95,4% de probabilidade.

Monumento/Sítio	Ref. Lab.	Contexto	Data BP	Cal BC 2σ	Bibliografia
Casa da Moura	OxA-5506	/	4600±90	3627-3030	CARDOSO & SOARES, 1995
Alto da Feteira	Wk-43565	Câmara	4544±20	3367-3105	Este estudo
Lapa do Bugio	OxA-5507	/	4420±110	3493-2784	CARDOSO & SOARES, 1995
Praia das Maças	OxA-5509	«Câmara Ocidental»	4410±75	3339-2904	CARDOSO & SOARES, 1995
Praia das Maças	OxA-5510	«Câmara Ocidental»	4395±60	3331-2899	CARDOSO & SOARES, 1995
Furninha	OxA-5505	/	4335±65	3328-2776	CARDOSO & SOARES, 1995
Poço Velho	Beta-244390	/	4150±40	2880-2584	GONÇALVES, 2009
Casal do Pardo 3	OxA-5508	/	4050±60	2868-2462	CARDOSO & SOARES, 1995

5 – A ANTA DO ALTO DA FETEIRA ENTRE O MEGALITISMO DA ESTREMADURA E O BACIA DO RIO MONDEGO

A anta do Alto da Feteira inclui-se num contexto geográfico particular, composto pelas várias unidades que compõem os Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, cuja morfologia específica esboça um amplo corredor de circulação que liga o vale do Mondego ao vale do Tejo – formado pelo planalto de Degraças-Alvorge e pelas depressões do Rabaçal, Várzea da Granja, Campo-Camporez e Avelar-Chão de Couce, enquadrado a Oeste pelas serras do Rabaçal e Sicó, e a Este pelas serras de Penela e Alvaiázere (cf. CUNHA, 1990).

Situado nas cabeceiras das bacias hidrográficas do Mondego e do Tejo, na transição entre a Alta Estremadura e a Beira Litoral, este corredor estende-se até ao vale daquele primeiro curso de água, daí contactando com a região das serras da Boa Viagem, Brenha e Alhadas, e comunicando igualmente com as bacias hidrográficas das abas do Maciço Calcário Estremenho (Fig. 15). Estabeleceu-se desta maneira, ligação para Norte, pelo curso dos afluentes da margem esquerda do Mondego, como o rio Arunca (na bacia do qual se situa a anta do Alto da Feteira) e o rio Anços (permitindo a ligação à área da Figueira da Foz), o rio de Mouros (permitindo a ligação à área de Condeixa) e o rio Dueça/Corvo (permitindo a ligação à área de Coimbra); para Sul, foi assegurada comunicação através do vale do Nabão e, a partir da sua confluência com o Zêzere, à margem direita do Tejo. Tal enquadramento geográfico explica claramente a conexão do sepulcro agora estudado aos existentes, tanto na área da Figueira da Foz, como na Baixa Estremadura, tal como fora já evidenciado anteriormente, para ambas as regiões (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 48, 54).

A partir da localização do monumento do Alto da Feteira pode igualmente ser estabelecida a relação com os monumentos do médio-alto curso do Rio Mondego (e seus principais afluentes, como o Rio Dão e o Rio Seia), localizados nas espaldas nor-ocidentais da Serra da Estrela. É o caso dos núcleos dolménicos de Tondela-Viseu (zona Sul), Carregal do Sal-Nelas-Mangualde e Penalva do Castelo-Fornos de Algodres-Aguiar da Beira, a par dos de Vila Nova de Poiares-Arganil-Oliveira do Hospital-Seia-Gouveia, não se descurando a sua correspondência mais directa com os monumentos da bacia do Vouga, ou mesmo de regiões mais setentrionais, como os núcleos de Tondela-Viseu, Oliveira de Frades, Satão, Vila Nova de Paiva, Moimenta da Beira e Penedono.

Estes serão contudo conjuntos que merecem aproximações particulares que fogem à extensão do presente trabalho, desde as suas arquitecturas e faseamentos (cf. MOITA, 1966; SENNA-MARTINEZ, 1989b; 1996; SENNA-MARTINEZ & PEDRO, 2000; SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2008) até à própria questão das suas manifestações artísticas (SHEE-TWOHIG, 1981), parecendo revelar influências mais próximas ao aro atlântico, como se verá mais tarde durante o período campaniforme (SENNA-MARTINEZ, 1982; VALERA, 2017).

5.1 – Enquadramento regional

As relações da área estremenha com a bacia do baixo Mondego, na qual se integra a anta da Alta da Feteira, expressam-se desde o Neolítico Antigo; tal é indicado por sítios como Eira Pedrinha, Senhora da Alegria, Buraca Grande, Pelónia e Cova do Ladrão, nas áreas de Condeixa e Sicó (AUBRY, FONTUGNE & MOURA, 1997; MOURA & AUBRY, 1995; NEVES et al. 2008; VALERA et al., 2020; VILAÇA, 1988), assim como por outros, da área da Figueira da Foz, como Várzea do Lírio, Junqueira, Prazo e Forno da Cal (VILAÇA, 1988), sendo de referir, igualmente, a ocorrência do vaso de Casével (PESSOA, 1983), que poderá indicar um contexto de enterramento não estruturado do Neolítico Antigo (tal como preconizado em CARDOSO et al., 2022). Tais sítios ilustram a estreita conexão cultural da Beira Litoral com a Estremadura, tanto a nível das estratégias de ocupação e exploração dos territórios como das respectivas componentes artefactuais (CARVALHO, 2008).

Tais conexões prosseguiram ao longo do Neolítico Médio/Final e durante todo o Calcolítico, tal como é atestado, já durante as etapas plena e final desta última crono-cultura, pela presença de taças e caçoilas campaniformes de *tipo Palmela*, repetindo os típicos modelos estremenhos, na anta do Cabeço dos Moinhos (na qual também se recolheu um botão de osso e uma bracelete de marfim), igualmente presentes em Eira Pedrinha, já mais entrado o vale do baixo Mondego, ou na gruta da Buraca Grande, na área do Maciço do Sicó (LEISNER, 1998, Taf. 86; CORRÊA & TEIXEIRA, 1949, Est. V; MOURA & AUBRY, 1995, Est. III).

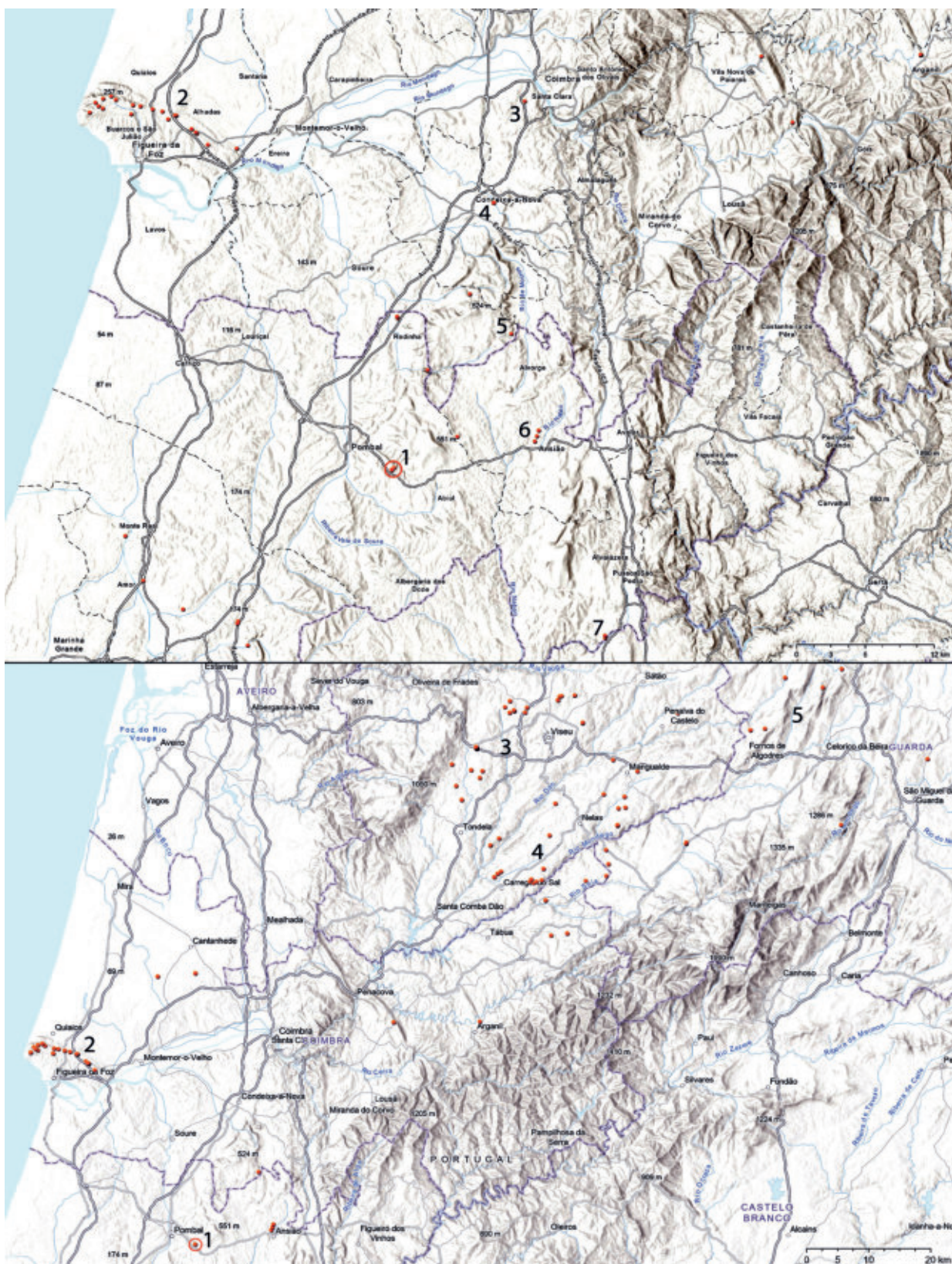


Fig. 15 – Em cima, localização das antas do Alto da Feteira e do Alto da Carrasqueira (1), em relação aos contextos funerários (monumentos megalíticos e cavidades cársticas) do Baixo Mondego (Serra da Boa Viagem-Brenha-Alhadas) e dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, indicando-se os contextos da área da Figueira da Foz (2), Alqueves (3), Eira Pedrinha (4), Casa da Moura (5), Ansião (6) e Rego da Murta (7) (base: Património Cultural – I.P., 2024). Em baixo, situação das antas do Alto da Feteira e do Alto da Carrasqueira (1), em relação aos monumentos megalíticos da bacia do Rio Mondego (bacias dos Rios Dão, Seia e Ceira, seus afluentes), indicando-se os conjuntos da Figueira da Foz (2), Tondela-Viseu (3), Carregal do Sal-Nelas-Mangualde (4) e Penalva do Castelo-Fornos de Algodres-Aguiar da Beira (5) (base: Património Cultural – I.P., 2024).

Em relação ao Neolítico Médio e Final, assim como ao Calcolítico Inicial, para além de alguns poucos sítios de habitat deficientemente caracterizados, os principais dados são fornecidos pelos contextos funerários, sejam monumentos megalíticos ou cavidades cársticas. Dos primeiros, a anta do Alto da Feteira será relacionável (a par da anta do Alto da Carrasqueira que lhe fica próxima), com os monumentos da Casa da Moura (na área de Soure), Quinta das Lagoas, Fonte Santa e Alto das Piscas (na área de Ansião), Laço e Cabeço da Ante (na área de Penela), e Rego da Murta (monumentos 1 e 2, já na área de Alvaiázere) (SILVA et al., 2017; ROCHA et al., 2018; SIMÕES, 2023; FIGUEIREDO, 2006; 2021); das cavidades cársticas, destacam-se Eira Pedrinha (na área de Condeixa-a-Nova) e Alqueves (na área de Coimbra) (CORRÊA & TEIXEIRA, 1949; VILAÇA, 1990; VILAÇA & RIBEIRO, 1987), sendo de referir igualmente a Buraca Grande e Ourão 2 (na área de Redinha) (AUBRY & MOURA, 1990; MOURA & AUBRY, 1995).

Em termos arquitectónicos, na área estrita dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, o número de monumentos preservados é considerado insuficiente para estabelecer um quadro tipológico fiável. Sendo duvidosa a classificação de Alto das Piscas, Laço e Cabeço da Ante, por não haver certeza de se referirem a sepulcros megalíticos (SIMÕES, 2023, p. 46-48), encontrando-se destruídos (sem qualquer registo gráfico) os monumentos de Quinta das Lagoas e Fonte Santa, e sendo escassa a informação gráfica publicada sobre o sepulcro da Casa da Moura (estando apenas disponível um esboço sumário em SIMÕES, 2023, p. 156), resta-nos apenas os monumentos do Alto da Carrasqueira e do Rego da Murta, juntamente com o do Alto da Feteira, para a caracterização arquitectónica das construções megalíticas desta área (Fig. 16).

A anta do Alto da Feteira corresponde a sepulcro de médias dimensões, com câmara poligonal de seis esteios organizados a partir do esteio de cabeceira, não conservando vestígios de corredor, que provavelmente possuía. Localizada a cerca de 520 m desta, estando-lhe assim espacialmente associada, localiza-se a anta do Alto da Carrasqueira (SIMÕES, 2023) correspondente a monumento de câmara e corredor bem diferenciados, de média dimensão, com câmara poligonal organizada a partir do esteio de cabeceira e corredor médio. Apesar da relação espacial directa entre ambos os monumentos (que será também crono-cultural, pelo menos durante o segundo episódio de utilização da anta do Alto da Feteira), estando assim inseridos na mesma estrutura local de povoamento, não mantêm entre si relação visual directa (Fig. 17).

Já as duas antas do Rego da Murta (FIGUEIREDO, 2006; 2021) correspondem a monumentos de características arquitectónicas distintas. O sepulcro 1 possui câmara poligonal e corredor diferenciados, de média dimensão, organizada a partir de dois esteios de cabeceira colocados alinhados, com corredor de comprimento médio. A anta 2 é monumento com câmara e corredor tendendo para indiferenciados, dado o modo imbricado de colocação dos esteios do corredor em relação aos primeiros da Câmara, dispostos em ângulo muito aberto, de médias dimensões, câmara poligonal alongada (no sentido longitudinal) e corredor de comprimento médio, contendo ainda, junto à passagem, dois pequenos esteios funcionando como umbral. Estes dois monumentos poderão ser, contudo, mais afins dos conjuntos megalíticos do Alto Ribatejo (desde o vale Rio Zêzere para nascente, nas áreas de Tomar, Abrantes e Mação), com afinidades igualmente com monumentos da região albi-castrense, ou mesmo alto-alentejana, na margem oposta do Tejo (conforme já referido em ANDRADE & VAN CALKER, 2024, p. 75).

Quanto aos monumentos da área da Figueira da Foz (cf. ROCHA, 1888; 1891; 1895; 1900; 1949; GUERRA & FERREIRA, 1968/1970; LEISNER, 1998, Taf. 83-92; VILAÇA, 1986; 1988), integram conjunto de mais de duas dezenas de dólmenes dispostos desde o Cabo Mondego, em posição sobranceira ao paleo-estuário do rio homónimo, ao longo das serras da Boa Viagem, Brenha e Alhadas. Possuem maior diversidade arquitectónica que os anteriores, que não terá necessariamente reflexos cronológicos. Estão presentes pequenos monumentos abertos de tendência cistoide (anta da Serra da Brenha), pequenos monumentos de tendência cistoide

alongada (anta de Santo Amaro da Serra), monumentos de média dimensão, com câmara e corredor indiferenciados (anta da Capela de Santo Amaro), monumentos de média dimensão com câmara e corredor diferenciados, com câmara poligonal de sete esteios e corredor de comprimento médio (anta 2 das Carniças), monumentos de médias dimensões, de câmara e corredor diferenciados com câmara de tendência rectangular transversal e corredor curto a médio (antas do Cabeço dos Moinhos, Mama do Furo e possivelmente Covões das Cavadas), monumentos de médias dimensões de câmara e corredor diferenciados com câmara de tendência quadrangular a trapezoidal de seis esteios e corredor curto a médio (antas da Cabecinha e Facho) e monumentos de médias dimensões de câmara circular de pequenos esteios e corredor médio, representada pela anta da Cabecinha Grande, que, por tal motivo, António Vítor Guerra e Octávio da Veiga Ferreira assimilam tipologicamente aos monumentos de falsa cúpula (GUERRA & FERREIRA, 1968/1970, p. 54). Conforme foi bem constatado por aqueles autores, estes monumentos expressam uma clara conexão com os monumentos da Baixa Estremadura, com base em critérios arquitectónicos não tão evidentes para outras áreas megalíticas, registando-se aqui uma ainda uma maior variedade arquitectónica (BOAVENTURA, 2009; ANDRADE et al., 2024).

Já em relação aos monumentos do médio-alto curso do Rio Mondego, a sua abordagem foge ao âmbito deste trabalho (dado a sua influência atlântica em oposição ao cunho mais mediterrâneo dos seus congéneres mais meridionais).

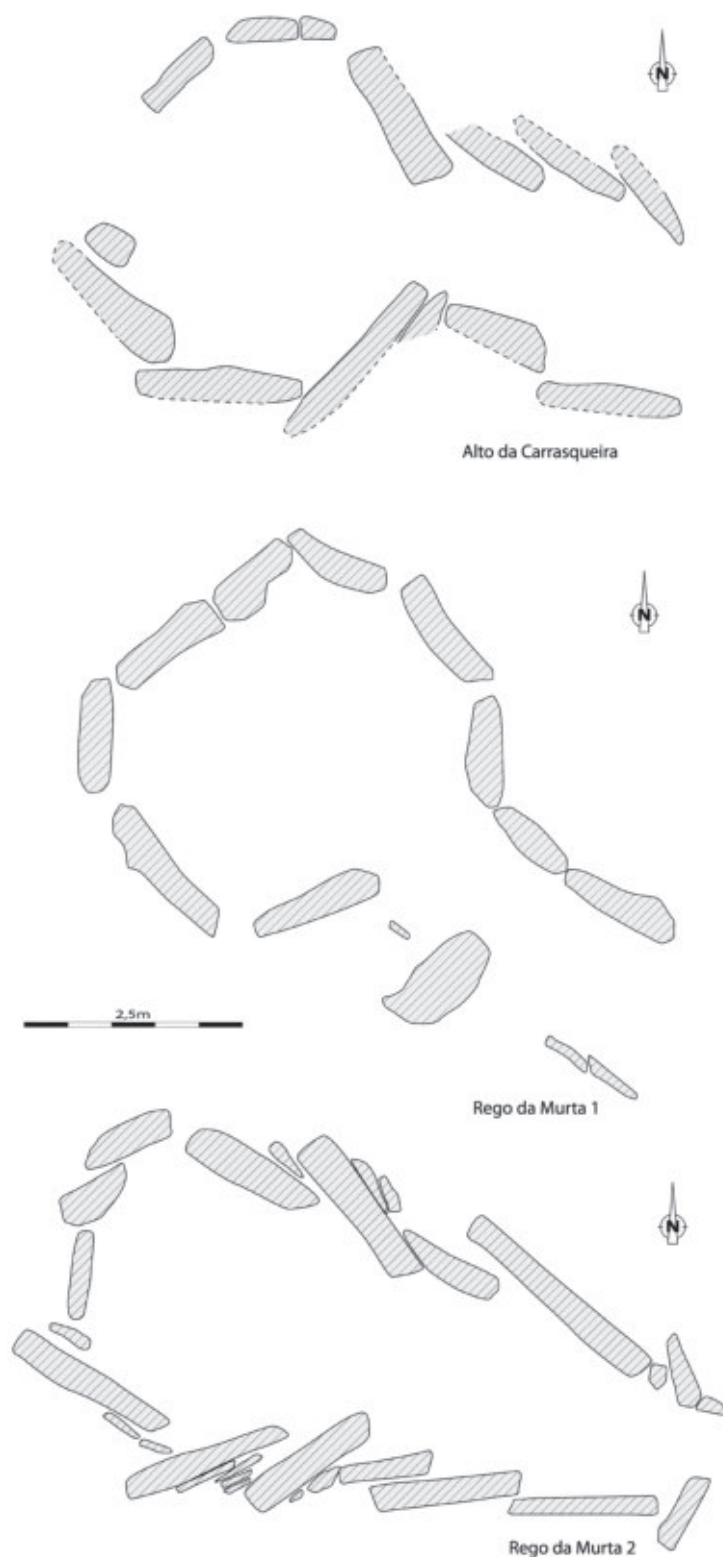


Fig. 16 – Outros sepulcros megalíticos dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere: anta do Alto da Carrasqueira (redesenhado a partir de levantamento de Helena Moura reproduzido em SIMÕES, 2023, p. 114, Fig. 11) e antas 1 e 2 do Rego da Murta (redesenhado a partir de FIGUEIREDO, 2006, vol. 2, p. 159, Fig. 39 e p. 251, Fig. 116).

Uma das suas particularidades é a «monumentalidade» de alguns deles (mesmo dos considerados de fundação mais antiga, como a anta 1 do Carapito). Tratam-se maioritariamente de monumentos de média a grande dimensão, de câmara e corredor diferenciados, com corredores médios a longos, cuja construção e utilização, iniciada no Neolítico Médio, perdurará durante o Neolítico Final e Calcolítico Inicial, conforme demonstrado pelos exemplos de Vale de Fachas, Lapa do Repilau, Fiais da Telha, Outeiro do Rato, Travanca, Cunha Baixa, Padrões, Sobreda, Seixo ou Bobadela (MOITA, 1966; LEISNER, 1998; CRUZ, 2001; SENNA-MARTINEZ, 1989b; 1996; SENNA-MARTINEZ & PEDRO, 2000; SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2008). Reconhecem-se, contudo, monumentos de pequena/média dimensão, abertos ou de câmara e corredor diferenciados, com corredores curtos, como os sepulcros de Pramelas, Folhadal, 1 e 2 do Ameal ou 2 de Oliveira do Conde, do Neolítico Médio, mas que poderão ter continuidade de uso durante o Neolítico Final, como é o caso de Santo Tisco (SENNA-MARTINEZ & PEDRO, 2000; SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999; VENTURA, 1994a).

A nível dos padrões de utilização funerária destes monumentos, os registos obtidos para os Maciços de Condeixa-Sicó-Alvaiázere e para a área da Figueira da Foz ilustram a existência da prática de deposições individuais, ou mono-familiares, contrapondo-se a utilizações colectivas.

Com efeito, e recordando o que acima se disse a respeito dos possíveis 11 indivíduos depositados na anta do Alto da Feteira (de acordo com a informação gráfica apresentada em CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 51, Fig. 2), os dados coligidos para os contextos da primeira área referida apontam para deposições possivelmente mono-familiares, como no sepulcro da Casa da Moura com um número mínimo de sete indivíduos (CALADO et al., 2019), a par de utilizações claramente colectivas, registadas no sepulcro da Quinta das Lagoas com um número mínimo de 37 indivíduos (SILVA, 2002), 1 e 2 do Rego da Murta, com um número mínimo

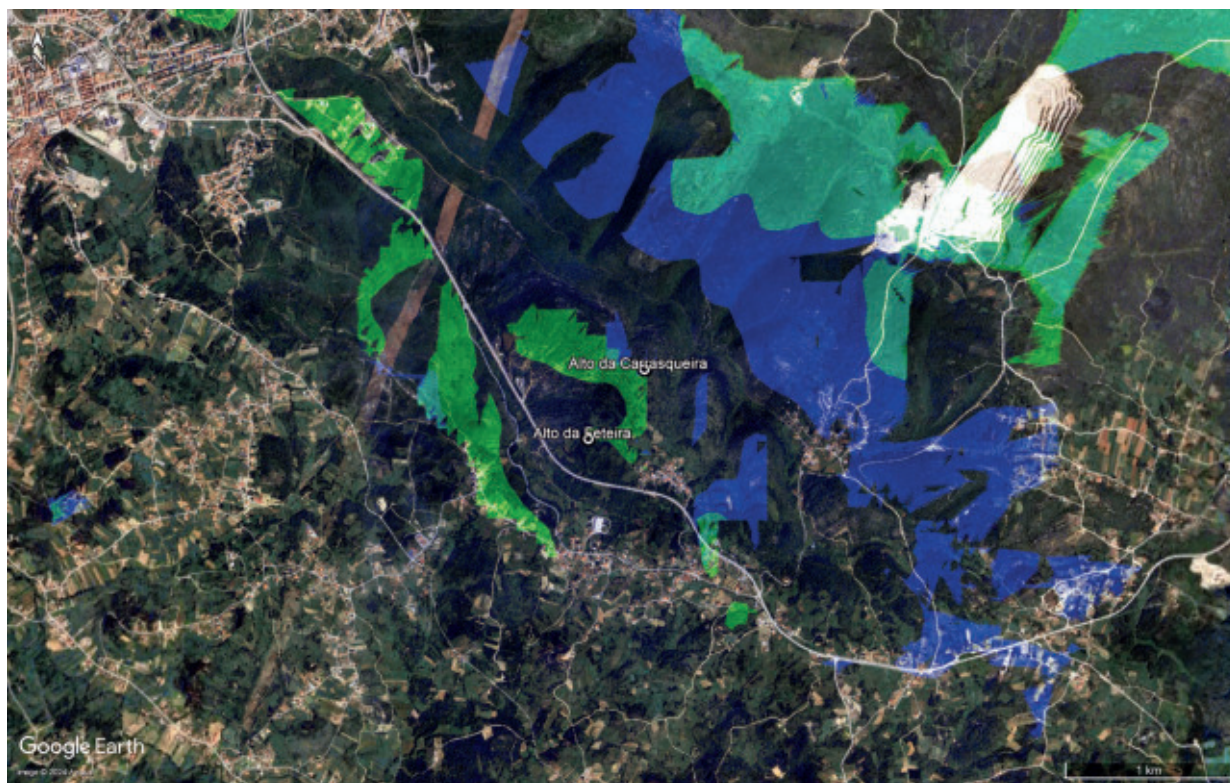


Fig. 17 – Bacias de visibilidade da anta do Alto da Feteira (a verde) e da anta do Alto da Carrasqueira (a azul), calculadas a 2 m acima do nível do solo; as áreas a ciano indicam a sobreposição das bacias de visibilidade de ambos monumentos (base: Google Earth Pro, 2024).

de 50 e 47 indivíduos respectivamente (FIGUEIREDO, 2006; 2021), e Alqueves com um número mínimo de 31 indivíduos (UMBELINO, 1998), atingindo-se o extremo em Eira Pedrinha com um número mínimo de 144 indivíduos (GAMA, 2003), que no entanto poderá ser apenas reflexo da extensa diacronia de utilização deste contexto, que se estende do Neolítico Antigo ao Calcolítico Final, e mesmo à Idade do Bronze (o que também deverá ser salientado para os casos das antas do Rego da Murta, registando reutilizações durante o Calcolítico Final e a Idade do Bronze).

Na área da Figueira da Foz, os dados indicam maioritariamente um número restrito de enterramentos realizados nestes sepulcros, conforme foi documentado nas antas da Capela de Santo Amaro, Mama do Furo, Cumieira e Porto Sabroso com um único indivíduo, na anta da Cabecinha com um número mínimo de três a quatro indivíduos, ou na anta do Praso com um número mínimo de quatro indivíduos, atingindo-se um número mínimo de dez indivíduos na anta do Cabeço dos Moinhos, 11 indivíduos na anta do Facho e 18 indivíduos na anta da Cabecinha Grande (cf. SILVA, 2020; 2021a; 2021b).

5.2 – Espólios e faseamento cultural

A anta do Alto da Feteira integra, conforme exposto acima, dois episódios de utilização que parecem reproduzir os dois patamares culturais genéricos definidos para o desenvolvimento do Megalitismo do Centro-Sul do território português, bem identificados na área estremenha (BOAVENTURA, 2009; 2011; BOAVENTURA & MATALOTO, 2013; ANDRADE, 2015a; ANDRADE, MAURÍCIO & SOUTO, 2010; ANDRADE & VAN CALKER, 2019; 2024; GONÇALVES, ANDRADE & PEREIRA, 2014).

O primeiro corresponderá à fase mais recuada da sua construção e primeira utilização, inscrevendo-se no pleno Neolítico Médio; o segundo documentará o seu uso subsequente, já do pleno Neolítico Final (podendo estender-se até ao Calcolítico Inicial), corroborado, no caso da anta do Alto da Feteira, pela datação absoluta realizada sobre amostra de um item característico desta crono-cultura (alfinete de osso), centrado no último terço do 4.º milénio a.C. (3367-3105 cal BCE 2).

Com efeito, esta realidade poderá ser bastante mais recorrente do que aquilo que é empiricamente apreendido pela componente artefactual, especialmente em monumentos com usos continuados; esta diferenciação não parecerá assim tão evidente quando analisado apenas o espólio, que poderá conter elementos que se repetem em ambas crono-culturas, sendo assim dificilmente distinguíveis em casos em que não existam itens caracterizadores estritos que o sugira ou datações absolutas que o confirmem.

Tal não é o caso da anta do Alto da Feteira, em que o espólio claramente indica dois conjuntos com conotação crono-cultural bem diferenciada: o mais antigo, formado pela associação entre armaduras geométricas, pequenas lâminas e lamelas não retocadas de sílex e quartzo hialino e braceletes sobre valva de *Glycymeris*, aqui se podendo teoricamente integrar também os artefactos de pedra polida de silimanite, os recipientes cerâmicos almagrados e alguns dos artefactos em osso (como o furador); o mais recente, formado pela associação entre pontas de seta, lâminas retocadas de sílex, grandes pontas foliáceas, recipientes cerâmicos carenados, placas votivas, alfinetes de osso de cabeça canelada ou espatulada e elementos de colar de «pedra verde», talco e azeviche. Esta realidade tem expressão no uso diferenciado da câmara do sepulcro: é da sua metade Norte, junto ao solo de base, que provêm as armaduras geométricas, enquanto que, na metade Sul se concentravam os elementos mais tardios (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 42; cf. Fig. 3 acima), como que se os enterramentos posteriores (mesmo considerando o alto nível de remeximento documentado na câmara) tivessem procurado «respeitar» as deposições originais.

Os principais elementos do espólio úteis para esta diferenciação crono-cultural são as braceletes sobre valva de *Glycymeris*, artefactos de adorno que se reportam indubitavelmente ao pleno Neolítico Médio (podendo estender-se também a uma fase embrionária do Neolítico Final), especialmente representadas em cavidades cárnicas estreminhas, como Algar do Bom Santo, Lugar do Canto, Algar do Barrão ou Lapa da Bugalheira («Sala do Ricardo»), incluindo igualmente o contexto extra-estremenho da gruta do Escoural (cf. CARDOSO & CARVALHO, 2008; CARVALHO, 2014; CARVALHO, ANTUNES-FERREIRA & VALENTE, 2003; RODRIGUES & ZILHÃO, 2021; ARAÚJO & LEJEUNE, 1995); reconhecem-se também em grutas artificiais do Sul do território português, como é o caso da Sobreira de Cima, Quinta dos Poços ou Barrada (cf. VALERA, 2013; VALERA et al., 2023; BARRADAS et al., 2013). Tais contextos forneceram datações absolutas do 4.º milénio a.C., podendo-se mesmo fazer recuar a utilização deste tipo de braceletes enquanto elemento votivo até à segunda metade do 5.º milénio a.C., segundo o exemplo do enterramento em fossa de Castelo Belinho (GOMES, 2012). Ainda que características do Neolítico Médio, tais peças podem ser reconhecidas em contextos mais tardios, como demonstrado pelo exemplar do pleno Neolítico Final de Leceia (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1996, p. 71, Fig. 16; CARDOSO, 1997), que aparenta tratar-se de um caso isolado.

Evidencia-se a ausência de braceletes em sepulcros ortostáticos estreminhos com utilizações cronologicamente coevas, como Carrascal ou Pedras Grandes (cf. BOAVENTURA, 2009), podendo-se evocar fenómenos culturais agindo diferencialmente na utilização de ambos os tipos de contextos (tal como já salientado em ANDRADE et al., 2024, p. 144). A anta do Alto da Feteira, com as suas duas braceletes, vem precisamente esbater esta diferenciação cultural entre utilizadores de cavidades cárnicas e construtores de monumentos megalíticos na Estremadura.

A estes elementos poderíamos associar as armaduras geométricas, que, no conjunto estrito da anta do Alto da Feteira (e mesmo tendo em consideração a exiguidade da amostra), parecem reflectir padrões particulares da etapa crono-cultural afim com as braceletes sobre valva de *Glycymeris*, tanto a nível morfo-tipológico como dimensional.

Para uma análise comparativa de espectro mais amplo, reuniu-se uma amostra de 220 exemplares (assumindo-se como uma amostra significativa) recolhidos em sepulcros megalíticos da área dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere (anta da Casa da Moura, antas 1 e 2 do Rego da Murta), da área do baixo curso do Rio Mondego (antas do Cabeço dos Moinhos, Cumieira, 2 das Carniçosas, Porto Sabroso e Cabecinha) e da área do médio-alto curso do Rio Mondego (antas 1 do Moinhos de Vento, Sobreda, 2 de Oliveira do Conde, Santo Tisco, 1 e 2 do Ameal, Folhadal, Cunha Baixa, Padrões, Rio Torto, Corgas da Matança, 1 a 4 do Carapito, Lapa do Repilau, Vale de Cabra e Mamaltar de Vale de Fachas) – considerando-se igualmente, a título comparativo, os exemplares recolhidos em contextos estreminhos, em cavidades cárnicas (apenas aquelas com utilizações exclusivas do 4.º milénio a.C., como as grutas do Algar do Bom Santo, Lugar do Canto e Alcobertas) e sepulcros megalíticos (apenas aqueles com utilizações exclusivas do 4.º milénio a.C., como as antas do Carrascal e Pedras Grandes). As medidas aqui tratadas correspondem às apresentadas na respectiva literatura ou determinadas a partir das ilustrações de apoio (BOAVENTURA, 2009; CARDOSO, 2020; CARDOSO & CARVALHO, 2008; CARVALHO, 2014; CRUZ et al., 2014; CRUZ, CUNHA & GOMES, 1988/1989; CRUZ & VILAÇA, 1990; FIGUEIREDO, 2006; GOMES & CARVALHO, 1995a; LEISNER, 1998; LEISNER & RIBEIRO, 1968; ROCHA et al., 2018; SENNA-MARTINEZ, 1994b; SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999; VENTURA, 1998; 2000; VILAÇA & CRUZ, 1990).

Os elementos da anta do Alto da Feteira, com $3,00 \pm 0,33$ cm de comprimento médio para $1,26 \pm 0,24$ cm de largura média, não destoam dos padrões dimensionais documentados nas armaduras geométricas recolhidas em distintos contextos funerários de áreas contíguas (Fig. 18 e Tabela 3), distribuindo-se entre $2,44 \pm 0,58$ cm

de comprimento médio para $1,16\pm0,31$ cm de largura média em sepulcros da área dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, com $2,76\pm0,32$ cm de comprimento médio para $1,35\pm0,21$ cm de largura média em sepulcros das Serras de Boa Viagem-Brenha-Alhadas (baixo curso do Rio Mondego) e $2,81\pm0,68$ cm de comprimento médio para $1,18\pm0,20$ cm de largura média em sepulcros do médio-alto curso do Rio Mondego, coadunando-se igualmente com os padrões registados em sepulcros da área estremenha (antas e cavidades cársicas com utilizações exclusivas do 4.º milénio a.C.), com $2,77\pm0,65$ cm de comprimento médio para $1,21\pm0,21$ mm de largura média.

Não se documentam, pois, divergências significativas, verificando-se que a larga maioria dos exemplares possui dimensões entre 2 cm e 3,5 cm de comprimento e entre 1 cm e 1,5 cm de largura, tendo assim sido maioritariamente obtidos sobre pequenas lâminas extraídas por percussão indirecta, características de uma fase plena do Neolítico Médio / fase inicial do Neolítico Final (correspondendo a elementos do Grupo 1 de António Faustino Carvalho). Alguns poucos exemplares patenteiam contudo caracteres métricos distintos, com dimensões inferiores ou superiores a estes padrões métricos genéricos, sendo assim produzidos respectivamente sobre lamelas (usadas principalmente na produção de crescentes, com menos de 1,5 cm de comprimento e 1 cm de largura) ou sobre lâminas mais robustas que aquelas anteriormente mencionadas (como se documenta, por exemplo, nos casos dos elementos de grandes dimensões recolhidos na gruta de Alcobertas ou no conjunto dos sepulcros do Carapito, com comprimentos rondando 5 cm e larguras atingindo 2 cm; cf. CARDOSO, 2020, p. 123, Fig. 5; LEISNER, 1998, Taf. 63 e 65).

Tabela 3 – Padrões métricos médios (em cm) das armaduras geométricas recolhidas em contextos funerários da área dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere e da bacia do Mondego, incluindo-se igualmente as recolhidas em sepulcros megalíticos e cavidades cársicas da área estremenha (considerando apenas os com utilizações exclusivas do 4.º milénio a.C.), em comparação com os exemplares da anta do Alto da Feteira.

Área	Amostra	Comp. médio	Larg. média	Comp. max.	Comp. min.	Larg. max.	Larg. min.
Alto da Feteira	4+1	$3,00\pm0,33$	$1,26\pm0,24$	3,50	2,65	1,53	0,90
Condeixa-Sicó-Alvaiázere (sepulcros megalíticos)	11	$2,44\pm0,58$	$1,16\pm0,31$	3,73	1,76	1,74	0,63
Boa Viagem-Brenha-Alhadas (sepulcros megalíticos)	14	$2,76\pm0,32$	$1,35\pm0,21$	3,57	2,39	1,68	0,97
Médio-Alto Mondego (sepulcros megalíticos)	129	$2,81\pm0,68$	$1,18\pm0,20$	5,50	1,23	1,71	0,79
Estremadura (grutas naturais e sepulcros megalíticos)	66	$2,77\pm0,65$	$1,21\pm0,21$	5,13	1,31	2,02	0,76

Em termos tipológicos, o conjunto da anta do Alto da Feteira também não diverge da realidade registada nos outros contextos funerários considerados. No computo geral das armaduras geométricas estudadas das áreas dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas e do médio-alto curso do Mondego, e atendendo aos morfo-tipos estabelecidos para o Ocidente peninsular (MATALOTO, ANDRADE & PEREIRA, 2016/2017, p. 113-114, Fig. 54), regista-se uma maior percentagem de elementos enquadrados no Tipo 1A (trapézios simétricos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas; 46,84%), seguindo-se (por ordem de frequência) os elementos de Tipo 1B (trapézios assimétricos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas; 18,35%), de Tipo 3A (triângulos isósceles; 10,76%), de

Tipo 1D (trapézios rectângulos com truncatura basal côncava; 8,86%), de Tipo 1C (trapézios rectângulos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas; 6,96%), de Tipo 2A (crescentes simples; 3,16%), de Tipo 2B (crescentes alongados simétricos; 3,16%), de Tipo 3B (triângulos escalenos; 1,27%), e de Tipo 3C (triângulos rectângulos; 0,63%).

Nestes conjuntos, e principalmente em relação a elementos provenientes de sepulcros do médio-alto curso do Rio Mondego, poder-se-á assumir que certos exemplares integrados no Tipo 2A (crescentes simples), poderão eventualmente corresponder a elementos do Tipo 1A (trapézios simétricos), apresentando truncaturas ligeiramente convexas, quase se fundindo no bordo esquerdo (tal como um dos elementos da anta do Alto da Feteira; cf. acima Fig. 6, n.º 18 e Fig. 13, n.º 19), fazendo-os assemelhar-se a crescentes; da mesma maneira, certos exemplares integrados nos Tipos 3A (triângulos isósceles) e 3B (triângulos escalenos), poderão corresponder também a elementos do Tipo 1A (trapézios simétricos) ou 1B (trapézios assimétricos), apresentando truncaturas muito oblíquas, quase se fundindo no bordo esquerdo (possuindo este escassos milímetros de comprimento), fazendo-os deste modo assemelhar-se a triângulos.

Será de notar a ligeira divergência em relação aos exemplares recolhidos em antas e cavidades cársicas da área estremenha, onde os elementos do Tipo 1B (trapézios assimétricos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas) se encontram melhor representados. No entanto, a realidade observada na

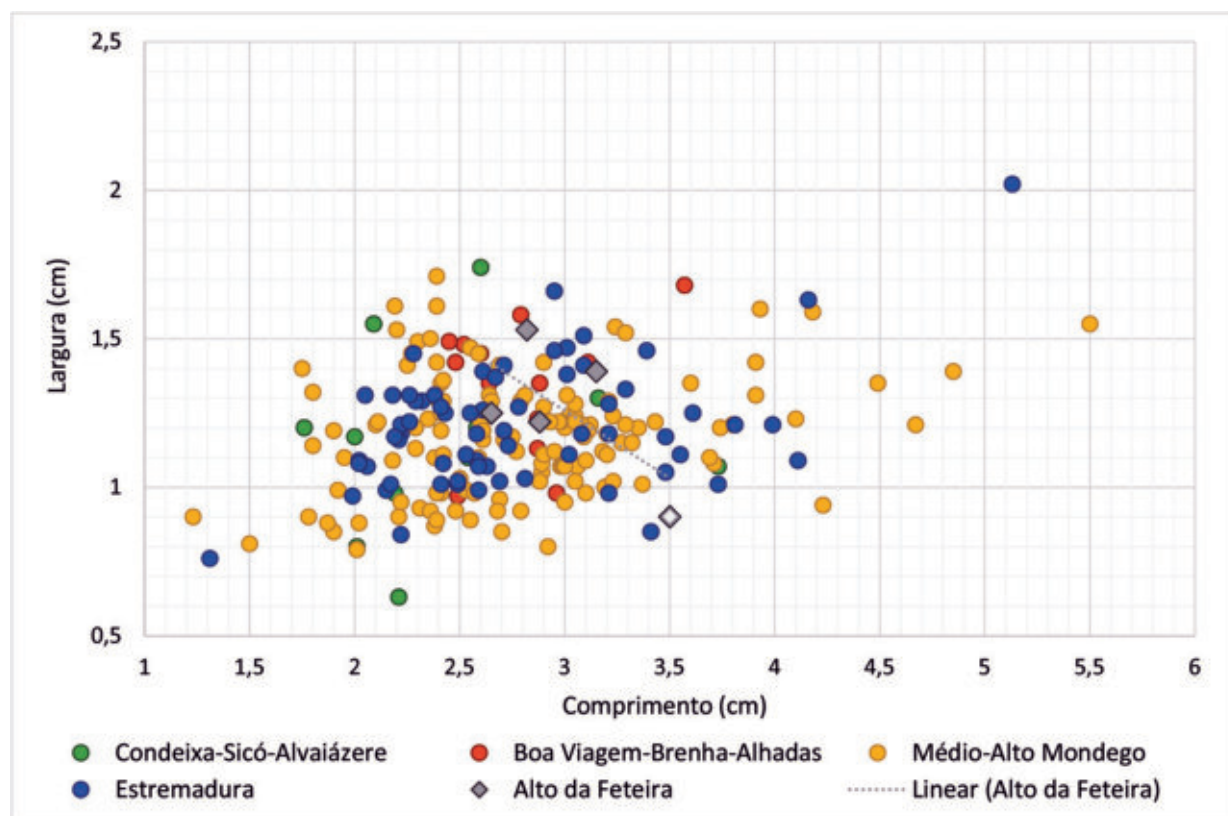


Fig. 18 – Comparação da relação *comprimento/largura* entre as armaduras geométricas recolhidas na anta do Alto da Feteira (indicadas pelos losangos) e as recolhidas em contextos funerários das áreas dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (baixo curso do Mondego) e do médio-alto curso do Mondego. Incluem-se igualmente as recolhidas em sepulcros megalíticos e cavidades cársicas da área estremenha (considerando nestes apenas os com utilizações exclusivas do 4.º milénio a.C.). A linha tracejada indica a tendência linear métrica dos elementos da anta do Alto da Feteira; os elementos actualmente ausentes da colecção encontram-se indicados pelos símbolos vazios, com medidas tomadas a partir de CASTRO & FERREIRA, 1969/1970.

bacia do médio-alto Mondego tem semelhanças com a documentada em pequenos sepulcros simples de tendência cistoide ou alongada da área do Sudoeste peninsular, onde também se observa uma maior incidência de elementos de Tipo 1A (trapézios simétricos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas) (MATALOTO, ANDRADE & PEREIRA, 2016/2017, p. 116, Fig. 56) Dever-se-á destacar aqui a presença de elementos do Tipo 1D (trapézios rectângulos com truncatura basal côncava), assumidos como mais evoluídos (MATALOTO, ANDRADE & PEREIRA, 2016/2017, p. 116-117). Ascendendo, como referido, a 8,86% da amostra, estes encontram-se, pelo contrário, documentados de forma residual nos sepulcros do médio-alto curso do Rio Mondego, com apenas 3,08% do total das armaduras geométricas analisadas nesta área, surgindo na anta da Sobreda incluídos num conjunto integrável no Neolítico Final, com abundantes pontas de seta de distintos morfo-tipos; cf. LEISNER, 1998, Taf. 93), estando melhor representados, mesmo considerando as diferenças quantitativas das amostras, no conjunto dos elementos analisados nas áreas dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere (como no sepulcro da Casa da Moura; cf. ROCHA et al., 2018, p. 271, Est. II) ou das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (como nos sepulcros do Cabeço dos Moinhos e Porto Sabroso; cf. LEISNER, 1998, Taf. 83 e 88; CRUZ et al., 2014, p. 12, Fig. 6). Constituem elementos que, tal como o verificado na anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, se encontram supostamente associados a típicas pontas de seta de base triangular a convexa, em números sensivelmente semelhantes, sendo o seu uso aparentemente coevo (BOAVENTURA et al., 2014/2015).

Os elementos geométricos da anta do Alto da Feteira contrapõem-se assim à presença de pontas de seta (não parecendo o trapézio rectângulo de base ligeiramente côncava aqui recolhido corresponder exactamente a um modelo do Tipo 1D; cf. acima Fig. 6, n.º 19 e Fig. 13, n.º 18). Efectivamente, as pontas de seta agora estudadas possuem características semelhantes, incluindo as dimensionais, às da anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (de base triangular a convexa), correspondendo aos morfo-tipos mais comuns durante o Neolítico Final (cf. FORENBAHER, 1999), presentes na larga maioria dos contextos funerários deste período no Centro-Sul do território português. Corresponderão assim ao segundo episódio de uso da anta do Alto da Feteira, destacando-se contudo o elemento de claro contorno losangular, tipo de certo modo pouco usual dentro do conjunto das pontas de seta de base triangular (Fig. 6, n.º 14 e Fig. 13, n.º 15).

Os restantes elementos, ainda assim representando 40% do conjunto recolhido no monumento em estudo (incluindo os não presentes actualmente na colecção), referem-se aos exemplares integráveis nos tipos de base recta, base côncava e base bi-côncava, com elevado índice de alongamento (aproximando-se aos 5 cm de comprimento, exceptuando um elemento de corpo mais curto que poderá corresponder a um reavivamento; cf. Fig 6, n.º 2 e Fig. 13, n.º 6), que antecipam as produções calcolíticas, ou fazendo mesmo delas já parte.

Os exemplares de base bicôncava, presentes na bacia do Tejo, na gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (cf. ANDRADE, 2021), documentam-se igualmente na área dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, na anta da Casa da Moura (ROCHA et al, 2018) ou, já em número elevado, na anta 2 do Rego da Murta, porém nesta última sem registos evidentes de pontas de seta de base bi-côncava, com um único exemplar com ligeiro espigão central que até se poderia incluir neste grupo (FIGUEIREDO, 2006; 2021). Exemplares esboçando espigão central ou pequeno pedúnculo encontram-se aparentemente melhor representados em contextos mais setentrionais, principalmente na bacia do baixo Mondego, como é atestado nas antas do Cabeço dos Moinhos, 2 das Carniçosas, Cabecinha e Cabecinha Grande, assim como em Eira Pedrinha (LEISNER, 1998, Taf. 83, 88, 90 e 91; CRUZ et al., 2014; CORRÊA & TEIXEIRA, 1949), e, já no seu médio-alto curso, nas antas de Repilau, Sobreda, 1 dos Moinhos de Vento, Amiais, Fiais da Telha e Valongo (LEISNER, 1998, Taf. 20, 58, 94, 95, 107 e 108; SENNA-MARTINEZ, 1983; SENNA-MARTÍNEZ & PEDRO, 2000).

Neste mesmo grupo crono-cultural se incluem as grandes pontas foliáceas, representadas na anta do Alto da Feteira por dois elementos de morfologia idêntica, reportáveis, no tocante às técnicas de manufactura, e mesmo de origem provável da matéria-prima, com o conjunto da anta 2 do Rego da Murta, incluída no mesmo contexto regional (FIGUEIREDO, 2006; 2021). Tratam-se de produções que se estendem desde o Neolítico Final até pelo menos o Calcolítico Pleno, encontrando-se o seu uso votivo muito bem documentado na área estremenha (LEISNER, 1965). Com efeito, 76,44% dos elementos cadastrados no Centro-Sul do território actualmente português referem-se a exemplares recolhidos em contextos funerários da Estremadura (35,63% dos quais provenientes do Maciço Calcário Estremenho), contrapondo-se apenas 12,07% das Beiras, 9,77% do Alentejo e 1,72% do Algarve (cf. SOUSA, 2004, p. 99). Tais dados poderão em parte ser explicados pela disponibilidade ou proximidade de matéria-prima em massas suficientemente grandes para a produção deste tipo de artefactos – como, com efeito, se regista na área estremenha.

A anta do Alto da Feteira, e as suas duas alabardas, situa-se precisamente na charneira do grupo estremenho, no limite da área de maior concentração destes artefactos, fazendo a transição para os domínios mais setentrionais.

Tendo em vista o estabelecimento de possíveis padrões locais/regionais para os elementos agora em estudo, recorreu-se a uma amostra de 14 exemplares recolhidos em sepulcros dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere (anta 2 do Rego da Murta), da Serra da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (anta da Cabecinha) e do médio-alto Mondego (antas 1 dos Moinhos de Vento e Orca de Palheiros). As medidas agora apresentadas obtiveram-se da literatura ou foram determinadas a partir das ilustrações publicadas (LEISNER, 1998; SENNA-MARTINEZ, 1983; FIGUEIREDO, 2006; 2021).

Verifica-se que as duas alabardas da anta do Alto da Feteira se integram num grupo de artefactos com comprimentos entre cerca de 16 cm e 23 cm (média de $18,85 \pm 2,43$ cm) para larguras entre cerca de 7 cm e 12 cm (média de $8,52 \pm 1,27$ cm), podendo ser assumidas como alabardas típicas (Fig. 19), atingindo valores extremos nos exemplares da anta da Cabecinha, com cerca de 34 cm de comprimento, e da anta 1 dos Moinhos de Vento, com cerca de 27 cm de comprimento (LEISNER, 1998, Taf. 90 e 113), este último morfologicamente idêntico aos exemplares da anta do Alto da Feteira.

O conjunto dos produtos alongados reflectirá igualmente estes dois períodos de utilização da anta do Alto da Feteira, apresentando características tecnológicas próprias que os permite distinguir.

É clara a pertença dos elementos retocados obtidos por percussão indirecta ou pressão ao Neolítico Final (e ao Calcolítico), encontrando-se bem representados em contextos funerários do Centro Sul do território português (LEISNER, 1959; 1965; 1998), justificando-se apenas a referência a exemplares directamente relacionados com a anta do Alto da Feteira, por provirem de contextos dos finais do 4.º milénio a.C. e primeiro quartel do seguinte. É o caso dos exemplares da anta da Quinta das Lagoas (LEISNER, 1998, Taf. 119), ou, já na área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas, das antas do Cabeço dos Moinhos (incluindo exemplar apontado como no Alto da Feteira), Cabecinha e Facho (LEISNER, 1998, Taf. 84, 90, 91 e 92). Na área do médio-alto curso do Mondego, devem citar-se as antas de São Pedro Dias, Bobadela, 1 dos Moinhos de Vento (com um conjunto numeroso, incluindo elementos de crista) e Outeiro do Rato (LEISNER, 1998, Taf. 59, 103, 109-112; TAVARES, 1980).

Os restantes produtos alongados, representados por lâminas não retocadas e lamelas (ou pequenas lâminas, incluindo exemplares de quartzo hialino) justificam discussão mais desenvolvida, tendo em vista a sua integração crono-cultural. São produções atribuíveis ao pleno Neolítico Médio, obtidas por percussão indirecta, com dimensões que raramente ultrapassam 10 cm de comprimento e 2,5 cm de largura. O conjunto da anta do Alto da Feteira respeita estes critérios.

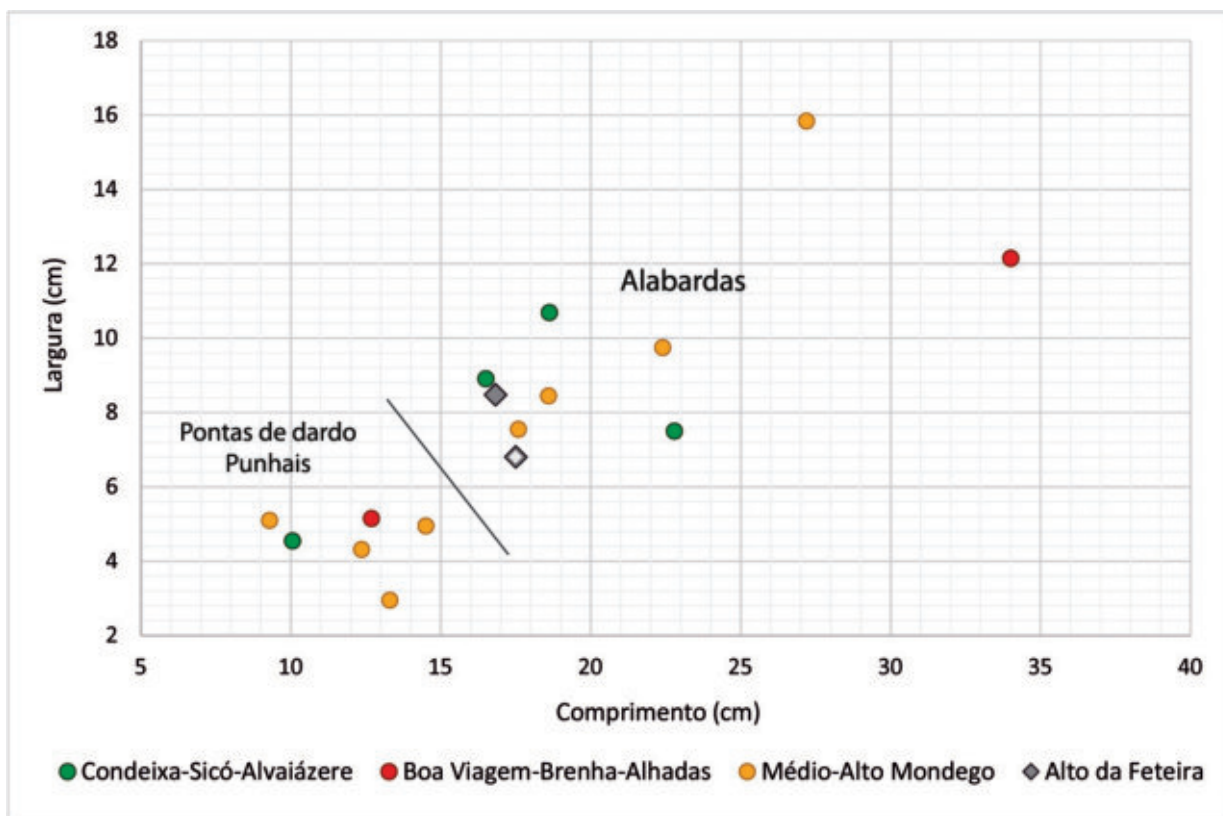


Fig. 19 – Comparação da relação *comprimento/largura* entre as grandes pontas foliáceas recolhidas na anta do Alto da Feteira (indicadas pelos losangos) e as recolhidas em contextos funerários das áreas dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (baixo curso do Mondego) e do médio-alto curso do Mondego. Os elementos actualmente ausentes da colecção da anta do Alto da Feteira encontram-se indicados pelos símbolos vazios, com medidas tomadas a partir de CASTRO & FERREIRA, 1969/1970.

A análise comparativa realizada recorreu a amostra constituída por 77 exemplares recolhidos em sepulcros do Centro-Sul do território português, considerando apenas elementos inteiros provenientes de contextos com utilizações exclusivas do 4.º milénio a.C. isentos de misturas com elementos mais tardios. Consideraram-se os exemplares das grutas naturais do Algar do Bom Santo, Lugar do Canto, Alcobertas e Lapa da Bugalheira («Sala do Ricardo»), e das grutas artificiais de Sobreira de Cima, Vale de Barrancas 1, Barrada e Quinta dos Poços. As medidas agora tratadas correspondem às apresentadas na literatura ou determinadas a partir das respectivas ilustrações (BARRADAS et al., 2013; CARDOSO, 2020; CARDOSO & CARVALHO, 2008; CARVALHO, 2014; RODRIGUES & ZILHÃO, 2021; VALERA, 2013; VALERA & NUNES, 2020; VALERA et al., 2023).

Com efeito, mesmo considerando que apenas três exemplares não retocados da anta do Alto da Feteira permitem a obtenção integral de medidas, verifica-se a sua integração no conjunto dos produtos alongados de transição do Grupo 1 para o Grupo 2, definidos por António Faustino Carvalho. Com efeito, o Grupo 1 corresponde aos elementos com comprimentos compreendidos entre 2,5 cm e 10 cm e larguras compreendidas entre 0,8 cm e 2 cm, classificáveis como lamelas ou pequenas lâminas típicas do pleno Neolítico Médio (CARVALHO, 2013, p. 73; CARVALHO & GIBAJA, 2014, p. 173). Os exemplares da anta do Alto da Feteira apresentam $11,76 \pm 3,39$ cm de comprimento médio e $2,10 \pm 0,12$ cm de largura média (atendendo aqui apenas aos exemplares não retocados), posicionando-se assim na linha de charneira entre os elementos do Grupo 1 e os já integráveis no Grupo 2, com comprimentos compreendidos entre 12 cm e 18 cm e larguras compreendidas entre 1,8 cm e 2,8 cm, classificados como lâminas robustas (CARVALHO, 2013, p. 73; CARVALHO & GIBAJA, 2014, p. 173) (Fig. 20).

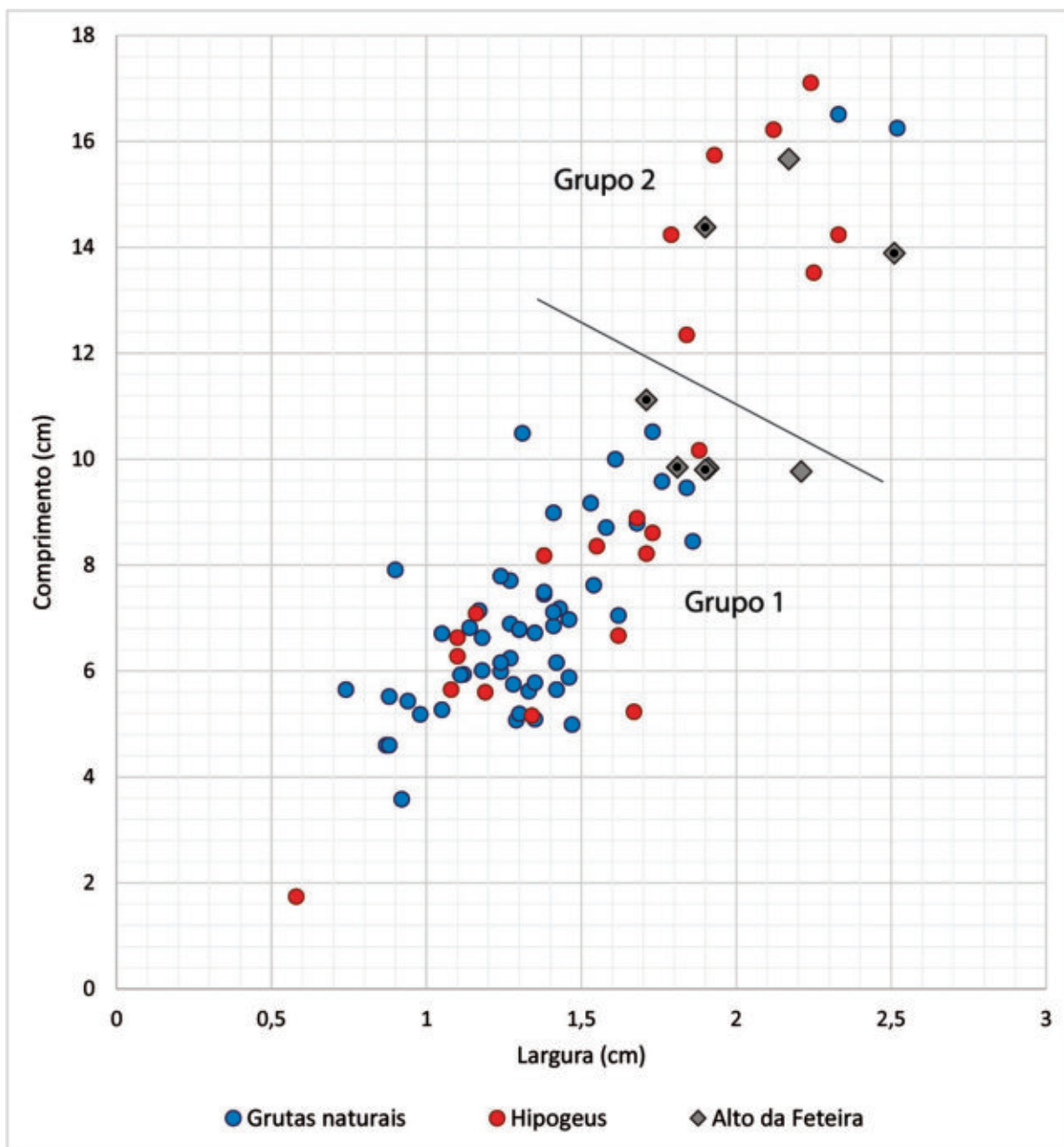


Fig. 20 – Comparação da relação *comprimento/largura* entre os produtos alongados recolhidos na anta do Alto da Feteira (indicados pelos losangos; elementos retocados indicados pelos pontos internos) e os recolhidos em contextos funerários (grutas naturais e hipogeus) com utilizações exclusivas do 4.º milénio a.C. (grutas naturais de Lugar do Canto, Alcobertas, Lapa da Bugalheira – «Sala do Ricardo» e Algar do Bom Santo, e os hipogeus da Sobreira de Cima, Vale de Barrancas, Barrada e Quinta dos Poços), enquadrados nos grupos morfológicos definidos por António Faustino Carvalho (CARVALHO, 2009; CARVALHO & GIBAJA, 2014).

Assim, os resultados obtidos não se coadunam rigorosamente com os padrões dimensionais documentados nos produtos alongados do Grupo 1 recolhidas nos distintos contextos funerários do pleno 4.º milénio a.C. aqui abordados, distribuindo-se estes entre $7,16 \pm 2,38$ cm de comprimento médio para $1,35 \pm 0,23$ cm de largura média para exemplares recolhidos em cavidades cárnicas e $9,36 \pm 4,24$ cm de comprimento médio para $1,60 \pm 0,36$ cm de largura média para exemplares provenientes de hipogeus. Esta ligeira divergência dever-se-á

à exiguidade da amostra disponível, dado que os restantes exemplares que se poderiam integrar neste grupo (e especialmente os de menor dimensão, que influenciariam na definição dos padrões métricos médios) não se encontram completos. De qualquer forma regista-se a existência de um exemplar não retocado de grandes dimensões que se integra no Grupo 2, mas que oferece características tecnológicas semelhantes às registadas nos elementos do Grupo 1 (cf. Fig. 8, n.º 3 acima). Poderá assim constituir paralelo com alguns dos exemplares das grutas de Alcobertas e Algar do Bom Santo, ou dos hipogeus de Sobreira de Cima (Sepulcros 1 e 5) e Barrada (cf. BARRADAS et al., 2013; CARDOSO, 2020; CARVALHO, 2013; 2014).

Neste mesmo sentido se poderão considerar os exemplares retocados com padrões dimensionais que se enquadram no Grupo 1, mas que tecnologicamente se equiparam aos restantes elementos retocados da anta do Alto da Feteira, metricamente enquadáveis no Grupo 2, correspondendo já a produções do Neolítico Final e do Calcolítico (CARVALHO, 2009, p. 80; 2013, p. 73). Tal situação pode em parte ser explicada pelo facto de se tratarem de elementos apontados ou retocados na extremidade distal, o que poderá ter alterado as suas dimensões, originalmente superiores (cf. acima Fig. 7, n.º 8-10; Fig. 12, n.º 3-4 e 6; Fig. 13, n.º 24).

No conjunto dos artefactos de pedra polida, é indefinida a inclusão dos três fragmentos de machados de anfibolito em qualquer dos dois episódios de utilização do monumento, já que o recurso a esta rocha é conhecido na região desde o Neolítico Médio, bem documentado na gruta do Lugar do Canto (CARDOSO & CARVALHO, 2008)

Mas o exemplar de pedra polida mais notável de todos os recolhidos é o machado de silimanite com «sulco de encabamento». Segundo antigo levantamento realizado por José Leite de Vasconcellos, constata-se a distribuição de exemplares deste tipo por todo o território português, de Vila Real de Santo António a Bragança (VASCONCELLOS, 1921/1922).

A presença de peças de pedra polida de silimanite encontra-se atestada em contextos do Neolítico Antigo da Estremadura e vale do baixo Tejo, como no povoado de Moita da Ladra (CARDOSO, 2014 b), do pleno 4.º milénio a.C, como na gruta do Escoural (ARAÚJO & LEJEUNE, 1995); peças de fibrolite munidas de sulco transversal são bem conhecidas em contextos mais tardios, inseridos num momento de apogeu do fenómeno megalítico, como os exemplares das antas da região de Idanha-a-Nova; de San Bartolomé de la Torre (GONÇALVES & ANDRADE, 2014; LEISNER, 1998, Taf. 40 e 83; LEISNER & LEISNER, 1943, Taf. 76; Cerdán Márquez, LEISNER & LEISNER, 1952, Lám. 79; LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961, p. 29), sendo igualmente de referir, tal como já mencionado por Luís de Albuquerque e Castro e Octávio da Veiga Ferreira, a sua presença na área do Sudeste ibérico, no sepulcro de falsa cúpula de Loma de las Eras 2 e no sepulcro 113 da área de Gorafe, do núcleo de La Gabiarra (LEISNER & LEISNER, 1943, Taf. 29 e 41). Refira-se igualmente a sua presença em contextos não necessariamente funerários, e já claramente calcolíticos, como os dois exemplares em anfibolito recolhidos no povoado do Outeiro de São Mamede (CARDOSO & CARREIRA, 2003), ou mesmo a aplicação de sulco em outro tipo de artefacto que não machados, como a pequena enxó de silimanite recolhida em contexto desconhecido na área de Fronteira (cf. ANDRADE, 2009).

A presença do «sulco de encabamento» nestes artefactos tem levado a considerá-los como peças afins dos «polidores» com sulco neolíticos e calcolíticos. Esta hipótese foi já esboçada em VASCONCELLOS, 1921/1922. Os «polidores com sulco» foram já objecto de estudo anterior (ANDRADE, 2017, p. 39-41). Com base em dois exemplares em silimanite fracturados recolhidos em sepulcro da área de Alconétar, é referido que se tratariam de elementos reutilizados como polidores, sendo assim o sulco aplicado posteriormente (após a fragmentação da peça e à consequente perda da sua funcionalidade original) (CERRILLO CUENCA, 2018, p. 82). Esta hipótese, que se poderia assim estender também aos exemplares fragmentados de San Bartolomé de la Torre ou do Casal do Pardo (cf. Cerdán Márquez, LEISNER & LEISNER, 1952; LEISNER, ZBYSZEWSKI &

FERREIRA, 1961) é contrariada pelo facto de que a presença de este sulco também se documenta em exemplares inteiros, por vezes sem quaisquer vestígios de uso (como se observa no elemento de silimanite da anta do Alto da Feteira (Fig. 9, n.º 1; Fig. 12, n.º 1), pelo que aquela interpretação perde qualquer consistência.

A distribuição das peças de pedra polida de silimanite no território português evidencia ampla difusão geográfica, embora a sua presença seja relativamente rara no cômputo geral dos conjuntos votivos, com uma larga percentagem de ocorrências de contextos indeterminados (cf. FERREIRA, 1953; GUERRA & FERREIRA, 1979).

Como se referiu acima, a utilização de esta matéria-prima encontra-se atestada desde o Neolítico Antigo (CARDOSO, 2023), em sítios englobando um amplo espectro geográfico, sendo identificados em contextos como Montum de Baixo, Encosta de Sant'Ana, Moita da Ladra, Cortiçóis, Cerradinho do Ginete, Freixo, Prazo, Cardina ou Vale de Cerdeira, somando ainda o exemplo de Gonçalves já relativo ao Neolítico Médio (cf. SOARES, SILVA & DUARTE, 2021; LEITÃO, CARDOSO & MARTINS, 2021; CARDOSO & CANINAS, 2010; CARDOSO, CARVALHO & GIBAJA BAO, 2013; CARVALHO, 2008; ANDRADE, 2015b; MONTEIRO-RODRIGUES; AUBRY et al., 2016; XAVIER, MEIRELES & ALVES, 2020; 2022; SOUSA, MIRANDA & VAN CALKER, 2020/2021).

A sua ocorrência em conjuntos votivos está documentada desde o pleno Neolítico Médio, na gruta do Escoural, pelo machado com «sulco de encabamento» acima mencionado, na gruta das Salemas, nas antas 3 do Piornal e Areita, e no Sepulcro 2 do núcleo IV da necrópole do Pessegueiro (ARAÚJO & LEJEUNE, 1995; FERREIRA & CASTRO, 1972; GONÇALVES, 2013; GOMES et al., 1998; SOARES & SILVA, 2023/2024). A sua utilização prolonga-se pelo Neolítico Final e pelo Calcolítico, como são os exemplares das antas 1 de Vale de Rodrigo, 1 de Cavaleiros, São Bernardo, Monte Abraão, Medelim ou Idanha-a-Nova (referindo-se ao machado com «sulco de encabamento» acima mencionado), o sepulcro de falsa cúpula do Escoural ou o hipogeu de Casal do Pardo 3 (LEISNER, 1944; LEISNER & LEISNER, 1953; LEISNER, 1998, Taf. 54, 72, 83 e 100; SANTOS & FERREIRA, 1969), podendo-se citar igualmente os casos das grutas da Furninha e Casa da Moura, com vários exemplares, mas cuja cronologia é incerta, dado registarem vários episódios de utilização funerária, do Neolítico Antigo ao Calcolítico (CARDOSO & CARVALHO, 2010/2011; CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002). A sua presença regista-se igualmente em típicos povoados calcolíticos, como exemplificado pelos exemplos de Outeiro Redondo, Leceia ou Penedo (CARDOSO, 2019; 1981; SPINDLER, 1969), embora seja de admitir a hipótese de poderem corresponder, pelo menos em alguns casos, a objectos trazidos para estes povoados provenientes de contextos mais antigos.

Trabalhos recentes realizados em contextos funerários relativos ao início do fenómeno megalítico (ou «proto-megalítico»), para os quais se dispõe de datações absolutas directamente realizadas sobre amostras osteológicas humanas, como Campo de Hockey ou Arroyo Saladillo, permitem associar o princípio teórico da utilização votiva destes artefactos a um momento centrado entre o último quartel do 5.º milénio a.C. e o primeiro quartel do milénio seguinte, podendo prolongar-se até aos seus meados, correspondendo assim ao pleno Neolítico Médio (cf. VIJANDE-VILA et al., 2015; 2022; FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, CISNEROS GARCÍA & ARCAS BARRANQUERO, 2014/2015, GARCÍA SANJUÁN et al., 2020), o que se poderia coadunar com os resultados obtidos para as antas de Areita ou 1 do Carapito, com artefactos de silimanite e datações similares, embora a validade dos seus resultados possa ser discutível, dado serem realizadas sobre amostras de carvões (GOMES et al., 1998; CRUZ, 1995; CRUZ & VILAÇA, 1994).

De qualquer maneira, correspondem a artefactos com utilização votiva teoricamente estabelecida a partir do Neolítico Médio (referindo-se exclusivamente a contextos habitacionais os sítios datáveis do Neolítico Antigo acima listados), sugerindo-se igualmente que aqueles documentados em contextos mais tardios

(nomeadamente calcolíticos) se possam tratar de elementos recuperados de contextos neolíticos anteriores (CARDOSO, 2023, p. 226), circunstância que parece registar-se até épocas muito mais tardias, do Bronze Final (em sítios como Moreirinha e Monte do Trigo), Idade do Ferro (como Casal dos Pegos 1) e talvez mesmo durante o período romano-republicano (como Pedrão) (VILAÇA, CATARINO & OSÓRIO, 2022; PIMENTA & MENDES, 2015; SOARES & SILVA, 1973).

Na bacia do Mondego, domínio directamente relacionado com a área em estudo, e para além dos exemplares de contextos indeterminados depositados no Museu da Figueira da Foz (GUERRA & FERREIRA, 1979), artefactos polidos de silimanite encontram-se presentes desde um momento inicial do Neolítico, em sítios de natureza habitacional como Vale do Romão, Junqueira e Várzea do Lírio no seu baixo curso (VILAÇA, 1988), e na Buraca da Moura de São Romão, já no seu médio-alto curso (VALERA, 2003; 2006). Em ambiente funerário, juntando-se aos dois exemplares da anta do Alto da Feteira, foram identificados nas antas do Cabeço dos Moinhos e do Casal da Serra das Alhadas, na área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (LEISNER, 1998, Taf. 84 e 89; CRUZ et al., 2014), a que se somam os exemplares atribuídos à gruta de Eira Pedrinha, no Museu Francisco Tavares Proença Júnior (FERREIRA, 2004, p. 218-221), sem contexto conhecido. Enfim, no médio-alto curso do Rio Mondego, registaram-se ocorrências nas antas 2 do Ameal e 1 do Carapito (VENTURA, 1998; LEISNER, 1998, Taf. 64).

Embora se conheçam exemplares de dimensões assinaláveis, como é o caso do agora em estudo, ou mesmo de maiores dimensões, como o exemplar da gruta da Salemas, presentemente em estudo pelos autores deste trabalho, ou ainda outros, provenientes da Herdade de Fontalva, Elvas, pertencentes às colecções do Museu Geológico do LNEG, verifica-se que a maioria das peças são de dimensões reduzidas (raramente excedendo 6 cm de comprimento), descritas como pequenas enxós ou pequenos escopros (ou goivas, como no caso da anta 2 do Ameal), como é o caso do outro exemplar de silimanite recolhido no sepulcro em estudo (Fig. 9, n.º 2; Fig. 12, n.º 2). Tal realidade tem conduzido a admitir que se tratariam de produções miniaturais, sem finalidade prática, enquadrando-se no domínio das produções simbólicas ou votivas. Será contudo de referir, noutro sentido, a sua utilização ocasional na produção de outros objectos de maiores dimensões, como a grande «lâmina» de Imárcoain, com perto de 40 cm de comprimento, ou o grande «pendente» da área de Fronteira (GONZÁLEZ SAINZ, 1979; ANDRADE & VAN CALKER, 2019).

Com efeito, a «miniaturização» destes artefactos não poderá ser explicada unicamente pela disponibilidade de suportes de maior ou menor dimensão, relacionada como a maior ou menor proximidade das fontes de matéria-prima, como se atesta no sepulcro de Portillo de las Cortes, próximo às fontes de silimanite de Guadalajara (mais abaixo referidas), onde um significativo conjunto de objectos de silimanite «miniaturizados» foi recolhido (cf. BUENO RAMÍREZ et al., 2016). Mas o aproveitamento exaustivo de volumes de matéria-prima de menor dimensão, pode em parte explicar a aludida miniaturização, como parecem documentar os pequenos seixos que parecem ter sido utilizados em Cardina (AUBRY et al., 2016), evidenciando-se igualmente no seixo bruto reportado ao povoado da Cabeça de Vaimonte (observado no Museu Nacional de Arqueologia juntamente com outros artefactos calcolíticos) (Fig. 21).

A característica dominante destes exemplares, reside, pois, na sua miniaturização, aliada ao facto de não apresentarem em geral evidentes vestígios de uso, conduz à admissão do seu carácter ritual, com valor simbólico intrínseco, podendo corresponder não a utensílios propriamente ditos, mas à representação destes, em matérias-primas de excelência estética (CARDOSO, 2023; CARVALHO, 2018), levantando mais uma vez a questão sobre os possíveis significados desta «miniaturização» dos artefactos produzidos em silimanite (VILAÇA, CATARINO & OSÓRIO, 2022; VILAÇA, OSÓRIO & CATARINO, 2023), podendo admitir-se a hipótese de, tal como defendido para os artefactos de jadeíte de pequeno tamanho da área bretã, terem sido produ-

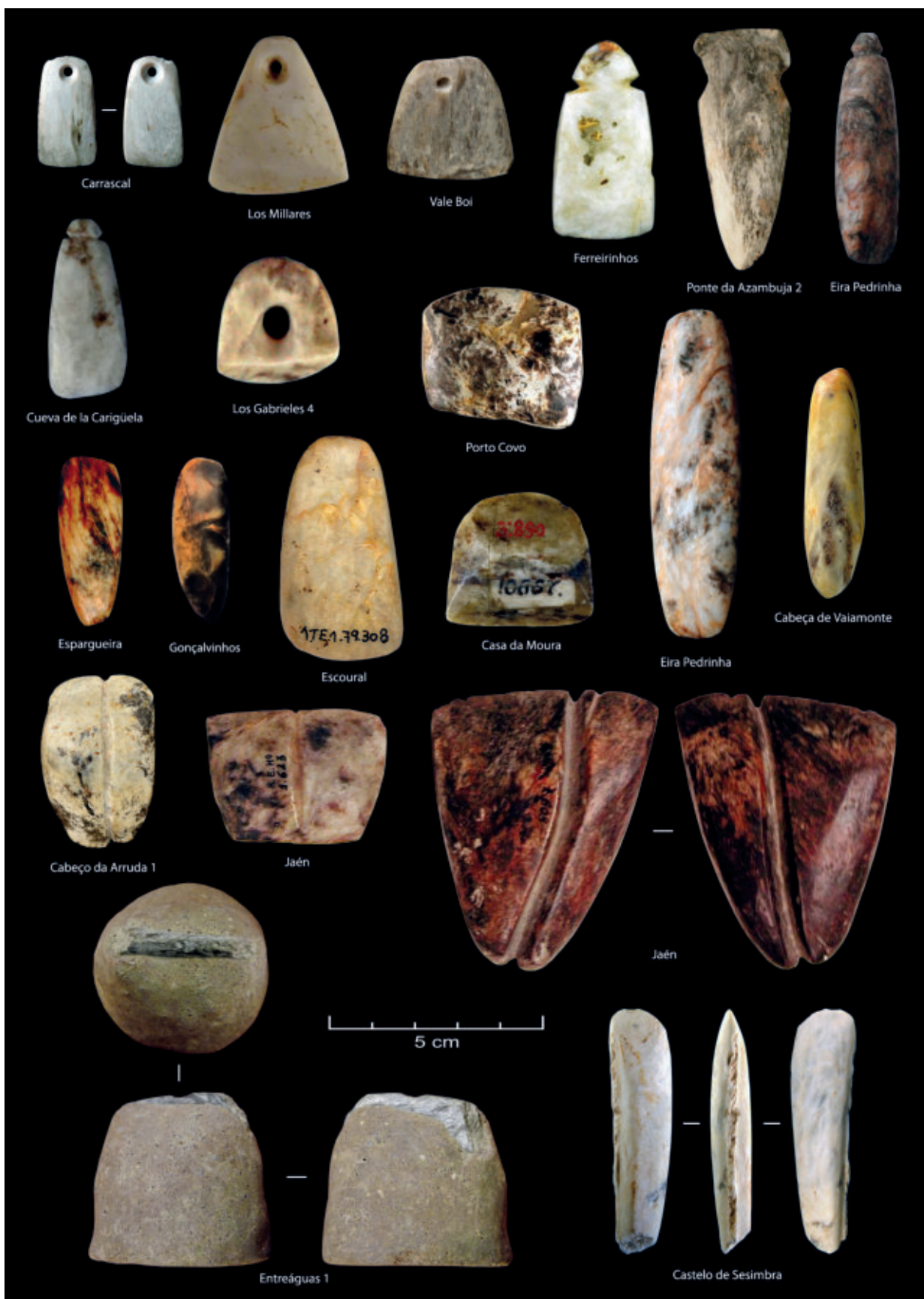
zidos recorrendo a «lascas» ou fragmentos de artefactos de maior dimensão, de certo modo «perpetuando» a sua carga ideológica original (PÉTREQUIN et al., 2012a, p. 580). Contudo, e ao contrário do que se regista na Bretanha, o número reduzido de elementos de tamanho médio a grande, contrapondo-se ao elevado número de elementos de pequena dimensão, inviabiliza esta leitura.

A carga simbólica inerente à «miniaturização» destes artefactos é demonstrada pelas evidências de aproveitamento em elementos de adorno, que mantêm as características morfológicas do utensílio original que lhes serviu de modelo, tal como a conservação do gume (CARDOSO, 2011b; 2023, p. 227) (Fig. 21). Tais exemplares ostentam perfuração, que não deixa dúvidas sobre o seu uso apotropaico (assimilados a «machados-pendente»), sendo atribuíveis ao Neolítico Final, como o exemplar do Carrascal (CARDOSO, 2023) ou ao Calcolítico, como o de Los Millares (GARCÍA GONZÁLEZ, 2014), a que se poderá juntar o exemplar com perfuração inacabada de Vale Boi, onde se documentaram ocupações datáveis do Neolítico Antigo (CARVALHO, 2008; CARVALHO et al., 2008).

Igualmente compatível com utilização de cunho simbólico, são os pendentes «idoliformes», seja pela insculptura de sulco perimétrico na extremidade distal (esboçando assim uma espécie de «cabeça», aproximando-se aos característicos «ídolos de gola» estremenhos). É o caso dos exemplares de Cueva de la Carigüela, de Eira Pedrinha (de acordo com a proveniência atribuída no Museu Francisco Tavares Proença Júnior) ou da anta 2 de Alcogulo (GARCÍA GONZÁLEZ, 2014; FERREIRA, 2004, p. 221, n.º 236; CARDOSO, 2023, Fig. 49; RODRIGUES, 1975). A suspensão também poderia ser assegurada através de entalhes laterais, como o exemplar da anta de Ferreirinhos ou o do povoado do Neolítico Final da Ponte da Azambuja 2 (VILAÇA, OSÓRIO & CATARINO, 2023; RODRIGUES, 2015).

O reaproveitamento de alguns exemplares é patenteado por alguns deles, como o do Neolítico Médio da gruta Porto Covo, fracturado transversalmente e repolido sobre a fractura (GONÇALVES, 2008) (Fig. 21). As evidências de seccionamento através de sulcos sensivelmente rectilíneos, produzidos por abrasão, tendo em vista a repartição de artefactos completos, mesmo que de reduzida dimensão documentam igualmente outra modalidade de reaproveitamento. O método de seccionamento utilizado nestes casos equipara-se ao observado na Bretanha, respeitante à técnica de *sciage* (PAILLER, 2005; 2009; 2012a; 2012b), que se poderá encontrar representada na área ibérica no artefacto proveniente da área do Ervedal publicado por José Leite de Vasconcellos (ANDRADE, 2014, p. 99, Fig. 10). As marcas deste seccionamento longitudinal não concluído, observadas em outras peças de silimanite são evidentes no exemplar do hipogeu do Neolítico Final do Cabeço da Arruda 1 e em dois outros exemplares de contexto indeterminado, da área de Jaén (LEISNER, 1965, Taf. 6; exemplares de Jaén observados no Museo de Jaén), ou já totalmente concluído, não tendo contudo recebido

Fig. 21 – Exemplos de artefactos de silimanite reutilizados (ou em vias de reutilização), como elementos de adorno ou como possíveis «miniaturizações»: «machados-pendente» de Carrascal, Los Millares e área de Vale Boi (com perfuração inacabada); pendentes «idoliformes» de Ferreirinhos, Ponte da Azambuja 2, Eira Pedrinha (?) e Cueva de la Carigüela; «conta» da anta 4 de Los Gabrieles; pequeno machado repolido no talão (sobre fractura) da gruta de Porto Covo; pequenas enxós ou formões de Espargueira, Gonçalves, *tholos* do Escoural, gruta da Casa da Moura e Eira Pedrinha (?); enxós com sulcos para seccionamento do Cabeço da Arruda 1 e da área de Jaén; pequeno formão com vestígios de seccionamento do Castelo de Sesimbra; inclui-se igualmente o «seixo» (sem trabalho aparente) atribuído como da Cabeça de Vaiamonte e o artefacto incluído em «manga» de argila da anta 1 de Entreáguas. Carrascal adaptado de CARDOSO, 2023, p. 228, Fig. 48; Los Millares e Cueva de la Carigüela adaptado de GARCÍA GONZÁLEZ, 2014, p. 403, Fig. 2; Vale Boi, foto de Ricardo Soares; Ferreirinhos, Espargueira, Escoural, Casa da Moura e Cabeça de Vaiamonte, fotos de Museu Nacional de Arqueologia; Ponte da Azambuja 2 adaptado de RODRIGUES, 2015, vol. 2, p. 91, Fig. II.3.27; Eira Pedrinha, foto de Museu Francisco Tavares Proença Júnior; Los Gabrieles, foto de Museo de Huelva; Porto Covo adaptado de GONÇALVES, 2008, p. 127, Fig. 2.37; Gonçalves adaptado SOUSA, MIRANDA & VAN CALKER, 2020/2021, p. 172, Fig. 10; Cabeço da Arruda 1, foto de Daniel van Calker; área de Jaén, foto de Museo de Jaén; Castelo de Sesimbra, trabalhos de M.A.A.; Entreáguas, foto de M.A.A.



o polimento ulterior do bordo que eliminaria os vestígios desta acção, no exemplar recolhido fora de contexto no Castelo de Sesimbra (trabalho de M.A.A.) (Fig 21). Na verdade, os bordos geometricamente assimétricos que muitos destes exemplares «miniaturizados» apresentam poderão justificar-se por via de estes seccionamentos executados em exemplares já acabados; da mesma maneira, a relação entre a sua relativamente reduzida largura e o seu comprimento será consequência da divisão em duas ou mais porções de uma peça de maiores dimensões.

Outra evidência do valor simbólico destes elementos é documentada no curioso artefacto da anta 1 de Entreáguas o qual, ao contrário do sugerido por Vergílio Correia, não parece representar a técnica de encabamento de artefactos de pedra polida (cf. CORREIA, 1921, p. 60-61). Com efeito, trata-se de fragmento de artefacto indeterminado de silimanite (estando visíveis as linhas de fractura nas faces laterais) incluído em «manga cerâmica», em que a parte exposta não corresponde a um gume efectivo, apresentando-se aplanada; por outro lado, o elemento cerâmico apresenta base plana, destinando-se a ser pousado sobre uma superfície nivelada (Fig. 21). Deste mesmo contexto é proveniente outro artefacto semelhante do qual subsiste apenas a parte cerâmica, não conservando já o elemento lítico, mas mantendo o negativo resultante da sua inserção na pasta fresca; apresenta igualmente um orifício profundo no corpo, semelhante àqueles registados nos designados «ídolos de cornos» ou «suportes de lareira». Será admissível a hipótese de corresponder a uma produção ideotécnica, podendo ser utilizada em altar doméstico, depois aproveitada como oferenda funerária.

Os artefactos de pedra afeiçoada estão representados por duas placas de grés, uma delas inteira, cuja atribuição funcional é sugerida por possuir uma das faces maiores ocupada por concavidade regular relacionada com o polimento de artefactos. É relativamente comum a presença de placas de grés lisas em distintos tipos contextos funerários estremenhos relativos a este intervalo temporal, estando sobejamente documentada em diversos casos comparativos disponíveis que seria exaustivo listar (cf. exemplos variados em LEISNER; 1965). A sua presença em contextos funerários da área estrita do Maciço Calcário Estremenho foi já evidenciada em outros locais, salientando-se a estreita relação com a área alentejana, principalmente com a sua parcela Norte, onde também ocorrem (cf. ANDRADE, 2015a; ANDRADE, MAURÍCIO & SOUTO, 2010; GONÇALVES, ANDRADE & PEREIRA, 2014).

Os recipientes cerâmicos da anta do Alto da Feteira, apesar do seu elevado grau de fragmentação, permitiram diversas considerações. Desde logo, é de assinalar a presença de taças carenadas, possivelmente correspondentes ao tipo de carena alta, um elemento característico do Neolítico Final estremenho (SOUSA, 2021), afim da presença alfinetes de osso com cabeça amovível (um dos quais foi datado). A mesma associação foi identificada, em contextos domésticos, como no povoado do Carrascal, com datações coevas (CARDOSO, SOUSA & ANDRÉ, 2015), sendo por conseguinte atribuível ao segundo momento de utilização da anta do Alto da Feteira. Conhecem-se outros contextos funerários da área em estudo que forneceram recipientes comparáveis, como as grutas da Buraca Grande e dos Alqueves, esta com datação absoluta coeva (AUBRY, FONTUGNE & MOURA, 1997; MOURA & AUBRY, 1995; VILAÇA & RIBEIRO, 1987), podendo-se referir igualmente um vaso carenado na anta do Facho, na Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (LEISNER, 1998, Taf. 92).

Os restantes elementos (exceptuando-se o fragmento de vaso com pé) não oferecem características distintivas, podendo os recipientes almagradados, representados por uma taça mamilada e um vaso com cordão plástico

(Fig. 10, nº 3 e 5) ser reportados ao primeiro momento de utilização da anta do Alto da Feteira, lembrando os exemplares atribuíveis ao pleno 4.º milénio a.C. da anta 1 do Poço da Gateira (cf. LEISNER & LEISNER, 1951).

As placas de xisto gravadas cujo espectro de uso se estende dos últimos séculos do 4.º milénio a.C. até ao primeiro terço do milénio seguinte (cf. ANDRADE, 2015c) integram-se no segundo episódio de utilização da anta do Alto da Feteira.

Embora a anta do Alto da Feteira não tenha fornecido nenhuma placa de xisto decorada, é de assinalar um exemplar proveniente da gruta de Monte Real (a cerca de 20 km a poente do sepulcro em estudo), a par da placa de xisto, igualmente decorada, com recorte antropomórfico, da anta de Fonte Santa e da placa de xisto com gravação sumária da anta da Quinta das Lagoas (a cerca de 10 km a nascente do sepulcro em estudo), que poderão constituir o limite setentrional teórico de distribuição deste tipo de artefactos (CARDOSO, 2018; CARDOSO, 2015, Fig. 5; VILAÇA & CUNHA-RIBEIRO, 2008; LEISNER, 1998, Taf. 119). Estas produções ideotécnicas são conhecidas em outros monumentos dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, como a recolhida na anta 2 do Rego da Murta (cf. FIGUEIREDO, 2006; 2021), assim como da área do baixo curso do Mondego, como os exemplares da anta do Cabeço dos Moinhos (na área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas), de Bósios (na área de Cantanhede) ou a placa de grauvaque lisa recolhida na gruta dos Alqueves (já na área de Coimbra) (LEISNER, 1998, Taf. 83 e 85; CRUZ et al., 2014; VILAÇA & RIBEIRO, 1987).



Fig. 22 – Comparação entre a placa de xisto gravada, de recorte antropomórfico, recolhida na anta de Fonte Santa (Ansião) e a recolhida na gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (Torres Novas), notando-se o evidente sincretismo iconográfico de ambos os exemplares (adaptado de CARDOSO, 2015, p. 125, Fig. 35 e ANDRADE, MAURÍCIO & SOUTO, 2010, p. 250, Fig. 14).

A relação da área em estudo com o Maciço Calcário Estremenho, no âmbito das redes de distribuição e assimilação destes artefactos e dos rituais que lhes são inerentes encontra-se também atestado pelas semelhanças iconográficas entre a placa da anta de Fonte Santa e a da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (CARDOSO, 2015, p. 125, Fig. 35; ANDRADE, MAURÍCIO & SOUTO, 2010), correspondendo ambas a exemplares de contorno antropomórfico decoradas com bandas de triângulos preenchidos, cujo recorte parece ser posterior à gravação dos motivos decorativos, no caso da placa da anta de Fonte Santa (Fig. 22).

Crono-culturalmente associados às placas decoradas de xisto encontram-se os alfinetes de osso de cabeça amovível e as grandes contas de colar bitroncocónicas ou toneliformes de «pedra verde» e de azeviche, que correspondem a elementos próprios do Neolítico Final e do Calcolítico, que ocorrem conjuntamente com taças de carena alta e pontas de seta de base triangular a convexa: tais foram os itens utilizados por Konrad Spindler na definição do seu «*Paredo-Gruppe*», o arquétipo cultural do Neolítico Final da área estremenha (SPINDLER, 1976), o qual veio depois a ser corroborado cronológica e estratigraficamente pela Camada 4 do povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 2022).

Não se afigurando necessário citar todos os exemplos disponíveis (encontrando-se acima mencionados aqueles para os quais se dispõe de datação directa ou indirecta), serão de referir os alfinetes de cabeça amovível registados na anta do Alto da Carrasqueira (SIMÕES, 2023), na anta do Cabeço dos Moinhos, e nas grutas de Eira Pedrinha e dos Alqueves (LEISNER, 1998, Taf. 86; VILAÇA, 1990; VILAÇA & RIBEIRO, 1987), os últimos com datações análogas àquela obtida para a anta do Alto da Feteira.

Os alfinetes de cabeça espatulada encontram-se registados igualmente na anta de Cabeço dos Moinhos e em Eira Pedrinha (LEISNER, 1998, Taf. 86; CORRÊA & TEIXEIRA, 1949), tendo um dos fragmentos recolhidos no primeiro contexto mencionado sido entretanto interpretado como a metade proximal de um «ídolo almeriense» (cf. BETTENCOURT et al., 2021, p. 100).

Quanto às contas de colar, são comuns em contextos dos últimos séculos do 4.º milénio a.C. e primeira metade do milénio seguinte, ocorrendo com frequência não só os exemplares discoides, como também os de morfologia cilíndrica, bitroncocónica ou toneliforme, produzidos em «pedra verde» e azeviche, devendo-se referir particularmente as 82 contas de azeviche recolhidas na gruta da Cova da Moura (SPINDLER, 1981, Taf. 29).

Estão presentes na área em estudo, para além da anta do Alto da Feteira, na anta 2 do Rego da Murta (FIGUEIREDO, 2006; 2021), documentando-se igualmente na área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas, nos monumentos do Cabeço dos Moinhos e Facho (LEISNER, 1998, Taf. 86 e 92; CRUZ et al., 2014), ou no médio-alto curso do Rio Mondego, nas antas da Bobadela, 1 dos Moinhos de Vento, Padrões, Mamaltar de Vale das Fachas, Outeiro do Rato, Pinhal dos Amiais e 1 do Carapito (LEISNER, 1998, Taf. 64, 102 e 108; GOMES & CARVALHO, 1995a; 1995b; SENNA-MARTINEZ & PEDRO, 2000; PINHEIRO, 2012) – conjuntos onde se encontram presentes contas de variscite, ao contrário do verificado na anta do Alto da Feteira, onde uma conta analisada indicou ser de moscovite (CANELHAS, 1973).

Será de incluir igualmente neste grupo a conta decorada que, embora produzida usando talco, se poderá integrar no grupo das grandes contas produzidas em matérias-primas translúcidas, principalmente em fluorite, destacando-se, entre outros, os exemplares decorados da Anta Grande da Comenda da Igreja ou da gruta artificial de São Paulo 2 (GARRIDO-CORDERO et al., 2020).

Uma última observação, a propósito do lagomorfo em «pedra verde» identificado da anta da Casa da Moura (ROCHA et al., 2018, Est. III) que, mais uma vez, permite associar esta região à área estremenha, onde estes elementos surgem em número significativo, principalmente produzidos em osso.

Os restantes elementos dos mobiliários votivos da anta do Alto da Feteira oferecem algumas complexidades de interpretação quanto à sua inclusão crono-cultural.

Sobre os núcleos prismáticos de quartzo hialino (lembrando igualmente a recolha na anta do Alto da Feteira dos produtos lamelares daqueles extraídos), a sua presença em contexto funerário valerá, mais do que pelo seu papel funcional (enquanto núcleo), pela sua associação e semelhança morfológica aos mono-cristais de quartzo igualmente presentes nestes contextos.

A conotação simbólica de cristais ou núcleos prismáticos de quartzo hialino foi já anteriormente salientada noutros sepulcros colectivos estremenhos (CARDOSO, 2023) e, mais recentemente, a respeito da sua presença na anta de Fonte Moreira, na área do Maciço Calcário Estremenho, referindo-se a sua identificação em diversos tipos de contextos funerários relativos a um momento pleno do fenómeno megalítico, entre meados do 4.º milénio a.C. e meados do milénio seguinte, com especial referência aos elementos de assinaláveis dimensões e com evidente carga simbólica (ANDRADE & VAN CALKER, 2024, p. 83-84).

Na área em estudo, para além dos exemplares da anta do Alto da Feteira, documentam-se (tanto núcleos como cristais de quartzo em bruto) nas antas de Cabeço dos Moinhos, Covões das Cavadas e Cabecinha, na área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (LEISNER, 1998, Taf. 84, 89 e 90), e nas antas de Bobadela, dos Moinhos de Vento 1, Sobreda e 1 e 2 e do Carapito, já na área do médio-alto curso do Rio Mondego, em alguns casos presentes em número elevado (atingindo os 10 registos), com exemplares de dimensões assinaláveis (LEISNER, 1998, Taf. 63, 65, 93, 102 e 112).

Os artefactos de osso e de concha (que não os elementos de adorno acima discutidos) levantam igualmente algumas questões a respeito da sua integração crono-cultural. Os furadores de osso estão identificados em contextos do pleno Neolítico Médio, como as grutas do Algar do Bom Santo, Lugar do Canto e Alcobertas (CARVALHO, 2014; CARDOSO & CARVALHO, 2008; CARDOSO, 2020), ocorrendo de forma insistente os obtidos em ossos longos fracturados longitudinalmente. Já os de contextos sobretudo mais tardios como as grutas da Lapa do Bugio, Poço Velho, Cova da Moura, Casa da Moura, Senhora da Luz, Lapa da Galinha ou Buraca da Moura da Rexaldia, são essencialmente obtidos por secção oblíqua das diáfises dos ossos longos (CARDOSO, 1992; GONÇALVES, 2009; SPINDLER, 1981; CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002; CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996; VAN CALKER, 2020; ANDRADE, 2021).

Quanto ao elemento «luniforme» produzido sobre segmento de valva de *Glycymeris*, independentemente da sua interpretação enquanto elemento de adorno ou como «matriz» para decoração cerâmica, encontra paralelo em artefacto semelhante recolhido no sítio do Barranco do Rio Seco 7, em contexto do Neolítico Final/Calcolítico (cf. NEVES et al., 2013).

A presença de restos de fauna mamalógica e malacológica poderá ter diversas explicações. Para os caninos de *Meles taxus* e *Vulpes vulpes*, e sobretudo de *Sus scrofa*, poder admitir-se a sua utilização como elementos de adorno, mesmo não possuindo perfuração de suspensão, sendo aqueles caracterizados precisamente por apresentarem perfurações de suspensão. Encontram-se em diversos contextos funerários estremenhos, com especial destaque para os conjuntos com numerosos elementos reconhecidos na gruta da Cova da Moura ou no hipogeu do Cabeço da Arruda 1 (SPINDLER, 1981; LEISNER, 1998, Taf. 5), desde o Neolítico Antigo, encontrando-se representados na região em análise pelos elementos da anta 1 do Rego da Murta (cf. FIGUEIREDO, 2006; 2021).

A presença de valvas de pectinídeos é conhecida em contextos do pleno Neolítico Médio, como as grutas do Algar do Bom Santo (com perfurações aplicadas sobre as aurículas) e Salvé Rainha, ou, nas áreas alentejana e algarvia, nos contextos da gruta do Escoural e do Sepulcro 3 da Quinta dos Poços (CARVALHO, 2014; PEREIRA, 1976/1977; ARAÚJO & LEJEUNE, 1995; VALERA et al., 2023), e também em contextos do Neolítico

Final e do Calcolítico, como a anta do Casal do Penedo, nos sepulcros de falsa cúpula de Aqualva e Cabeço da Arruda 2, nas grutas da Cova da Moura (associadas a valvas de *Glycymeris*, tal com na anta do Alto da Feteira), Senhora da Luz e Lapa da Galinha, assim como nos sepulcros 1 a 3 dos Perdigões (LEISNER, 1965, Taf. 9, 14 e 51; SPINDLER, 1981; CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996; VAN CALKER, 2020; VALERA & ANDRÉ, 2016/2017). Em particular, as valvas de grandes pectínídeos poderão possuir carácter simbólico, ou simplesmente servirem para o armazenamento de substâncias diversas, como corantes.

5.3 – Proveniências de matérias-primas e interações sociais e económicas

O papel da área onde se integra a anta do Alto da Feteira enquanto corredor de circulação transregional, encontra-se documentado por materiais de aprovisionamento local, regional e extra-regional (ANDRADE, 2020, p. 72-73), reconhecidos com base na avaliação macroscópica das matérias-primas presentes.

Em relação às matérias-primas siliciosas usadas nos artefactos líticos lascados, os estudos petrográficos dos artefactos dos sepulcros das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (CALLAPEZ et al., 2021, p. 57; CRUZ et al., 2014) revelaram escassa presença do «sílex negro» local, possivelmente motivada pelo pouco volume que estes nódulos apresentam; regista-se alternativamente o recurso ao sílex batoniano/bajociano das zonas de Verride (na área de Montemor-o-Velho), Outil/Ançã (na área de Cantanhede) e de Sicó, assim como o sílex cenomaniano das zonas de Carpalhosa (na área de Leiria) e Nazaré.

Tal situação parece observar-se igualmente na anta do Alto da Feteira, com registos de sílex batoniano/bajociano usado na produção de pontas de seta (cf. acima Fig. 13, n.º 7 e 13) e lâminas (cf. acima Fig. 12, n.º 5; Fig. 13, n.º 21), para os quais se admite obtenção na área de Sicó (a não mais de 10 km de distância da anta do Alto da Feteira), Verride (a cerca de 35 km de distância) e Outil/Ançã (a cerca de 50 km de distância), registando-se igualmente o recurso a sílex oxfordiano da área do Vale do Nabão (a cerca de 45 km de distância), usado na produção de uma ponta de seta (cf. acima Fig. 13, n.º 9). O sílex cenomaniano terá sido usado na produção das armaduras geométricas, pontas de seta, lâminas, lamelas e alabardas (Fig. 12, n.º 6, 8, 11-12, 14 e 17-20; Fig. 13, n.º 26), sendo o seu aprovisionamento possível não só nas áreas de Carpalhosa e Nazaré (a cerca de 25 km e 60 km de distância, respectivamente), como também na região de Cós/Alpedríz (a cerca de 55 km de distância). Reconheceram-se ainda materiais com outras proveniências prováveis, como uma ponta de seta (Fig. 13, n.º 10) presumivelmente produzida com o típico «sílex vermelho» da área de Rio Maior (a cerca de 85 km de distância), bem como o recurso ao sílex cenomaniano da área de Caxarias (a cerca de 25 km de distância) na produção de algumas das lâminas (Fig. 12, n.º 3-4 e 6; Fig. 13, n.º 22-25) e da alabarda (cf. acima Fig. 12, n.º 7). Para além da proximidade, o sílex de Caxarias parece especialmente adequado para a produção de artefactos de maiores dimensões (sejam peças foliáceas ou lâminas), como documentam os registos abundantes de âmbito regional em análise, situando-se a anta do Alto da Feteira precisamente no limite da área de concentração destas produções.

A área em apreço teria assim desenvolvido importante papel na recepção destes materiais, bem como no seu encaminhamento ao longo do curso do Mondego, como indica a presença, no seu médio-alto curso, de sílex oxfordiano de Tomar utilizado na confecção de pontas de seta recolhidas na anta dos Fiais da Telha (exemplares observados no Museu Municipal de Carregal do Sal), ou a presença de elementos de clara inspiração estremenha, como as alabardas de *tipo Casa da Moura* da anta 1 dos Moinhos de Vento (LEISNER, 1998, Taf. 114). Já um pouco afastado desta área, mas a ela claramente associável (em termos culturais), importa ter presentes as pontas de seta mitriformes e as alabardas de *tipo Casainhos* da Orca do Tanque (LEISNER, 1998, Taf. 38-39), salientando-se igualmente o conjunto da Orca das Castenairas (LEISNER, 1998, Taf. 29).

Em relação ao quartzo hialino usado em núcleos prismáticos e respectivas lamelas da anta do Alto da Feteira, e como já apontado em outros lugares (CARDOSO, 2023; ANDRADE & VAN CALKER, 2024, p.93), a sua origem provável poderá ser estabelecida na orla ocidental do Sistema Central Ibérico nos jazigos pegmatíticos da Beira Alta, correspondentes a uma das áreas preferenciais de proveniência. Esta hipótese é ilustrada pela presença significativa de núcleos e cristais em bruto em contextos funerários, incluindo exemplares de grandes dimensões, presentes em monumentos do médio-alto curso do Rio Mondego, como as antas da Sobreda, 1 dos Moinhos de Vento e 1 do Carapito (LEISNER, 1998, Taf. 63, 93 e 112), estendidos a domínios mais setentrionais, onde se localizam as antas da Orca de Seixas, Malhada da Cambarinha e Orca do Tanque, este com vestígios de «pigmento vermelho», reforçando a sua conotação simbólica (LEISNER, 1998, Taf. 3, 10 e 39).

Quanto à questão das matérias-primas usadas na produção dos artefactos de pedra polida recolhidos na anta do Alto da Feteira, será da fácil circunscrição a proveniência das rochas anfibolíticas reconhecidas nos três fragmentos de machados acima mencionados, podendo ter origem na orla do Maciço Hespérico que inclui parte das áreas de Ferreira do Zêzere, Tomar, Sardoal e Abrantes (entre cerca de 40 km e 75 km de distância da anta do Alto da Feteira), indicando-se a mesma proveniência para os xistos usados na produção de contas de colar.

No que respeita à origem da silimanite, foi já sugerida a sua proveniência extra-peninsular, nomeadamente da Bretanha (cf. CASSEN et al., 2012), como contrapartida à importação das variscites ibéricas (cf. QUERRÉ, DOMÍNGUEZ BELLA & CASSEN, 2012; QUERRÉ et al., 2014; RODRÍGUEZ RELLÁN et al., 2021), baseando-se esta hipótese na aparente homogeneidade dos artefactos, com tipos que se repetem em ambas as áreas.

A «inspiração» bretã está com efeito presente em artefactos de pedra polida de produção peninsular, como as imitações (recorrendo a matérias-primas ibéricas) de machados de talão perfurado de *tipo Cangas*, representados em áreas contíguas à região em estudo pelos exemplares da gruta da Lapa da Galinha e da anta do Fojinho (ANDRADE & VAN CALKER, 2019; LEISNER, 1998, Taf. 50). Juntam-se as imitações dos machados de *tipo Durrington* ou de *tipo Bernon* alongado, como o exemplar da anta 1 do Carapito (LEISNER, 1998, Taf. 64), revelando assim influências indirectas (ANDRADE & VAN CALKER, 2019; FÁBREGAS VALCARCE, LOMBERA HERMIDA & RODRÍGUEZ RELLÁN, 2012; PÉTREQUIN et al., 2012a; 2012b; 2012c), mais expressivamente atestadas pela presença de machados de jadeíte, e especificamente na área em estudo, o exemplar de Condeixa (FÁBREGAS VALCARCE, RODRÍGUEZ RELLÁN & LOMBERA HERMIDA, 2017; 2018; RODRÍGUEZ RELLÁN et al., 2021).

A eventual introdução da silimanite ibérica na área bretã poderá explicar a presença destas influências formais, ou mesmo de machados importados, muito embora na Bretanha se conheçam fontes desta matéria-prima associadas a áreas de exploração e produção de artefactos durante o Neolítico (PAILLER, 2012a, p. 1183-1184).

Em conclusão, tanto a Bretanha como a Península Ibéria possuem importantes fontes de silimanite, incluindo a variante fibrosa (Fig. 23), designada “fibrolite” com destaque para as localizadas na área de Ronda, de Salamanca-Ávila-Segóvia e de Madrid-Guadalajara (FERREIRA, 1953; GUERRA & FERREIRA, 1979; AGUAYO DE HOYOS et al., 2006; CARDOSO, 2023; CARVALHO, 2018; CASSEN et al., 2012; DOYAGUE REINOSO, DOMÍNGUEZ BELLA & GUTIÉRREZ LÓPEZ, 2015). Será de admitir, igualmente, a existência de silimanite na área alentejana e da Extremadura espanhola, como sugere a enxó da anta da Capela ou o machado da anta 2 de Brissos, de rocha anfibólica contendo pequenos veios de silimanite (ANDRADE, 2020), bem como nas Beiras e em Trás-os-Montes, embora até ao momento não se encontrem documentadas ocorrências em volume suficiente para a produção de artefactos, mesmo que de pequena dimensão (cf. CARVALHO, 2018; ANDRADE, 2020; CARDOSO, 2023; VILAÇA, 1988).



Fig. 23 – Principais ocorrências de silimanite cartografadas no âmbito ibérico (segundo <https://www.mindat.org>; Hudson Institute of Mineralogy) em relação à anta do Alto da Feteira (indicada pelo ponto). 1: Castanheira (Albergaria da Serra, Arouca); 2: Serra da Freita (Cabreiros, Arouca); 2: Vieiros (Rebordelo, Amarante); 4: Vale de Gatas (São Lourenço de Riba Pinhão, Sabrosa); 5: Bigorne (Magueija, Lamego); 6: Pereña de la Ribera (Salamanca); 7: La Julita (Garcirrey, Salamanca); 8: Aldehuela de la Bóveda (Salamanca); 9: Monsanto (Idanha-a-Velha); 10: Segura (Idanha-a-Nova); 11: Cabeço de Vide/Alter Pedroso (Alter do Chão/Fronteira); 12: Acebuche (Cáceres); 13: Belvis de Monroy (Cáceres); 14: Prados del Collado (Robresgordo, Madrid); 15: Puerto de El Cardoso (Montejo de la Sierra, Madrid); 16: Horcajuelo de la Sierra (Madrid); 17: La Garita (Horcajuelo de la Sierra, Madrid); 18: Las Majadillas (Horcajo de la Sierra, Madrid); 19: San Cristobal (Madarcos, Madrid); 20: Piñuécar-Gandullas (Madrid); 21: Cerrillo Montegil (Majirón, Puentes Viejas, Madrid); 22: El Zahurdón (El Cardoso de la Sierra, Guadalajara); 23: Alpedroches (Atienza, Guadalajara); 24: Cerro de la Sal/Sierra Albarrana (Hornachuelos, Córdoba); 25: Río Padrón (Estepona, Málaga); 26: El Robledal (Igualaja, Málaga); 27: Fuengirola (Málaga); 28: Cerro Pastora (Torrox, Málaga); 29: Cerro Morote (Elche de la Sierra, Albacete); 30: Sierra Alhamilla (Almería); 31: Tabernas (Almería); 32: Sorbas (Almería); 33: El Hoyazo (Níjar, Almería); 34: Rambla de las Granatillas (Níjar, Almería); 35: Río Segre (Balaguer, Noguera, Lleida); 36: El Port de la Selva (Girona); 37: Cap de Creus (Cadaqués, Girona). A variante fibrolite regista-se nas instâncias de Castanheira, Bigorne, La Guarita e Belvis de Monroy. Base: Google Earth Pro, 2024.

Análises efectuadas sobre artefactos arqueológicos de silimanite da região de Ronda (a cerca de 540 km da anta do Alto da Feteira) demonstraram que a larga maioria foi produzida a partir de afloramentos locais (DOYAGUE REINOSO, DOMÍNGUEZ BELLA & GUTIÉRREZ LÓPEZ, 2015), podendo, a partir dali, serem

encaminhadas para o Alentejo. Neste mesmo sentido, será legítimo supor que os elementos presentes na zona ocidental do Sistema Central Ibérico (logo, da região da Beira Interior) poderão ter origem nas áreas de Salamanca-Ávila-Segóvia (entre cerca de 330 km e 470 km de distância da anta do Alto da Feteira) e de Madrid-Guadalajara (entre cerca de 520 km e 570 km de distância), chegando desde ali à Beira Litoral e à Estremadura, na charneira das quais se situa precisamente o sepulcro em estudo. Na verdade, observam-se certas semelhanças cromáticas (materiais de tonalidade amarelada a esbranquiçada, com laivos negros e dourados) entre as matérias-primas identificadas nesta área (principalmente na área de Madrid-Guadalajara) e muitos dos artefactos documentados no território português (onde se inclui a pequena enxó da anta do Alto da Feteira (Fig. 12, n.º 2).

Sobre as matérias-primas usadas na produção dos elementos de adorno, foi já acima admitida a origem dos xistos utilizados na confecção das pequenas contas discoides, nomeadamente na área do Maciço Hespérico a nascente do rio Zêzere. Os elementos de calcário terão uma evidente origem local. No tocante aos elementos produzidos sobre concha, como as contas e as braceletes, assim como outros artefactos e as valvas não modificadas, têm origem no litoral atlântico, a cerca de 30 km de distância da anta do Alto da Feteira.

Um dos elementos em «pedra verde» corresponde, segundo os resultados da análise efectuada (cf. CANELHAS, 1973, p. 134), a mineral do grupo das micas, possivelmente moscovite, podendo ter, tal como

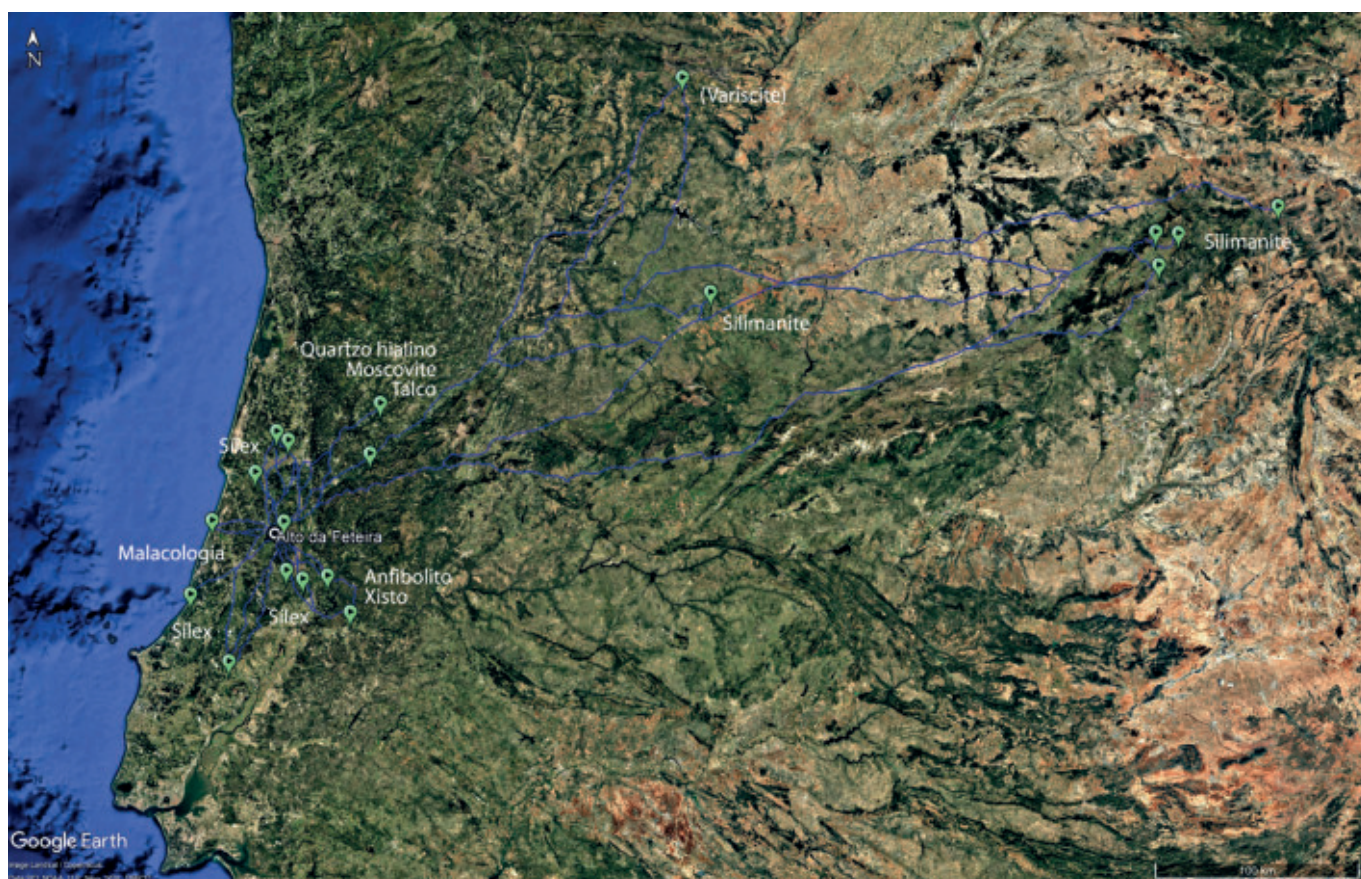


Fig. 24 – Redes teóricas de interação da anta do Alto da Feteira, com base na proveniência provável das matérias-primas de suporte dos seus artefactos votivos; definição da origem do sillex, quartzito hialino, silimanite, anfibolito, xisto, moscovite, talco e faunas malacológicas com base em critérios de proximidade e disponibilidade, indicando-se igualmente a variscite cuja utilização é apenas sugerida, não estando até ao momento comprovada com dados publicados (base: Google Earth Pro, 2024).

o talco usado na conta de colar decorada, origem provável na região beirã, tal como o quartzo hialino utilizado para a produção de lâminas e lamelas, a partir dos respectivos núcleos.

Apesar de até ao momento não se encontrar comprovada a presença de variscite neste conjunto, será lícito supor a sua utilização, se considerarmos a ocorrência de elementos de adorno produzidos nesta matéria-prima em outros sepulcros da bacia do Mondego, como as antas de Cabeço dos Moinhos, Padrões, Mamaltar de Vale de Fachas, Outeiro do Rato e Pinhal dos Amiais (GONÇALVES & REIS, 1981/1982; GOMES & CARVALHO, 1995a; 1995b; PINHEIRO, 2012; CARVALHO, 2019). Se se atender à proveniência dos exemplares de variscite presentes em contextos calcolíticos estremenhos, como Moita da Ladra, Penha Verde, Leceia ou Vila Nova de São Pedro (ODRIOZOLA et al., 2013a; 2013b) da área de Palazuelo de las Cuevas, a cerca de 370 km de distância da anta do Alto da Feteira, é de admitir origem idêntica para elementos análogos conhecidos a nível regional.

Quanto ao azeviche, poderá ter uma origem eminentemente regional (CARDOSO, 2023), estando cartografadas várias ocorrências desta matéria-prima em contexto de calcários kimmeridgianos, nas «Camadas de Abadia» (MANUPPELLA, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1978), situados nas áreas imediatamente a Sul e a Sudeste do monumento em estudo (entre cerca de 1 km e 2,5 km de distância).

Atesta-se assim a existência de amplas redes de circulação e de interação estabelecidas pelas comunidades que construíram e utilizaram a anta do Alto da Feteira ao longo dos seus dois episódios de uso, com aproveitamento dos recursos disponíveis local e regionalmente, com comunidades geograficamente mais ou menos afastadas, recebendo materiais exógenos de proveniência extra-regional, e até mesmo híper-regional (Fig. 24).

Em conclusão: A anta do Alto da Feteira evidencia pelos espólios dela recuperados aspectos que assumem papel relevante na definição da origem e desenvolvimento do fenómeno megalítico no litoral centro do território português, em articulação com contextos congéneres localizados em áreas contíguas, como a bacia do Mondego (onde geograficamente se enquadra) e o Maciço Calcário Estremenho (ou mesmo, em termos genéricos, toda a Estremadura), ilustrando, outrossim, as dinâmicas de natureza económica supra regional então estabelecidas, muito para além do seu âmbito territorial estrito.

6 – SÍNTESE CONCLUSIVA

A construção e primeira utilização deste dólmen, durante a fase plena do Neolítico Médio, tem equivalente em outros megálitos estremenhos com datações centradas em meados/terceira metade do 4.º milénio a.C., como as antas do Carrascal e Pedras Grandes (igualmente monumentos de média dimensão, de corredor curto a muito curto), com mobiliários votivos globalmente compatíveis (BOAVENTURA, 2009). A este nível, distingue-se porém daqueles, pela presença de braceletes de *Glycymeris*, característicos dos contextos funerários cársicos conhecidos nesta área, e até ao momento não representados em sepulcros ortostáticos. Tais produções assumem, assim, um elo cultural com tais contextos, expressivamente representados nas grutas do Algar do Bom Santo ou do Lugar do Canto, crono-culturalmente idênticos (CARVALHO, 2014; CARDOSO & CARVALHO, 2008; CARVALHO & CARDOSO, 2015).

Tendo presente o ambiente geográfico, a arquitectura e os espólios funerários do monumento em estudo, tornam-se evidentes as afinidades que possui com os dólmenes integrados na mesma etapa cronológico-cultural do Neolítico Médio Pleno/Inícios do Neolítico Final das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas, cujas características arquitectónicas e dos mobiliários votivos apontam etapa crono-cultural semelhante. É o caso da anta

dos Covões das Cavadas, sepulcro de câmara e corredor diferenciados, com espólios compostos por artefactos de pedra polida e pequenas lâminas não retocadas e da Serra da Brenha, pequeno sepulcro cistoide aberto, exclusivamente com artefactos de pedra polida, incluindo machados de secção sub-circular (LEISNER, 1998, Taf. 87 e 89).

Na área do médio-alto curso do Rio Mondego, serão de apontar as afinidades, durante este mesmo período, com os pequenos sepulcros abertos ou de corredor curto atribuíveis ao Neolítico Médio, com espólios contendo armaduras geométricas, pequenas lâminas não retocadas e artefactos de pedra polida, como as antas do Folhadal, 1 e 2 do Ameal ou 2 de Oliveira do Conde (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999; 2008; VENTURA, 1994a; 1998, 2000). É, igualmente, de incluir nesta primeira fase do megalitismo regional, a construção de monumentos de maiores dimensões, como a anta 1 do Carapito (LEISNER & RIBEIRO, 1968; LEISNER, 1998, Taf. 62-63).

Durante a sua segunda fase de utilização, já no pleno Neolítico Final (podendo-se estender até ao Calcolítico Inicial), a anta do Alto da Feteira encontra numerosos paralelos na área da Baixa Estremadura (LEISNER, 1965). No âmbito mais restrito do Maciço Calcário Estremenho, terá óbvia relação, principalmente ao nível dos conjuntos artefactuais, com os que englobam a presença de pontas de seta, peças foliáceas, lâminas retocadas, e abundantes elementos de adorno, entre os quais alfinetes de cabeça amovível, com as antas do Alto da Carrasqueira (à qual se encontra espacialmente associada), Casa da Moura, Fonte Santa, Quinta das Lagoas e 1 e 2 do Rego da Murta (SIMÕES, 2023; SILVA et al., 2017; ROCHA et al., 2018; LEISNER, 1998, Taf. 119; FIGUEIREDO, 2006; 2021), para além de outros tipos de contextos, como é o caso das grutas naturais de origem cársica de Eira Pedrinha e de Alqueves (CORRÊA & TEIXEIRA, 1949; VILAÇA, 1987).

Na área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas, recolhe paralelos durante esta fase cronológico-cultural nas antas do Cabeço dos Moinhos, Cabecinha, Cabecinha Grande, Facho e Mama do Furo, contendo idêntico tipo de espólios (LEISNER, 1998, Taf. 83-86 e 90-92; CRUZ et al., 2014; BETTENCOURT et al., 2021; VILAÇA, 1986). Tal é também o panorama observado em certos monumentos mais evoluídos da área do médio-alto curso do Rio Mondego, como as antas da Bobadela, Sobreda, 1 dos Moinhos de Vento, Pinhal dos Amiais ou Fiais da Telha (LEISNER, 1998, Taf. 94-116; PINHEIRO, 2012; SENNA-MARTÍNEZ, 1989a; SENNA-MARTINEZ & PEDRO, 2000).

A cronologia absoluta desta segunda ocupação funerária, tendo em conta o resultado da datação absoluta obtida (3367-3105 cal BCE 2σ), enquadra-se modelarmente nas sequências evolutivas do Megalitismo definidas tanto para esta região específica como para outras que lhe são contíguas e culturalmente associáveis (Tabela 4).

No espaço restrito dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, a datação um pouco mais antiga obtida para a anta da Quinta das Lagoas é integrável ainda no Neolítico Médio, coadunando-se com a primeira fase de utilização da anta do Alto da Feteira ressaltando-se todavia a extensa amplitude do intervalo fornecido (SILVA, 2002).

É apenas a partir do último terço do 4.º milénio a.C., durante o Neolítico Final, que se parece verificar o óptimo da utilização de sepulcros megalíticos e de grutas naturais, de acordo com as datações das antas 1 e 2 do Rego da Murta, assim como dos contextos de Eira Pedrinha e Alqueves (cf. FIGUEIREDO, 2006; 2021; GAMA, 2003; VILAÇA & RIBEIRO, 1987), estatisticamente idênticos ao resultado obtido para a anta do Alto da Feteira.

O uso continuado destes sepulcros (e especificamente das antas 1 e 2 do Rego da Murta) é evidente durante o Calcolítico Inicial e Pleno (com resultados que se estendem até à segunda metade do 3.º milénio

a.C.), prolongando-se mesmo pela Idade do Bronze, particularmente na anta 1 do Rego da Murta, com resultados centrados na transição do 3.º para o 2.º milénio a.C., e mesmo primeira metade deste (FIGUEIREDO, 2006; 2021).

A situação para a área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas revela-se mais difícil de caracterizar, resultante do escasso número de datações disponíveis. Com efeito, registam-se resultados centrados na segunda metade e meados do 4.º milénio a.C., integráveis no pleno Neolítico Médio, nas antas de Cabeço dos Moinhos e Capela de Santo Amaro (BETTENCOURT et al., 2021; WILLMAN et al., 2024) que, tal como na anta do Alto da Feteira, corresponderão a um primeiro episódio de utilização, contudo sem que o espólio o indique claramente (LEISNER, 1998, Taf.83-86 e 88).

Não se registando datações com resultados estatisticamente coincidentes com o da anta do Alto da Feteira, identificaram-se apenas utilizações datadas do Calcolítico Inicial, com resultados centrados na primeira metade do 3.º milénio a.C., como documentado nas antas do Cabeço dos Moinhos, Facho e Cabecinha, com espólios coevos (BETTENCOURT et al., 2021; SILVA, 2020; 2021).

No tocante à cronologia absoluta dos monumentos do médio-alto curso do Rio Mondego, as conclusões devem ser relativizadas, tendo presente as limitações impostas pelos contextos e as características das amostras datadas, as quais de aplicam não apenas a esta região específica, mas a todo o conjunto de sepulcros da Beira Alta com datações de radiocarbono. Conforme foi já referido por Rui Boaventura, há que considerar as diferenças, por vezes significativas, entre os resultados das datações realizadas sobre amostras de carvões e as realizadas sobre amostras osteológicas humanas, devendo manter-se todas as reservas nas interpretações subsequentes, especialmente nas respeitantes às datações mais antigas obtidas sobre carvões (BOAVENTURA, 2009, p. 355-360). Pode bem ser este o caso respeitante aos resultados relativamente recuados obtidos para a anta 1 do Carapito, de finais do 5.º milénio a.C. e primeiro quartel do milénio seguinte (CRUZ & VILAÇA, 1994; CRUZ, 1995), os quais não parecem coadunar-se com as características do sepulcro (e do próprio enquadramento cronológico da origem do Megalitismo no Ocidente peninsular). Da mesma forma, podem questionar-se os resultados respeitantes à primeira metade do 4.º milénio a.C., como os obtidos também para a anta 1 do Carapito e para a anta de Padrões (CRUZ, 1995). Já os valores respeitantes aos meados deste mesmo milénio, estendendo-se até ao seu último terço, para a anta 1 do Carapito, incluindo o contexto de «lareira» identificado na câmara (CRUZ, 1995) afiguram-se mais aceitáveis. Seja como for, para uma discussão integrada de toda a informação, há que ter sempre presente a relação entre os resultados respeitantes a datas de radiocarbono, a arquitetura dos monumentos e as características dos respectivos espólios. Exemplo desta necessidade de confrontar elementos e diversa natureza, é a contradição observada no resultado obtido para a sepultura secundária da anta 1 dos Moinhos de Vento, centrada em meados do 4.º milénio a.C., durante o Neolítico Médio, não sendo condizente com as características do espólio aí recolhido, com um significativo número de peças foliáceas (cf. SENNA-MARTINEZ, 1983; 1989a).

Mais elucidativos são os resultados respeitantes a amostras osteológicas humanas, como é o caso da anta 1 de Penela, indicando usos enquadráveis no último terço do 4.º milénio a.C., prolongando-se até aos primeiros séculos do milénio seguinte, entre as crono-culturas locais do Neolítico Final e Calcolítico Inicial – com reativações já no Calcolítico Final ou Idade do Bronze, como atestado igualmente com as datações (estas sobre amostras de carvão) da anta da Arquinha da Moura (cf. CRUZ, 1995).

Tabela 4 – Datações de radiocarbono obtidas disponíveis para contextos funerários, entre o Neolítico Médio e o Calcolítico Pleno/Final, das áreas dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere (incluindo o contexto periférico da gruta dos Alqueves), das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas e do médio-alto curso do Rio Mondego, recalibradas em 2024 com recurso ao programa OxCal v4.4.4 (© Ch. Bronk Ramsey, 2021) utilizando a curva de calibração IntCal20.14c (REIMER et al., 2020, *Radiocarbon* 62); intervalo a 2 σ com 95,4% de probabilidade.

Monumento/Sítio	Ref. Lab.	Amostra	Contexto	Data BP	Cal BC 2 σ	Bibliografia
Condeixa-Sicó-Alvaiázere						
Quinta das Lagoas	Sac-1559	<i>Homo</i>	/	4640±90	3634-3102	SILVA, 2002
Alto da Feteira	Wk-43565	Alfinete de osso	Câmara	4544±20	3367-3105	Este estudo
Rego da Murta 2	Beta-451546	<i>Homo?</i>	Sob pavimento (Câmara)	4540±30	3368-3102	FIGUEIREDO et al., 2018
Rego da Murta 1	Beta-190001	<i>Homo</i> – metatarso	Câmara	4520±40	3365-3095	FIGUEIREDO, 2006
Rego da Murta 1	Beta-189998	<i>Homo</i> – fémur	Câmara/Corredor	4490±60	3366-2936	FIGUEIREDO, 2006
Alqueves	ICEN-64	<i>Homo</i>	/	4490±50	3361-3022	VILAÇA & RIBEIRO, 1987
Eira Pedrinha	Beta-134363	<i>Homo</i>	/	4480±60	3362-2935	GAMA, 2003
Rego da Murta 1	Beta-190003	<i>Homo</i>	Câmara	4400±40	3321-2909	FIGUEIREDO, 2006
Rego da Murta 1	Beta-190002	<i>Homo</i> – fémur	Corredor	4370±40	3259-2898	FIGUEIREDO, 2006
Rego da Murta 2	Beta-190004	<i>Homo</i>	/	4290±40	3022-2778	FIGUEIREDO, 2006
Rego da Murta 2	Beta-190007	<i>Homo</i>	/	4190±40	2895-2632	FIGUEIREDO, 2006
Rego da Murta 2	Beta-453400	<i>Homo?</i>	/	4070±30	2850-2488	FIGUEIREDO et al., 2018
Rego da Murta 2	Beta-190008	<i>Homo</i>	Câmara (Cabeceira)	4060±50	2861-2468	FIGUEIREDO, 2006
Rego da Murta 1	Beta-190000	<i>Homo</i> – fémur	Câmara (Cabeceira)	3640±40	2136-1897	FIGUEIREDO, 2006
Rego da Murta 1	Beta-189999	<i>Homo</i> – fémur	Corredor	3510±40	1943-1699	FIGUEIREDO, 2006
Boa Viagem-Brenha-Alhadas (Baixo Mondego)						
Cabeço dos Moinhos	Beta-383084	<i>Homo</i>	/	4960±30	3795-3649	BETTENCOURT et al., 2021
Capela de Santo Amaro	Beta-588474	<i>Homo</i> – crânio	/	4830±30	3651-3528	WILLMAN et al., 2024
Cabeço dos Moinhos	Beta-383085	<i>Homo</i> (cremado)	/	4360±30	3085-2903	BETTENCOURT et al., 2021
Cabeço dos Moinhos	ICA-14B/1114	Artefacto de osso	/	4220±40	2910-2668	BETTENCOURT et al., 2021
Facho	Beta-542625	<i>Homo</i> – costela	/	4180±30	2887-2636	SILVA, 2020
Facho	Beta-549966	<i>Homo</i> – crânio	/	4170±30	2883-2632	SILVA, 2020
Cabecinha	Beta-557667	<i>Homo</i> – osso longo	/	4160±30	2849-2631	SILVA, 2021
Médio-Alto Mondego						
Carapito 1	OxA-3733	Carvão	Alvéolo (Câmara)	5125±70	4159-3711	CRUZ & VILAÇA, 1994
Carapito 1	TO-3336	Carvão	Alvéolo (Câmara)	5120±40	4037-3797	CRUZ & VILAÇA, 1994
Padrões	OxA-4484	Carvão	Sob calços (Corredor)	4960±65	3946-3638	CRUZ, 1995
Carapito 1	GrN-5510	Carvão	«Lareira» (Câmara)	4850±40	3708-3527	CRUZ, 1995
Moinhos de Vento 1	ICEN-196	Carvão	Sepultura secundária	4720±40	3631-3373	SENNA-MARTINEZ, 1989a
Carapito 1	Hv-1783	Carvão	Câmara	4590±65	3523-3097	CRUZ, 1995
Penela 1	GrN-23064	<i>Homo</i>	/	4590±60	3519-3100	CRUZ, 2001
Penela 1	GrA-9578	<i>Homo</i>	/	4400±50	3336-2925	CRUZ, 2001
Penela 1	GrA-9256	<i>Homo</i>	/	4320±50	3094-2876	CRUZ, 2001
Arquinha da Moura	GrA-9573	Carvão	/	4160±50	2886-2582	CRUZ, 2001
Arquinha da Moura	GrA-9577	Carvão	/	3740±70	2434-1943	CRUZ, 2001
Penela 1	GrA-9255	<i>Homo</i>	/	3650±50	2194-1774	CRUZ, 2001
Penela 1	GrN-23065	Carvão	/	3510±40	2024-1642	CRUZ, 2001

Com base nos resultados da soma de probabilidades das datações acima apresentadas e comentadas, pode concluir-se que a anta do Alto da Feteira se integra na sequência cronológico-cultural estabelecida respeitante ao fenómeno megalítico e às práticas funerárias das comunidades do Neolítico e Calcolítico do Ocidente peninsular.

No entanto, devem ser tidas em consideração certas discrepâncias verificadas entre os resultados das datações disponíveis. Com efeito, conta-se presentemente apenas com 15 datações (de seis sepulcros) para a área dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, sete datações (de quatro sepulcros) para a área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas e 13 datações (de cinco sepulcros) para a área do médio-alto curso do Rio Mondego, pesando ainda neste último conjunto o facto de serem maioritariamente obtidas sobre amostras de carvão. Em contrapartida, existem mais de 200 datações para a Estremadura (ANDRADE et al., 2024; ANDRADE & VAN CALKER, 2024).

À luz dos dados cronométricos disponíveis (Fig. 25), o segundo episódio de uso da anta do Alto da Feteira enquadra-se no momento de maior florescimento das práticas funerárias megalíticas na área dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere durante o Neolítico Final, que se prolongará pelo Calcolítico Inicial, sofrendo já um abrandamento (ou mesmo uma interrupção) durante o Calcolítico Pleno, voltando a manifestar-se depois no Calcolítico Final e na Idade do Bronze.

Na área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas regista-se uma primeira fase, já bem afirmada, no pleno Neolítico Médio, que coincidirá com o primeiro episódio de uso da anta do Alto da Feteira.

Na área do médio-alto curso do Rio Mondego parece que, à parte ligeiras manifestações no Neolítico Médio, se mantém constante a componente funerária até ao Calcolítico Inicial, decrescendo no Calcolítico

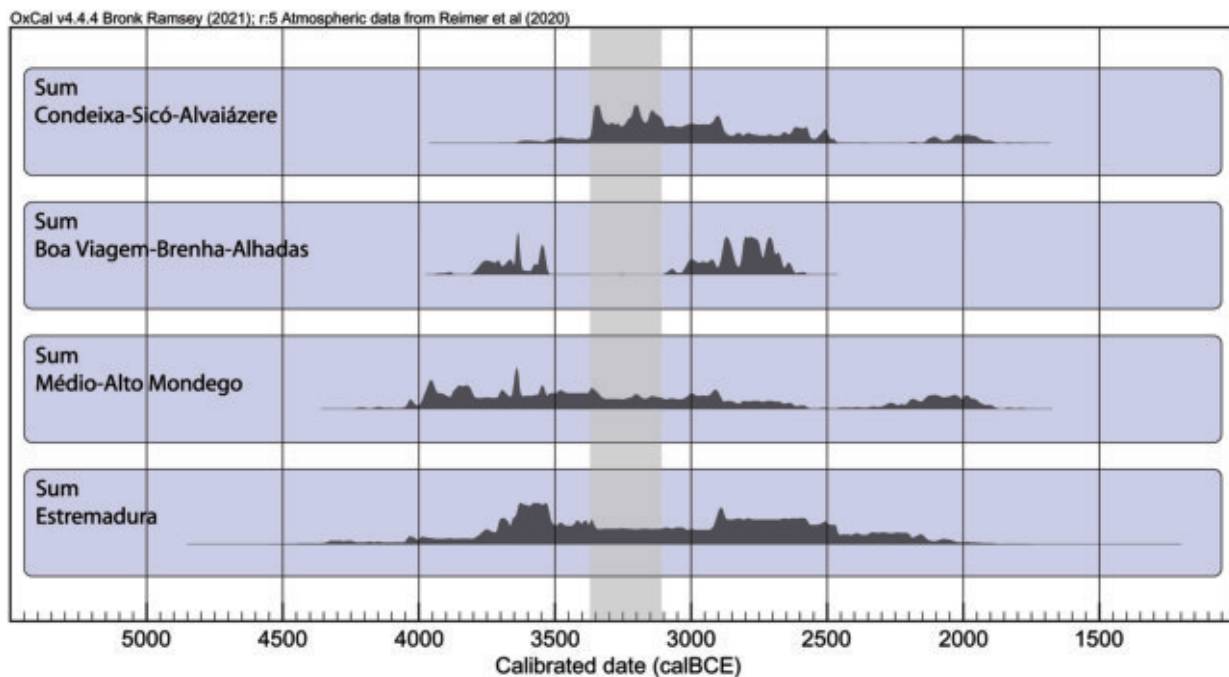


Fig. 25 – Soma de probabilidades de datações de radiocarbono disponíveis para contextos funerários do Neolítico Médio ao Calcolítico Pleno/Final, das áreas dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas e do médio-alto curso do Rio Mondego, incluindo-se a área estremenha, a título comparativo; a banda cinzenta indica o intervalo a 2σ com 95,4% de probabilidade obtido para a anta do Alto da Feteira. Datações recalibradas em 2024 com recurso ao programa OxCal v4.4.4 (© Ch. Bronk Ramsey, 2021) utilizando a curva de calibração IntCal20.14c (REIMER et al., 2020, *Radiocarbon* 62).

Pleno e retomando presença no Calcolítico Final e na Idade do Bronze; é admissível ter existido um momento pleno na transição do Neolítico Médio/Neolítico Final (entre os dois episódios de utilização da anta do Alto da Feteira), intensificando-se durante o Neolítico Final e no Calcolítico Inicial, daí abatendo-se até retomar já durante o Calcolítico Final e Idade do Bronze.

Contrastando com os dados da Estremadura, nota-se uma importante presença durante o pleno Neolítico Médio, afim do primeiro episódio de uso da anta do Alto da Feteira, seguindo-se estabilização durante o Neolítico Final (coincidente com o segundo episódio de uso da anta do Alto da Feteira), atingindo novo pico durante o Calcolítico Inicial que se manterá estável até ao Calcolítico Pleno, daí sofrendo um decréscimo acentuado até ao Calcolítico Final e Idade do Bronze.

Em resumo: o estudo integrado da arquitectura e dos espólios da anta do Alto da Feteira proporcionou a discussão do fenómeno megalítico do sector ocidental da Península Ibérica (e em particular a área centro-portuguesa). Caracterizaram-se os mecanismos de interacção a larga escala, e as relações culturais de natureza diacrónica expressas pelos espólios de distintas necrópoles, especialmente megálitos, documentando as sucessivas reutilizações dos próprios monumentos, enquadradas duas etapas cronológico-culturais de expressão coerente supra-regional, a mais antiga do Neolítico Médio, e a mais recente do Neolítico Final / Calcolítico Inicial, ambas bem representadas na anta do Alto da Feteira.

Evidenciou-se o papel da área onde se implanta o monumento em apreço como amplo corredor de circulação, no sentido Norte-Sul e Este-Oeste, de diversas matérias-primas de origem geológica, evidenciando-se tanto a sua recepção e utilização como expedição. Foi, por outro lado, demonstrada a ligação entre o litoral atlântico, a bacia do rio Tejo e a bacia do rio Mondego, resultando na troca de matérias-primas (neste caso, o sílex de origem local e regional), com a consequente interacção cultural entre aquelas duas áreas geográficas.

Trata-se de realidade documentada desde o Neolítico Antigo (considerando neste caso as características da cerâmica cardial da área do baixo curso do Rio Mondego, afins com as suas congéneres estremenhãs), tendo prosseguido no Neolítico Médio (pela presença de braceletes sobre valva de *Glycymeris*) e no Neolítico Final (pela presença de alfinetes de osso de cabeça amovível, lisa ou canelada). As redes de circulação então estabelecidas estenderam-se ainda mais além, se se considerar a presença de placas de xisto gravadas em monumentos próximos da anta do Alto da Feteira, de clara origem alentejana, muito bem representadas na actual Estremadura, e até ao litoral atlântico. A circulação destes produtos, tanto de carácter funcional como simbólico, tiveram dois sentidos, como se demonstra pela presença de artefactos líticos de origem manifestamente estremenha em sepulcros megalíticos do interior beirão. Deste modo, a região onde se implanta a anta do Alto da Feteira, pela seu posicionamento geográfico, entre o Norte e o Sul, o litoral e o interior, situação bem evidenciada na Fig. 26, comparativamente com as suas congéneres a nível regional, desempenhou papel activo, a partir do Neolítico Médio na circulação de matérias-primas em que foram confeccionados artefactos variados, alguns deles de excelência, como as alabardas, estendendo-se tais redes para muito mais longe, de aprovisionamento supra-regional, como se documenta pela presença de artefactos de pedra polida de silimnita, com origem provável no Sistema Central Ibérico, ou a variscite, oriunda da região salmantina.

Foi também possível precisar e reforçar a conexão cultural entre construtores de sepulcros ortostáticos e utilizadores de cavidades cársticas para fins funerários na grande região da Alta Estremadura (ANDRADE & VAN CALKER, 2024), agora estendida à Beira Litoral. Assim, apesar das abundantes coincidências artefactuais, que se integram num “fundo comum”, incluindo as placas de xisto, foi sugerido, pelos dados então disponíveis, que existiriam produções, de natureza especial, corporizadas pelas braceletes de *Glycymeris* que faziam a diferença entre utilizadores de megálitos e de grutas (ANDRADE et al., 2024). Os dados da anta do Alto da Feteira vêm precisamente esbater esta leitura, pela presença de tais braceletes, estabelecendo deste modo

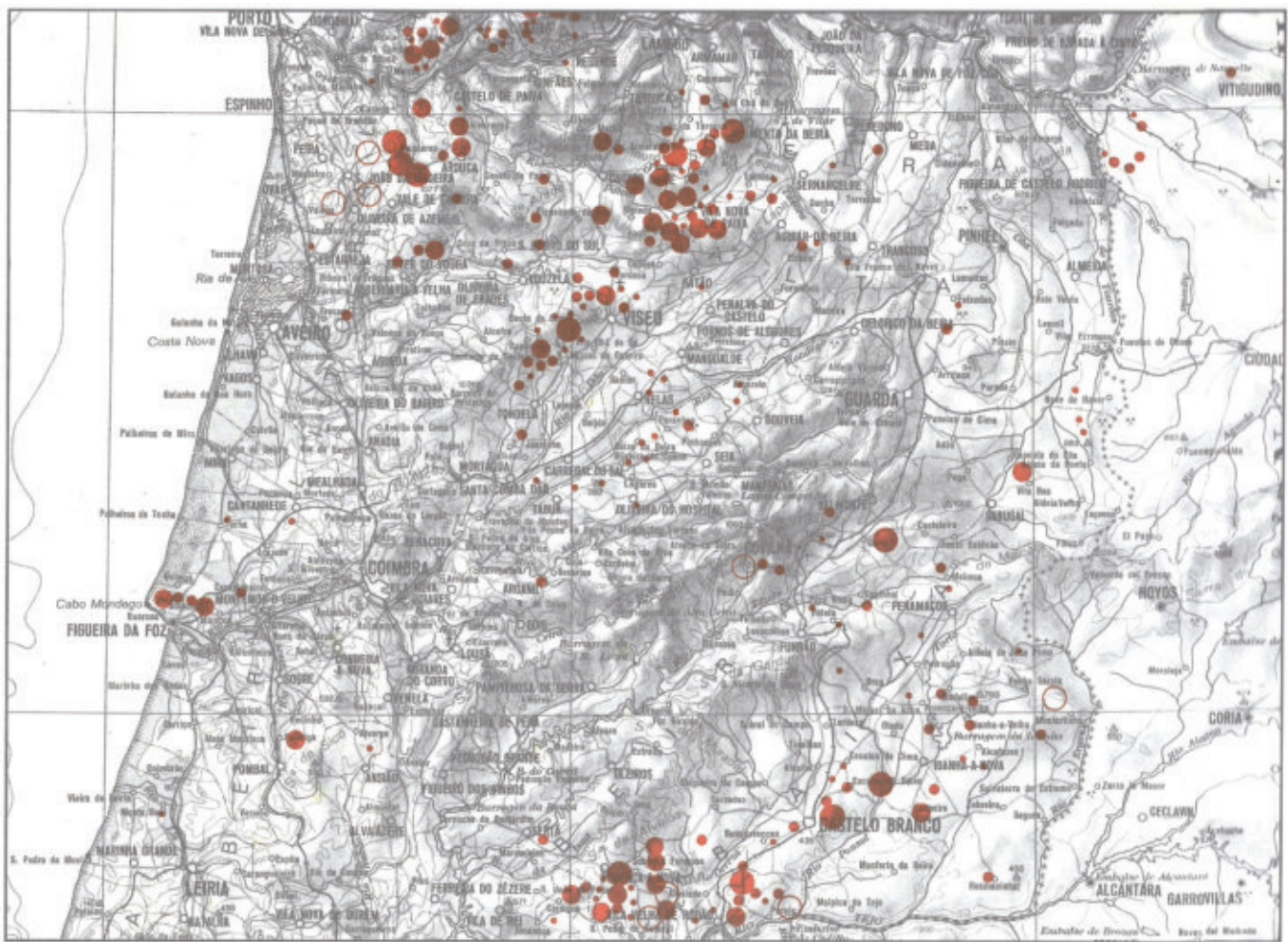


Abb. 1. Gesamtverbreitung der Megalithgräber (nur nördlich des Tejo und in Spanien nur in der Provinz von Salamanca kartiert). Carta de Portugal 1:1 000 000, 1970

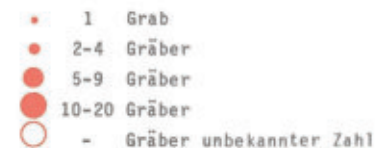


Fig. 26 – Localização geográfica da anta do Alto da Feteira, a Nordeste de Pombal, no quadro do megalitismo regional (seg. KÄLB, 1990, Abb. 1).

ligação entre estes dois universos funerários cronologicamente coevos, relacionando tumulações em grutas naturais e em monumentos megalíticos durante o Neolítico Médio.

Através da discussão proporcionada pelo estudo dos espólios deste monumento foi possível reapreciar o conceito de reutilização de sepulcros megalíticos ou do seu uso contínuo durante um determinado intervalo de tempo (ANDRADE et al., 2024). Com base nos elementos recolhidos, tratar-se-iam de utilizações em continuidade, por parte de sucessivas comunidades que, diacronicamente, ocuparam o mesmo espaço, tendo presente a possibilidade de tais reutilizações poderem ter ocorrido com breves hiatos, dificilmente perceptíveis no registo arqueológico e sem prejuízo de se poderem fixar em duas etapas cronológico-culturais sucessivas sem soluções de continuidade no tempo. A anta do Alto da Feteira, com os seus dois episódios de uso durante o Neolítico Médio e o Neolítico Final, embora claramente distintas pelas características dos seus mobiliários

votivos, corporiza paradigma desta realidade, que se afigura muito mais frequente do que até ao presente tem sido considerado na historiografia dos monumentos megalíticos do território português.

AGRADECIMENTOS

Ao então responsável pelo Museu Geológico do LNEG, Doutor Miguel Magalhães Ramalho, a cuja memória se presta Homenagem, por ter autorizado, em 2016, o pedido, apresentado pelo primeiro signatário, para o estudo dos espólios conservados no acervo do referido Museu. Ao Dr. José António Anacleto, por ter apoiado, logisticamente o estudo então ali realizado. À Associação Grupo Protecção Sicó – GPS, ONGA com sede em Pombal, por ter fornecido as fotografias reproduzidas neste trabalho, da autoria de Cláudia Neves, transmitidas ao primeiro signatário, para além de outras informações, pelo seu associado Sérgio Medeiros. Ao Mestre Filipe Martins, por ter realizado, sob a orientação do primeiro signatário, os desenhos dos espólios arqueológicos ora publicados.

REFERÊNCIAS

- AGUAYO DE HOYOS, P.; PUGA RODRÍGUEZ, E.; LOZANO RODRÍGUEZ, J. A.; GARCÍA GONZÁLEZ, D. & CARRIÓN MÉNDEZ, F. (2006) – Caracterización de fuentes de materias primas para la elaboración de herramientas de silimanita, de los yacimientos de la depresión de Ronda, durante la Prehistoria Reciente. In MARTÍNEZ FERNÁNDEZ, G; MORGADO RODRÍGUEZ, A. & AFONSO MARRERO, J. A. (coords.) – *Sociedades prehistóricas, recursos abióticos y territorio*. Granada: Fundación Ibn Al-Jatib de Estudios de Cooperación Cultural, p. 249-277.
- ANDRADE, M. A. (2009) – *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo): definição e caracterização do fenómeno de «megalitização» da paisagem na área austral do Norte alentejano*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols., policopiado.
- ANDRADE, M. A. (2014) – Sobre os conjuntos de artefactos de pedra polida das áreas de Benavila e Ervedal (Avis, Portugal). *Al-Madan – Adenda Electrónica*. 19:1, p. 92-104.
- ANDRADE, M. A. (2015a) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 2: as placas votivas da «necrópole megalítica» das Lapas (Torres Novas) e o hipogeísmo na Alta Estremadura. *Nova Augusta*. 2ª série, 27, p. 293-322.
- ANDRADE, M. A. (2015b) – Novos contextos neolíticos nas espaldas setentrionais do Maciço Calcário Estremenho: o caso do sítio do Freixo (Reguengo do Fetal, Batalha). In GONÇALVES, V. S.; DINIZ, M. & SOUSA, A. C. (eds.) – 5.º Congresso do Neolítico Peninsular. *Actas*. Lisboa: Uniarq (*Estudos & Memórias*, 8), p. 198-207.
- ANDRADE, M. A. (2015c) – *Cherchez la femme!* Iconografia e imagética nas placas de xisto gravadas do Megalitismo do Sudoeste da Península Ibérica. In COLLADO GIRALDO, H. & GARCÍA ARRANZ, J. J. (eds.) – *Symbols in the Landscape: Rock Art and its Context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference*. Tomar: Instituto Terra e Memória (*Arkeos*, 37), p. 1545-1571.
- ANDRADE, M. A. (2017) – O sítio pré-histórico do Sobral do Martim Afonso (Salvaterra de Magos, Portugal): um curioso contexto do Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Baixo Tejo. *Ophiussa*. 1, p. 17-49.
- ANDRADE, M. A. (2020) – *From matter to essence*. Sourcing raw materials for the votive artefacts of the megalithic communities in Ribeira da Seda (North Alentejo, Portugal): a preliminary approach. In BOAVENTURA,

- R.; MATALOTO, R. & PEREIRA, A. (eds.) – *Megaliths and Geology: MEGA-TALKS 2*. Oxford: Archaeopress, p. 57-85.
- ANDRADE, M. A. (2021) – *Das Lapas à Rexaldia*. Mobiliários votivos das antigas comunidades camponesas do Maciço Calcário Estremenho presentes no Museu Municipal Carlos Reis (Torres Novas). *Nova Augusta*. 2.^a série, 33, p. 289-334.
- ANDRADE, M. A.; CARDOSO, J. L.; MATALOTO, J. L.; MOITA, P.; PEREIRA, A. & PIMENTA, J. (2024) – A anta de Monte Serves (Vialonga, Vila Franca de Xira, Lisboa): arquitetura, cronologia e integração sócio-cultural de um pequeno sepulcro megalítico na Baixa Estremadura. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 34, p. 113-180.
- ANDRADE, M. A.; MAURÍCIO, J. & SOUTO, P. (2010) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 1: Estudo morfo-tipológico de duas placas de xisto gravadas provenientes da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (Chancelaria, Torres Novas). *Nova Augusta*. 2.^a série, 22, p. 239-259.
- ANDRADE, M. A.; VAN CALKER, D. (2019) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 4: Um machado votivo de talão perfurado proveniente da gruta da Lapa da Galinha (Vila Moreira, Alcanena, Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 22, p. 5-30.
- ANDRADE, M. A.; VAN CALKER, D. (2024) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 4: a Anta de Fonte Moreira (Alcanena) e o Megalitismo ortostático na Alta Estremadura. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 34 p. 53-112.
- ARAÚJO, A. C. & LEJEUNE, M. (1995) – *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa: IPPAR (Trabalhos de Arqueologia, 8).
- AUBRY, Th. & MOURA M. H. (1990) – Redinha (Pombal). Subsídios para a carta arqueológica da freguesia. *Conimbriga*. 29, p. 5-37.
- AUBRY, Th.; BARBOSA, A. F.; LUÍS, L.; SANTOS, A. T. & SILVESTRE, M. (2016) – E depois do Paleolítico, o que fizeram ali? Notícia sobre as ocupações holocénicas do sítio da Cardina (Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa). *Côavisão*. 18, p. 63-82.
- AUBRY, Th.; FONTUGNE, M. & MOURA, M. H. (1997) – Les occupations de la grotte de Buraca Grande depuis le Paléolithique supérieur et les apports de la séquence holocène à l'étude de la transition mésolithique/néolithique au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. 94:2, p. 182-190.
- AUBRY, Th.; MANGADO LLACH, J. & MATIAS, H. (2016) – Materias primas del utillaje lítico tallado del Centro y Norte de Portugal. CPAG – Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada. 26, p. 101-136.
- BARRADAS, E.; SILVÉRIO, S.; SILVA, J. D. & SANTOS, C. (2013) – O hipogeu da Barrada: um monumento funerário do Neolítico Final/Calcolítico Inicial em Aljezur. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. & NEVES, C. (coords.) – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 407-415.
- BETTENCOURT, A. M. S.; SILVA, A. M.; COSTA, C.; TERESO, S. & CRUZ, C. S. (2021) – O Dólmen do Cabeço dos Moinhos (Serra da Boa Viagem, Figueira da Foz): contributos para o estudo das práticas funerárias pré-históricas do Centro de Portugal. In FERREIRA, A. M. & VILAÇA, R. (coords.) – *Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz*. Figueira da Foz/Coimbra: Câmara Municipal da Figueira da Foz/Universidade de Coimbra (Conimbriga Anexos, 7), p. 96-109.
- BOAVENTURA, R. (2009) – *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols., policopiado.
- BOAVENTURA, R. (2011) – Chronology of megalithism in South-Central Portugal. In SCARRE, Ch.; GARCÍA SANJUÁN, L. & WHEATLEY, D. W (eds.) – *Exploring Time and Matter in Prehistoric Monuments: Debating*

- Absolute Chronology and Rare Rocks in European Megaliths*. Sevilha: Junta de Andalucia (*Menga Monográfico*, 1), p. 159-190.
- BOAVENTURA, R. & MATALOTO, R. (2013) – Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, p. 81-101.
- BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R.; ANDRADE, M. A. & NUKUSHINA, D. (2014/2015) – *Estremoz 7* ou a Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (Estremoz, Évora). *O Arqueólogo Português*. 5.^a série, 4/5, p. 171-231.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R.; BALBÍN BEHRMANN, R.; GONZÁLEZ MARTÍN, A.; CAMBRA-MOO, O.; GARCÍA GIL, O.; ODRIÓZOLA-LLORET, C.; LÓPEZ, O.; ESCALANTE, S.; LANCHARRO-GUTIÉRREZ, M. A. & LÓPEZ-FRAILE, J. M. (2016) – Pasados releídos: el dolmen del Portillo de las Cortes. Guadalajara/MAN. *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*. 34, p. 9-28.
- CALADO, T.; ANSELMO, D.; ROCHA, L.; LÓPEZ COSTAS, O.; SILVA, F.; MONTEIRO, A. & BRANCO, G. (2019) – O conjunto osteológico da anta da Casa da Moura (Soure, Portugal). *Scientia Antiquitatis*. 2, p. 111-126.
- CALLAPEZ, P. M.; BRANDÃO, J. M.; CARVALHO, M.; DINIS, P. A.; PIMENTEL, R. J.; PINTO, J. M. S.; PINTO, R.; ANDRADE, P. S.; SIMÕES, L. M.; LOPES, F. C. & GOMES, E. C. (2021) – Considerações sobre o papel da Geologia e seus actores no universo arqueológico de António dos Santos Rocha. In FERREIRA, A. M. & VILAÇA, R. (coords.) – *Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz*. Figueira da Foz/Coimbra: Câmara Municipal da Figueira da Foz/Universidade de Coimbra (*Conimbriga Anexos*, 7), p. 44-61.
- CANELHAS, M. G. S. (1973) – Estudo radiográfico de «calaítes» portuguesas. *Revista de Guimarães*. 83, p. 125-144.
- CARDOSO, J. L. (1981) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 2.^a parte. *Revista de Guimarães*. 91, p. 120-233.
- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. 9/10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (2011b) – *Arqueologia do concelho de Oeiras. Do Paleolítico Inferior arcaico ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2014 a) – Polished stone tools. In CARVALHO, A. F., ed., *Bom Santo cave (Lisbon) and the Middle Neolithic societies of Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve, p. 185-194 (Promontoria Monográfica, 17).
- CARDOSO, J. L. (2014 b) – O povoado calcolítico fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa): resultados das escavações efectuadas (2003-2006). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21, p. 217-294.
- CARDOSO, J. L. (2015) – Na Estremadura do Neolítico Antigo ao Neolítico Final: contributos de um percurso pessoal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 22, p. 93-138.
- CARDOSO, J. L. (2018) – As explorações arqueológicas realizadas em Monte Real (Leiria) em 1865 por Frederico Augusto de Vasconcelos Pereira Cabral ou a história de uma placa de xisto gravada pré-histórica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 25, p. 243-258.
- CARDOSO, J. L. (2019) – Outeiro Redondo – Sesimbra – Escavações 2005-2016. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 25, p. 87-338.
- CARDOSO, J. L. (2020) – A necrópole da gruta das Alcobertas (Rio Maior) e a sua importância para o conhecimento do Neolítico Médio em Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 27, p. 117-140.
- CARDOSO, J. L. (2022) – O povoado pré-histórico de Leceia. Cinquenta anos de trabalhos arqueológicos (1972-2022). Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras (2022), 640 p. (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 31).
- CARDOSO, J. L. (2023) – Mineração, circulação e transformação de produtos geológicos não metálicos no Neolítico e no Calcolítico do Ocidente peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 33, p. 169-252.

- CARDOSO, J. L. & CANINAS, J. C. (2010) – Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado. In GONÇALVES, V. S. & SOUSA, A. C. (eds.) – *Transformação e mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* Cascais: Câmara Municipal de Cascais (*Cascais Tempos Antigos*, 2), p. 65-95.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (2003) – O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do esólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 11, p. 97-228.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. (2008) – A gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e a sua importância no faseamento do Neolítico no território português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 16, p. 269-300.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. (2010/2011) – A gruta da Furninha (Peniche): estudo dos espólios das necrópoles neolíticas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18, p. 333-392.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*. 2ª série, 4, p. 10-13.
- CARDOSO, J. L.; ANDRADE, M. A. & GIL, R. (no prelo) – Bell Beaker footed bowls in the Iberian Peninsula: a trial inventory apropos a find from the Lapa do Fumo cave (Sesimbra, Portugal). *Madriider Mitteilungen*.
- CARDOSO, J. L.; CARVALHO, A. F. & GIBAJA BAO, J. F. (2013) – O sítio do Neolítico Antigo dos Cortiços – Almeirim, Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, p. 27-61.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. V. & CARREIRA, J. R. (1996) – O espólio arqueológicos das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudo Arqueológicos de Oeiras*. 6, p. 195-256.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. T. (1996) – A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras): materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 6, p. 47-91.
- CARDOSO, J. L.; SOUSA, A. C. & ANDRÉ, M. C. (2015) – O povoado do Carrascal (Oeiras). Estudo das ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 22, p. 139-234.
- CARDOSO, J. L.; CARVALHO, A. F.; REBELO, P.; NETO, N. & SIMÕES, C. D. (2022) – Individual Vessels, Individual Burials? New Evidence on Early Neolithic Funerary Practices on the Iberian Peninsula's Western Façade. *European Journal of Archaeology*. 25:3, p. 331-349.
- CARVALHO, A. F. (2019) – Patterns of variscite acquisition and circulation in Neolithic and Chalcolithic Portugal. In QUERRÉ, G.; CASSEN, S. & VIGIER, E. (dirs.) – *La parure en callais du Néolithique européen*. Oxford: Archaeopress, p. 423-443.
- CARVALHO, A. F. & GIBAJA, J. F. (2014) – Knapped stone tools. In CARVALHO, A. F. (ed.) – *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve (*Promontoria Monográfica*, 17), p. 173-183.
- CARVALHO, A. F. (2008) – A neolitização do Portugal meridional: os exemplos do Maciço Calcário estremenho e do Algarve ocidental. Faro: Universidade do Algarve (*Promontoria Monográfica*, 12).
- CARVALHO, A. F. (2009) – O final do Neolítico e as origens da produção laminar calcolítica na Estremadura Portuguesa: os dados da gruta-necrópole do Algar do Bom Santo (Alenquer, Lisboa). In GIBAJA, J. F.; TERRADAS, X.; PALOMO, A. & CLOP, X. (coords.) – *Les grans fulles de sílex. Europa al final de la Prehistòria. Actes*. Barcelona: Museu d'Arqueologia de Catalunya (*Monografies*, 13), p. 75-82.
- CARVALHO, A. F. (2013) – Estudo do espólio funerário em pedra lascada da necrópole de hipogeus neolíticos de Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja). In VALERA, A. C. (ed.) – *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica (*ERA Monográfica*, 1), p. 71-85.

- CARVALHO, A. F. (ed.) (2014) – *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve (*Promontoria Monográfica*, 17).
- CARVALHO, A. F. (2018) – Before Metals. Circulation and Human Mobility in the Early and Middle Neolithic in Portuguese Estremadura. In CRUZ, A. & GIBAJA, J. F. (eds.) – *Interchange in Pre-and Protohistory. Case Studies in Iberia, Romania, Turkey and Israel*. Oxford: Archaeopress (*BAR International Series*, 2891), p. 47-58.
- CARVALHO, A. F. & CARDOSO, J. L. (2015) – Insights on the changing dynamics of cemetery use in the Neolithic and Chalcolithic of Southern Portugal. Radiocarbon dating of Lugar do Canto cave (Santarém). *SPAL*. 24, p. 35-53.
- CARVALHO, A. F.; ANTUNES-FERREIRA, N. & VALENTE, M. J. (2003) – A gruta-necrópole neolítica do Algar do Barrão (Monsanto, Alcanena). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:1, p. 101-109.
- CARVALHO, A. F.; DEAN, R. M.; BICHO, N. F.; FIGUEIRAL, I.; PETCHEY, F.; DAVIS, S. J. M.; JACKES, M.; LUBELL, D.; BEUKENS, R.; MORALES, A. & ROSELLÓ, E. (2008) – O Neolítico Antigo de Vale Boi (Algarve, Portugal): primeiros resultados. In HERNÁNDEZ, PÉREZ, M. S.; SOLER DÍAZ, J. A. & LÓPEZ PADILLA, J. A. (coords.) – *IV Congreso del Neolítico Peninsular*. Alicante: Museo Arqueológico de Alicante. 1, p. 267-274.
- CASSEN, S.; BOUJOT, Ch.; DOMINGUEZ BELLA, S.; GUIAVARCH, M.; LE PENNEC, Ch.; PRIETO MARTÍNEZ, M. P.; QUERRÉ, G.; SANTROT, M.-H. & VIGIER, E. (2012) – Dépôts bretons, tumulus carnegéens et circulations à longue distance. In PÉTREQUIN, P.; CASSEN, S.; ERRERA, M.; KLASSEN, L.; SHERIDAN, A.; PÉTREQUIN, A.-M. (eds.) – *Jade. Grandes haches alpines du Néolithique européen. Ve et IVe millénaire av. J.-C.* Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté. 2, p. 912-989.
- CASTRO, L. A. & CASTRO, H. M. A. (1966) – Monumento megalítico da Feteira (Pombal – Portugal). In *Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos (*Lucerna*, 5), p. 383.
- CASTRO, L. A. & FERREIRA, O. V. (1969/1970) – O monumento megalítico de Alto da Feteira (Pombal). *Caesaraugusta*. 33/34, p. 41-53.
- CERDÁN MÁRQUEZ, C.; LEISNER, G. & LEISNER, V. (1952) – *Los sepulcros megalíticos de Huelva. Excavaciones Arqueológicas del Plan Nacional 1946*. Madrid (Informes y Memorias, 26).
- CERRILLO CUENCA, E. (2018) – *Una biografía de la necrópolis megalítica del área de Alconétar*. Mérida: Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida (*Ataecina*, 10).
- CORRÊA, A. A. M. & TEIXEIRA, C. (1949) – *A jazida pré-histórica de Eira Pedrinha (Condeixa)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- CORREIA, V. (1921) – *El Neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal)*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales (edição fac-similada, 1999).
- CRUZ, D. J. & VILAÇA, R. (1990) – Trabalhos de escavação e restauro no Dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, Dist. da Guarda): resultados preliminares. *Trabalhos do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»*. 45, p. 3-23.
- CRUZ, D. J. (1995) – Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Nordeste peninsular e da Beira Alta. *Estudos Pré-Históricos*. 3, p. 81-119.
- CRUZ, D. J. (2001) – *O Alto Paiva: Megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História Recente*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, policopiado.
- CRUZ, D. J. & VILAÇA, R. (1994) – O Dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, Guarda): novas datações de carbono 14. In *Actas do Seminário «O Megalitismo no Centro de Portugal: novos dados, problemáticas e relações com outras áreas peninsulares»*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, p. 63-68 (*Estudos Pré-Históricos*, 2).

- CRUZ, C.; BETTENCOURT, A. M. S.; CALLAPEZ, P. M.; SILVA, L. M. C. & MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2014) – Materiais de construção e materiais líticos nas práticas funerárias neolíticas da Serra da Boa Viagem (Centro-Oeste de Portugal). O caso do monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos, Figueira da Foz (Brenha, Figueira da Foz). In BETTENCOURT, A. M. S.; COMENDADOR REY, B.; SAMPAIO, H. A. & SÁ, E. (eds.) – *Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibérica. Do Neolítico à Idade do Bronze*. Braga: APEQ/CITCEM, p. 5-28.
- CRUZ, D. J. ; CUNHA, A. M. L. & GOMES, L. F. C. (1988/1989) – A Orca de Corgas da Matança (Fornos de Algodres). *Portugália*. Nova série, 9/10, p. 31-47.
- CUNHA, L. (1990) – *As serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere. Estudo de Geomorfologia* Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica (*Geografia Física*, 1).
- DOYAGUE REINOSO, A.; DOMÍNGUEZ BELLA, S. & GUTIÉRREZ LÓPEZ, J. M. (2015) – Caracterización arqueométrica de útiles pulimentados en sillimanita de la Prehistoria reciente en el Guadalete y las Béticas Occidentales. In RAMOS MUÑOZ, J.; SILES GUERRERO, F.; GUTIÉRREZ LÓPEZ, J. M.; MARTÍNEZ ENAMORADO, V. & MARTÍN RUÍZ (coords.) – *Actas del I Congreso Internacional de Historia de la Serranía de Ronda: las ocupaciones por sociedades prehistóricas, protohistóticas y de la antigüedad en la Serranía de Ronda y Béticas Occidentales*. Ronda: Instituto de Estudios de Ronda y la Serranía (*Anejos de Takurruna*, 1), p. 295-322.
- FÁBREGAS VALCARCE, R.; LOMBERA HERMIDA, A. & RODRÍGUEZ RELLÁN, C. (2012) – Spain and Portugal: long chisels and perforated axes. Their context and distribution. In PÉTREQUIN, P.; CASSEN, S.; ERRERA, M.; KLASSEN, L.; SHERIDAN, A. & PÉTREQUIN, A.-M. (eds.) – *Jade. Grandes haches alpines du Néolithique européen. Ve et IVe millénaires av. J.-C.* Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté. 2, p. 1108-1135.
- FÁBREGAS VALCARCE, R.; RODRÍGUEZ RELLÁN, C. & LOMBERA HERMIDA, A. (2017) – Des Alpes à la péninsule Ibérique: une longue route sinueuse. In PÉTREQUIN, P.; GAUTHIER, E. & PÉTREQUIN, A.-M. eds. – *Jade. Objects-signes et interprétations sociales des jades alpines dans l'Europe néolithique*. Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté, 3, p. 419-429.
- FÁBREGAS VALCARCE, R.; LOMBERA HERMIDA, A.; RODRÍGUEZ RELLÁN, C. & PÉTREQUIN, P. (2018) – Green and/or Far Away: the case of the Alpine axes in Iberia. In CRUZ, A.; GIBAJA BAO, J. F. (eds.) – *Interchange in Pre- and Protohistory. Case Studies in Iberia, Romania, Turkey and Israel*. Oxford: Archaeopress, p. 61-68.
- FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, L.-E.; CISNEROS GARCÍA, M. I. & ARCAS BARRANQUERO, A. (2014/2015) – Primera aproximación a los aspectos funerarios durante el Neolítico reciente en el asentamiento de Arroyo Saladillo (Antequera, Málaga). *Mainake*. 35, p. 31-52.
- FERREIRA, A. M. (coord.) (2004) – *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Provença Júnior*. Castelo Branco: Instituto Português de Museus.
- FERREIRA, O. V. (1953) – Os instrumentos de fibrolite do Museu dos Serviços Geológicos. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. 37:1, p. 5-12.
- FERREIRA, O. V. & CASTRO, L. A. (1972) – O nível neolítico da Gruta das Salemas (Ponte de Lousa). *Arqueologia e História*. 9.^a série, 4, p. 399-414.
- FIGUEIREDO, A. (2006) – *Complexo Megalítico de Rego da Murta. Pré-História Recente do Alto Ribatejo (IV-IIº milénio a.C.): problemáticas e interrogações*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2 vols., policopiado.
- FIGUEIREDO, A. (2020) – Later prehistoric funerary practices in the Nabão valley: the Rego da Murta Megalithic Complex. In SCARRE, Ch. & OOSTERBEEK, L. (eds.) – *Megalithic Tombs in Western Iberia. Excavations at the Anta da Lajinha*. Oxford: Oxbow Books, p. 127-138.

- FIGUEIREDO, A. (2021) – *As primeiras arquitecturas no Centro de Portugal. O caso do complexo megalítico do Rego da Murta (Alvaiázere)*. Alvaiázere: Museu Municipal de Alvaiázere.
- FIGUEIREDO, A.; VILAS-ESTÉVEZ, B. & SILVA, F. (2018) – The Planning and Orientation of the Rego da Murta Dolmens (Alvaiázere, Portugal). *Proceedings of the Prehistoric Society*. 84, p. 207-224.
- FORENBAHER, S. (1999) – *Production and Exchange of Bifacial Flaked Stone Artifacts during the Portuguese Chalcolithic*. Oxford: Archaeopress (BAR International Series, 756).
- GAMA, R. P. (2003) – Ressuscitar Eira Pedrinha Neolítica/Calcolítica: uma nova abordagem antropológica. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, polícopiado.
- GARCÍA GONZÁLEZ, D. (2014) – Circulación de herramientas elaboradas en fibrolita en el Sureste de la Península Ibérica durante la Prehistoria Reciente. In GARCÍA ALFONSO, E. (ed.) – *Movilidad, contacto y cambio: II Congreso de Prehistoria de Andalucía*. Sevilla: Junta de Andalucía, p. 399–406.
- GARCÍA SANJUÁN, L.; FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, L. E.; BALSERA NIETO, V.; MORA MOLINA, C.; CISNEROS GARCÍA, M.; RODRÍGUEZ ARIZA, O.; LOZANO RODRÍGUEZ, J. A.; PÉREZ DÍAZ, S.; LUELMO LAUTENSCHLAEGE, R. & LÓPEZ SÁEZ, J. A. (2020) – Builders of Megaliths: Society, monumentality and environment in 4th millennium cal BC Antequera. *Journal of Archaeological Science: Reports*. 33: 102555
- GARRIDO-CORDERO, J. A.; ODRIOZOLA, C. P.; SOUSA, A. C.; GONÇALVES, V. S. & CARDOSO, J. L. (2020) – Distribution and consumption of fluorite and translucent beads in the Iberian peninsula from 6th to 2nd millennia BC. *Trabajos de Prehistoria*. 77:2, p. 273-283.
- GOMES, M. V. (2012) – Early Neolithic funerary practices in Castelo Belinho's village (Western Algarve, Portugal). In GIBAJA, J. F.; CARVALHO, A. F. & CHAMBON, P. (eds.) – *Funerary practices in the Iberian Peninsula from the Mesolithic to the Chalcolithic*. Oxford: Archaeopress (BAR International Series, 2417), p. 113-123.
- GOMES, L. F. C. & CARVALHO, P. M. S. (1995a) – A Orca dos Padrões (Mangualde, Viseu). *Estudos Pré-Históricos*. 3, p. 39-79.
- GOMES, L. F. C. & CARVALHO, P. M. S. (1995b) – Anta de Mamaltar de Vale de Fachas (Rio de Loba, Viseu). *Estudos Pré-Históricos*. 3, p. 229-241.
- GOMES, L. F. C.; CARVALHO, P. S.; PERPÉTUO, J. M. A. & MARRAFA, C. (1998) – O Dólmen da Areita (S. João da Pesqueira, Viseu). In *Actas do Colóquio «A Pré-História da Beira Interior»*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (*Estudos Pré-Históricos*, 6), p. 33-93.
- GONÇALVES, V. S. (2003) – *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*, 32).
- GONÇALVES, V. S. (2008) – *A utilização pré-histórica da gruta de Porto Covo (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal (Cascais Tempos Antigos, 1).
- GONÇALVES, V. S. (2009) – *As ocupações pré-históricas das furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais (Cascais Tempos Antigos, 3).
- GONÇALVES, V. S. (2013) – *No limite oriental do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz*. Évora: EDIA/DRCALEN (*Memórias d'Odiana*, 2ª série, 4).
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. A. (2014) – Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto. 2. Antas inéditas do grupo megalítico Crato-Nisa (Anta das Romeiras e Anta da Ferranha). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 17, p. 61-94.

- GONÇALVES, A. A. H. B. & REIS, M. L. (1981/1982) – Estudo mineralógico de elementos de adorno de cor verde proveniente de estações arqueológicas portuguesas. *Portugália*. Nova série, 2/3, p. 153-166.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. A. & PEREIRA, A. (2014) – As placas votivas (e o báculo) da Lapa da Galinha, no 3º milénio a.n.e. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 21, p. 109-158.
- GONZÁLEZ SAINZ, C. (1979) – Útiles pulimentados prehistóricos en Navarra. *Trabajos de Arqueología de Navarra*. 1, p. 149-203.
- GUERRA, A. V. & FERREIRA, O. V. (1968/1970) – Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores da Figueira da Foz. *Arquivo de Beja*. 25/27, p. 45-56.
- GUERRA, V. & FERREIRA, O. V. (1979) – A importante colecção de instrumentos de fibrolite do Museu Dr. Santos Rocha na Figueira da Foz. *Revista de Guimarães*. 89, p. 321-326.
- KÄLB, P. (1990) – Megalithgräber zwischen Tejo und Douro. In *Probleme der megalithgräberforschung Vorträge zum 100. Geburtstag von Vera Leisner*. Bernin: Walter de Gruyter, p. 19-33 (Madrider Forschungen 16).
- LEISNER, V. & RIBEIRO, L. (1966) – A escavação do Dólmen-Orca das Castenairas, Fráguas – Vila Nova de Paiva. In *Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos (*Lucerna*, 5), p. 376-382.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. V. (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du vase campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. (*Memória*, nova série, 8).
- LEISNER, V. (1998) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. 4.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Süden*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura (reeditado por Uniarq/INIC, 1985).
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1953) – Contribuição para o registo das antas portuguesas: a região de Montargil, concelho de Ponte de Sôr. *O Arqueólogo Português*. Nova série, 2, p. 227-256.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. 2.
- LEISNER, G. (1944) – O dólmen de falsa cúpula de Vale-de-Rodrigo. *Biblos*. 20, p. 23-52.
- LEISNER, V. & RIBEIRO, L. (1968) – Die Dolmen von Carapito. *Madrider Mitteilungen*. 9, p. 11-62.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. 3.
- LOZANO RODRÍGUEZ, J. A.; CARRIÓN MÉNDEZ, F.; MORGADO RODRÍGUEZ, A.; GARCÍA GONZÁLEZ, D.; AFONSO MARRERO, J. A.; MARTÍNEZ FERNÁNDEZ, G.; MOLINA GONZÁLEZ, F. & CÁMARA SERRANO, J. A. (2010) – Materias primas, productos líticos y circulación. Informe preliminar del estudio de los ajuares de la necrópolis de Los Millares (Santa Fe de Mondújar, Almería). In DOMÍNGUEZ BELLA, S.; RAMOS MUÑOZ, J.; GUTIÉRREZ LÓPEZ, J. M. & PÉREZ RODRÍGUEZ, M. (eds.) – *Minerales y rocas en las sociedades de la Prehistoria*. Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 285-295.
- MANUPPELLA, G.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. V. (1978) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50000. Notícia Explicativa da folha 23-A, Pombal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- MATALOTO, R.; ANDRADE, M. A. & PEREIRA, A. (2016/2017) – O Megalitismo das pequenas antas: novos dados para um velho problema. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 23, p. 33-156.
- MOITA, I. (1966) – Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta. *Ethnos*. 5, p. 189-297.

- MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2011) – *Pensar o Neolítico Antigo: contributo para o estudo do Norte de Portugal entre os VII e o V Milénios a.C.* Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta (*Estudos Pré-históricos*, 16).
- MOURA, H., & AUBRY, T. (1995) – A Pré-história recente da Serra de Sicó. In *Iº Congresso de Arqueologia Peninsular. Actas VII*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35:3), p. 113-131.
- NEVES, C.; MARTINS, A.; ANDRADE, M. A.; PINTO, A. & MAGALHÃES, B. (2013) – Estratégias de povoamento das comunidades do Neolítico Final e Calcolítico no vale da Ribeira de Alfundão (Ferreira do Alentejo, Portugal). ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. & NEVES, C. (coords.) – *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos portugueses, p. 361-372.
- NEVES, M. J.; AUBRY, Th.; ALMEIDA, M.; BASÍLIO, L. & GABRIEL, S. (2008) – Cova do Ladrão: cronoestratigrafia e enquadramento na ocupação holocénica do Baixo Mondego (Portugal). In HERNÁNDEZ, PÉREZ, M. S.; SOLER DÍAZ, J. A. & LÓPEZ PADILLA, J. A. (coords.) – *IV Congreso del Neolítico Peninsular*. Alicante: Museo Arqueológico de Alicante. 1, p. 290-297.
- ODRIOZOLA, C. P.; SOUSA, A. C.; BOAVENTURA, R.; VILLALOBOS, R. (2013a) – Componentes de adornos de pedra verde de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): estudo de proveniências e redes de troca no 3º milénio a.n.e. no actual território português. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. & NEVES, C. (coords.) – *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 457-462.
- ODRIOZOLA, C. P.; VILLALOBOS GARCÍA, R.; BOAVENTURA, R.; SOUSA, A. C.; MARTÍNEZ-BLANES, J. M. & CARDOSO, J. L. (2013b) – Las producciones de adorno personal en rocas verdes del SW peninsular: los casos de Leceia, Moita da Ladra y Penha Verde. *Estudios Arqueológicos de Oeiras*. 20, p. 605-622.
- PAILLER, Y. (2005) – Le sciage de la fibrolite en Armorique: approche technique, implications culturelles et symboliques. In MARCHAND, G. & TRESSET, A. (dirs.) – *Unité et diversité des processus de néolithisation sur la façade atlantique de l'Europe (7e- 4e millénaire avant J.-C.)*. Paris: Société Préhistorique Française (*Mémoire*, 36), p. 225-243.
- PAILLER, Y. (2009) – Neolithic Fibrolite Working in the West of France. In O'CONNOR, B.; COONEY, G. & CHAPMAN, J. (ed.) – *Materialitas: working stone, carving identity*. Oxford: Oxbow Books (*Prehistoric Society Research Paper*, 3), p. 113-126.
- PAILLER, Y. (2012a) – L'exploitation des fibrolites en Bretagne et ses liens avec les productions alpines. In PÉTREQUIN, P.; CASSEN, S.; ERRERA, M.; KLASSEN, L.; SHERIDAN, A. & PÉTREQUIN, A.-M. (eds.) – *Jade. Grandes haches alpines du Néolithique européen. Ve et IVe millénaire av. J.-C.* Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté. 2, p.1168-1193.
- PAILLER, Y. (2012b) – La fibrolite, un matériau pour façonner des haches, mais encore? Le travail de la fibrolite au Néolithique dans l'Ouest de la France. In LABRIFFE, P.-A. & THIRAUULT, E. (dirs.) – *Produire des haches au Néolithique: de la matière première à l'abandon*. Paris: Société Préhistorique Française (*Séances de la Société Préhistorique Française*, 1), p. 121-134.
- PEREIRA, J. P. (1976/1977) – A gruta natural da Salvé Rainha (serra de Montejunto). *Setúbal Arqueológica*. 2/3, p. 49-95.
- PESSOA, M. (1983) – Vaso neolítico de Casével. *Arqueologia*. 7, p. 16-23.
- PÉTREQUIN, P.; CASSEN, S.; GAUTHIER, E.; KLASSEN, L.; PAILLER, Y. & SHERIDAN, A. (2012a) – Typologie, chronologie et répartition des grandes haches alpines en Europe occidentale. In PÉTREQUIN, P.; CASSEN, S.; ERRERA, M.; KLASSEN, L.; SHERIDAN, A. & PÉTREQUIN, A.-M. (eds.) – *Jade. Grandes haches alpines*

- du Néolithique européen. Ve et IV^e millénaire av. J.-C.* Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté. 1, pp. 574–727.
- PÉTREQUIN, P.; CASSEN, S.; KLASSEN, L. & FÁBREGAS VALCARCE, R. (2012b) – La circulation des haches carnacéennes en Europe occidentale. In PÉTREQUIN, P.; CASSEN, S.; ERRERA, M.; KLASSEN, L.; SHERIDAN, A. & PÉTREQUIN, A.-M. (eds.) – *Jade. Grandes haches alpines du Néolithique européen. Ve et IV^e millénaire av. J.-C.* Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté. 2, p. 1015-1045.
- PÉTREQUIN, P.; ERRERA, M.; MARTIN, A.; FÁBREGAS VALCARCE, R. & VAQUER, J. (2012c) – Les haches en jade alpin pendant les Ve et IV^e millénaires. L'exemple de l'Espagne et du Portugal dans une perspective européenne. *Rubricatum*. 5, p. 213-222.
- PIMENTA, J. & MENDES, H. (2015) – Casal dos Pegos I e o povoamento orientalizador do Rio da Silveira (Vila Franca de Xira). *Cira – Arqueologia*. 4, p. 19-54.
- PINHEIRO, P. A. R. (2012) – *O monumento da Orca do Pinhal dos Amiais (Nelas) no contexto do Megalitismo da Plataforma do Mondego*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.
- QUERRÉ, G.; DOMÍNGUEZ BELLA, S. & CASSEN, S. (2012) – La variscite ibérique: exploitation, diffusion au cours du Néolithique. In MARCHAND, G. & QUERRÉ, G. (eds.) – *Roches et sociétés de la Préhistoire. Entre massifs cristallins et bassins sédimentaires*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, p. 307-315.
- QUERRÉ, G.; CALLIGARO, Th.; DOMÍNGUEZ BELLA, S. & CASSEN, S. (2014) – PIXE analyses over a long period: The case of Neolithic variscite jewels from Western Europe (5th–3rd millennium BC). *Nuclear Instruments and Methods in Physics Research (Section B: Beam Interactions with Materials and Atoms)*. 318 (Part A), p. 149-156.
- ROCHA, A. S. (1888) – *Antiguidades Prehistoricas do Concelho da Figueira. Memória oferecida ao Instituto de Coimbra*. 1.^a parte. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- ROCHA, A. S. (1891) – *Antiguidades Prehistoricas do Concelho da Figueira. Memória oferecida ao Instituto de Coimbra*. 2.^a parte. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- ROCHA, A. S. (1895) – *Antiguidades Prehistoricas do Concelho da Figueira. Memória oferecida ao Instituto de Coimbra*. 3.^a parte. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- ROCHA, A. S. (1900) – *Antiguidades Prehistoricas do Concelho da Figueira. Memória oferecida ao Instituto de Coimbra*. 4.^a parte. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- ROCHA, A. S. (1905) – *O Museu Municipal da Figueira da Foz: Catálogo Geral, com indicação dos escriptos e desenhos que se têm publicado sobre muitos dos objectos catalogados*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana.
- ROCHA, A. S. (1949) – *Memórias e Explorações Arqueológicas. I. Antiguidades préhistóricas do concelho da Figueira da Foz*. Coimbra: Universidade de Coimbra, (*Acta Universitatis Conimbrigensis*).
- ROCHA, L.; BRANCO, G.; MONTEIRO, A. & SILVA, F. (2018) – Estudo do espólio arqueológico da anta da Casa da Moura (Soure, Portugal). In SENNA-MARTÍNEZ, J. C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A. F. (eds.) – *De Gibraltar aos Pirinéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 263-276.
- ROCHA, M.; NETO, N.; REBELO, P.; MARTINS, F. & CARDOSO, J. L. (2023) – O complexo do Neolítico Final e do Calcolítico da Travessa das Dores/Rio Seco (Ajuda – Lisboa): resultados das escavações realizadas no sector do Rio Seco (2017/2018). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 33, p. 35-108.
- RODRIGUES, F. (2015) – *O sítio da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) e a emergência dos recintos de fossos no SW peninsular nos finais do 4.^o milénio a.n.e.* Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Algarve. 2 vols., policopiado.

- RODRIGUES, M. C. (1975) – *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.
- RODRIGUES, F. & ZILHÃO, J. (2021) – O conjunto artefactual do Neolítico médio da Sala do Ricardo, Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas). In GONÇALVES, V. S. (ed.) – *Terra e Sal. Das antigas sociedades camponesas ao fim dos tempos modernos. Estudos oferecidos a Carlos Tavares da Silva*. Lisboa: Uniarq/FLUL (*Estudos & Memórias*, 16), p. 153-162.
- RODRÍGUEZ RELLÁN, C.; FÁBREGAS VALCARCE, R.; CASSEN, S.; PÉTREQUIN, P. & CARVALHO, A. F. (2021) – Verde que te quiero. La circulación prehistórica de variscita y jadeíta en la península ibérica y Europa occidental. In *Actualidad de la investigación arqueológica en España III (2020-2021). Conferencias impartidas en el Museo Arqueológico Nacional*. Madrid: Ministerio de Cultura y Deporte, p. 299-317.
- SANTOS, M. F. & FERREIRA, O. V. (1969) – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. 3.^a série, 3, p. 37-62.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1982) – Materiais campaniformes do concelho de Oliveira do Hospital (distrito de Coimbra). *Clio – Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*. 4, p. 19-34.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1983) – Ideologia e práticas funerárias no Megalitismo das Beiras: a sepultura periférica do quadrante NW da mamoa do dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento, Arganil. *Revista de História Económica e Social*. 1, p. 1-27.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989a) – *Pré-História recente na Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sócio-cultural*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 vols., policopiado.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989b) – O Megalitismo da bacia do Médio e Alto Mondego: uma primeira proposta de faseamento. In *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu: Governo Civil de Viseu, p. 83-97.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994a) – Megalitismo, habitat e sociedades: a Bacia do Médio e Alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c. 5200-3000 BP). In *Actas do Seminário «O Megalitismo no Centro de Portugal: novos dados, problemáticas e relações com outras áreas peninsulares»*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (*Estudos Pré-Históricos*, 2), p. 15-29.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994b) – A Orca de Santo Tisco: resultados preliminares da campanha 1(92). In *Actas do Seminário «O Megalitismo no Centro de Portugal: novos dados, problemáticas e relações com outras áreas peninsulares»*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (*Estudos Pré-Históricos*, 2), p. 43-54.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1996) – Do espaço doméstico ao espaço funerário: ideologia e cultura material na Pré-História Recente do centro de Portugal. *Ophiussa*. 0, p.65-76.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. & PEDRO, I. (eds.) (2000) – *Por Terras de Viriato. Arqueologia da Região de Viseu*. Viseu/Lisboa: Governo Civil do Distrito de Viseu/Museu Nacional de Arqueologia.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (1999) – Espaço funerário e «espaço cénico»: a Orca do Folhadal (Nelas). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 5, p. 21-34.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (2008) – Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Veiga Ferreira e o megalitismo da Beira Alta, meio século depois. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 16, p. 317-350.
- SHEE-TWOHIG, Elizabeth (1981) – *The Megalithic Art of Western Europe*. Oxford: Clarendon Press.
- SILVA, A. M. (2002) – *Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico final/Calcolítico*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, policopiado.

- SILVA, A. M. (2020) – The megalithic builders: new data on old bones from Megalitho do Facho (Figueira da Foz, Portugal). *Documenta Praehistorica*. 47, p. 390-403.
- SILVA, A. M. (2021a) – Insights into the funerary practices in the dolmen of Cabecinha (Figueira da Foz, Portugal). *Documenta Praehistorica*. 48, p. 328-339.
- SILVA, A. M. (2021b) – Os ocupantes dos monumentos megalíticos da região da Figueira da Foz escavados por Santos Rocha: o que os seus restos ósseos nos revelam. In FERREIRA, A. M. & VILAÇA, R. (coords.) – *Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz*. Figueira da Foz/Coimbra: Câmara Municipal da Figueira da Foz/Universidade de Coimbra (*Conimbriga Anexos*, 7), p. 110-127.
- SILVA, F.; MONTEIRO, A.; BRANCO, G. & ROCHA, L. (2017) – Anta da Casa da Moura: um monumento megalítico no Maciço Calcário do Sicó. In ARNAUD, J. M. & MARTINS, A. (coords.) – *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 519-528.
- SIMÕES, A. I. M. (2023) – *Megalitismo das Terras de Sicó. Arquitecturas e materiais de construção*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, policopiado.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1973) – Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal) In *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: associação dos Arqueólogos Portugueses. 1, p. 7-42.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (2023/2024) – Necrópole protomegalítica do complexo arqueológico do Pessegueiro-Sines. Costa Sudoeste portuguesa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 26/27, p. 9-28.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. & DUARTE, S. (2021) – O sítio do Neolítico Antigo de Montum de Baixo (Melides – Alentejo Litoral). *Ophiussa*. 5, p. 63-101.
- SOUSA, A. C. (2004) – A necrópole do Neolítico final de Pragais: velhos dados, novas leituras. In FERREIRA, A. M. (ed.) – *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco: Instituto Português de Museus, p. 90-111.
- SOUSA, A. C. (2016/2017) – Os tempos do Neolítico na região de Lisboa: o povoamento. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 23, p. 459-518.
- SOUSA, A. C. (2021) – *O Penedo do Lexim (Mafra) no Neolítico Final e Calcolítico da península de Lisboa*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural (*Trabalhos de Arqueologia*, 56).
- SOUSA, A. C.; MIRANDA, M. & VAN CALKER, D. (2020/2021) – Um fosso nos Gonçalves? Os dados e as questões em aberto no povoamento neolítico de Mafra. *Boletim Cultural de Mafra*. 2.^a série, 2, p. 151-188.
- SPINDLER, K. (1969) – Die Kupferzeitliche Siedlung von Penedo/Portugal. *Madriider Mitteilungen*. 10, p. 45-116.
- SPINDLER, K. (1976) – Die Neolitische Parede-Gruppe in Mittel Portugal. *Madriider Mitteilungen*. 17, p. 21-75.
- SPINDLER, K. (1981) – *Cova da Moura: Die Besiedlung des Atlantischen Küstengebietes Mittelportugals vom Neolithikum bis and des Ende der Bronzezeit*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern. (*Madriider Beiträge*, 7).
- TAVARES, A. A. (1980) – O Dólmen de S. Pedro Dias (Poiães). *Clio – Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*. 2 p. 39-57.
- UMBELINO, C. (1998) – *Paleodietary Reconstruction of two Iberian Neolithic Populations: Sant Pau Del Camp (Spain) and Alqueves (Portugal)*. *Trace elements and dental microwear as a pathway and paleobiocultural inferences*. Dissertação de Mestrado apresentada à da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, policopiado.
- VALERA, A. C. (2003) – A neolitização na bacia interior do Mondego: um ponto da situação. *Arqueologia e História*. 55, p. 43-53.

- VALERA, A. C. (2006) – *Do Neolítico Inicial ao Final da Idade do Bronze no Interior Centro de Portugal. Territórios da Pré-História em Portugal 3*. Tomar: CEIPHAR (Arkeos, 21).
- VALERA, A. C. (2017) – Beakers in Central Portugal: Social roles, confluences and strange absences. In GONÇALVES, V. S. (ed.) – *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: Uniarq/FLUL (*Estudos & Memórias*, 10), p. 214-229.
- VALERA, A. C. (ed.) (2013) – *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica (*Era Monográfica*, 1).
- VALERA, A. C. & ANDRÉ, L. (2016/2017) – Aspectos da interacção transregional na Pré-História Recente do Sudoeste peninsular: interrogando as conchas e moluscos nos Perdigões. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 23, p. 189-218.
- VALERA, A. C. & NUNES, T. (eds.) (2020) – *Vale de Barrancas 1. A necrópole de hipogeus do Neolítico (Mombeja, Beja)*. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica (*Era Monográfica*, 4).
- VALERA, A. C.; REIS, H.; PEREIRO, T. & RAMOS, R. (2020) – O povoado do Neolítico Antigo da Senhora da Alegria e a problemática da contextualização da cerâmica impressa no centro litoral de Portugal. In PARDO-GORDÓ, S.; GÓMEZ-BACH, A.; MOLIST MONTÑA, M. & BERNABEU AUBÁN, J. (eds.) – *Contextualizando la cerámica impresa: Horizontes culturales en la península Ibérica*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, p. 183-200.
- VALERA, A. C.; EVANGELISTA, L. S.; FURTADO, C. & CORREIA, F. (2023) – Os sepulcros da Pré-História Recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologia. In ARNAUD, J. M.; NEVES, C. & MARTINS, A. (coords.) – *Arqueologia em Portugal. 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 267-284.
- VAN CALKER, D. (2020) – *Revisitar a Lapa da Galinha (Alcanena, Santarém): as práticas funerárias no Maciço Calcário Estremenho (4º e 3º milénios a.n.e.)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols., policopiado.
- VASCONCELLOS, J. L. (1921/1922) – Encabamento de instrumentos de pedra prehistoricos. *O Archeólogo Português*. 25, p. 288-298.
- VENTURA, J. M. Q. (1994a) – Orca 1 do Ameal (Carregal do Sal). In *Actas do Seminário «O Megalitismo no Centro de Portugal: novos dados, problemáticas e relações com outras áreas peninsulares»*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (*Estudos Pré-Históricos*, 2), p. 31-42.
- VENTURA, J. M. Q. (1994b) – O núcleo megalítico de Fiais/Ameal: problemas e perfectivas. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 2, p.1-8.
- VENTURA, J. M. Q. (1998) – *A Necrópole Megalítica do Ameal no contexto do Megalitismo da Plataforma do Mondego*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.
- VENTURA, J. M. Q. (2000) – Orca 2 de Oliveira do Conde, Carregal do Sal, Viseu. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 6, p. 1-23.
- VIJANDE VILA, E.; DOMÍNGUEZ BELLA, S.; CANTILLO DUARTE, J. J.; MARTÍNEZ LÓPEZ, J. & BARRENA TOCINO, A. (2015) – Social inequalities in the Neolithic of Southern Europe: the grave goods of the Campo de Hockey necropolis (San Fernando, Cádiz Spain). *Comptes Rendus Palevol*. 14:2, p. 147-161.
- VIJANDE-VILA, E.; DÍAZ-ZORITA BONILLA, M.; MORELL-ROVIRA, B.; OLALDE, I.; SÁNCHEZ-BARBA MUÑOZ, L.; DOMÍNGUEZ-BELLA, S.; EMSLI, S. D.; BECERRA-MARTÍN, S.; RUBIO-SALVADOR, A.; FERNÁNDEZ-SÁNCHEZ, D. S.; CANTILLO-DUARTE, J. J.; ALEMÁN-AGUILERA, I.; MORENO-MÁRQUES, A.; MOLINA-PIERNAS, E.; RAMÍREZ-AMADOR, J. L.; GÓMEZ-SÁNCHEZ, M. L.; BOTELLA-LÓPEZ, M. C.;

- RODRÍGUEZ-VIDAL, J. & RAMOS-MUÑOZ, J. (2022) – At the beginnings of the funerary Megalithism in Iberia at Campo de Hockey necropolis. *Scientific Reports*. 12: 9431.
- VILAÇA, R. (1986) – A mamoa da «Mama do Furo» (Figueira da Foz). *Trabalhos de Antroologia e Etnologia*. 26:1/4, p. 95-117.
- VILAÇA, R. (1988) – *Subsídios para a Pré-História Recente do Baixo Mondego*. Lisboa: IPPC (*Trabalhos de Arqueologia*, 5).
- VILAÇA, R. (1990) – Sondagem arqueológico no Covão d'Almeida (Eira Pedrinha, Condeixa-a-Nova). *Antropologia Portuguesa*. 8, p. 101-131.
- VILAÇA, R. & CRUZ, D. J. (1990) – *A Casa da Orca da Cunha Baixa*. Mangualde: Câmara Municipal.
- VILAÇA, R.; & CUNHA-RIBEIRO, J. P. (2008) – *Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira Litoral. Territórios da Pré-História em Portugal 4*. Tomar: CEIPHAR (*Arkeos*, 23).
- VILAÇA, R.; RIBEIRO, J. P. C. (1987) – Escavações arqueológicas na gruta dos Alqueves (S. Martinho do Bispo, Coimbra). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 27:1/4, p. 27-64.
- VILACA, R.; CARVALHO, P. S.; CATARINO, L. & PEREIRA, L. B. (2023) – Placas de contextos megalíticos del Centro de Portugal. Los casos de Arquinha da Moura (Tondela) y de Mamaltar de Vale de Fachas (Viseu). *Zephyrus*. 92, p. 39-61.
- VILAÇA, R.; CATARINO, L. & OSÓRIO, M. (2022) – Objectos miniaturizados de fibrolite da Beira Interior (Portugal). Caracterização, contextos e simbolismo numa perspectiva diacrónica. *Onoba*. 10, p. 61-73.
- VILAÇA, R.; OSÓRIO, M. & CATARINO, L. (2023) – Artefactos de fibrolite e de outras rochas congéneres, ou similares, da Beira Interior: contributos para o seu conhecimento. In FERNANDES, I. C.; SANTOS, M. T. & CORREIA, M. F. (coords.) – *Amanhar a Terra. Arqueologia da Agricultura [do Neolítico ao Período Medieval]*. Palmela: Câmara Municipal, p. 309-321.
- WILLMAN, J. Ch.; NOGUEIRA, D. C. & SILVA, A. M. (2024) – Reassessing trauma in a Late Neolithic cranium from Megalith da Capella (Figueira da Foz, Portugal). *Anthropologischer Anzeiger – Journal of Biological and Clinical Anthropology*. 81:3, p. 341-349.
- XAVIER, P.; MEIRELES, J. & ALVES, C. (2020) – Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira. In ARNAUD, J. M.; NEVES, C. & MARTINS, A. (coords.) – *Arqueologia em Portugal/2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 771-782.
- XAVIER, P.; MEIRELES, J. & ALVES, C. (2022) – Living in the Mountains. Late Mesolithic/Early Neolithic Settlement in Northwest Portugal: Rock Shelter 1 of Vale de Cerdeira (Vieira do Minho). *Open Archaeology*. 8, p. 608-633.